Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Terça-feira 2.4.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 593 / € 1,50 / Direção interina Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)

GOVERNO TOMA POSSE SOB PRESSÃO

TODOS PEDEM MAIS FUNCIONÁRIOS E MELHORES SALÁRIOS

FUNÇÃO PÚBLICA Sindicatos e oposição exigem mais investimento no Serviço Nacional de Saúde, na Educação, na Segurança, na Defesa e na Habitação. Governo está obrigado a negociar e a manter as "contas certas" sem travar o investimento. As "matérias de consenso" vão juntar AD e PS num bloco central "institucional".

PÁGS. 4-7

1.º TRIMESTRE

Renováveis abastecem 89% do consumo de eletricidade

PÁG. 15

AMBIENTE

Agricultores do Algarve defendem fim de restrições ao consumo de água

PÁG. 12



MÉDIO ORIENTE

IRÃO PROMETE RESPOSTA DURA A ATAQUES DE ISRAEL NA SÍRIA

ÚLTIMA

LOUAI BESHARA / AFP

TAÇA DE PORTUGAL BENFICA-SPORTING, UM DÉRBI COM VISTA PARA O JAMOR E PARA AS DECISÕES DO TÍTULO PÁGS. 22-23

Turquia

Imamoglu reeleito em Istambul assume-se como o grande rival de Erdogan

PÁG. 17



YASIN AKGUL / AFP

José Pedro Teixeira Fernandes

INVESTIGADOR NO IPRI

"Há uma cultura estratégica no Kremlin impregnada de rivalidade com o Ocidente"

PÁG. 20

Nuno Palma

HISTORIADOR E ECONOMISTA

"É absurdo e factualmente falso dizer que a culpa do atraso do país em 1974 era do Estado Novo"

PÁGS. 8-9

ONDE ESTAVA HÁ 50 ANOS?

ANTÓNIO SOBRINHO

GEÓGRAFO

PÁG. 3



Até ver...

Ricardo Simões Ferreira
Editor do Diário de Notícias

A importância de *3 Corpos* e de outras coisas do género

Uma das funções dos cientistas é prever corretamente cenários futuros a partir das circunstâncias observadas no presente. No livro *Um Mundo Infestado de Demónios: A Ciência como uma vela na escuridão*, Carl Sagan escreveu: "Vivemos numa sociedade extremamente dependente de ciência e tecnologia, na qual pouquíssimos sabem alguma coisa sobre ciência e tecnologia. Isto é uma clara prescrição para o desastre." Fê-lo em 1995 – há quase 30 anos, portanto! –, e a observação mantém-se hoje tão válida quanto então.

Apesar de as universidades, a nível global, estarem a "produzir" um número de engenheiros, matemáticos, físicos, etc., como nunca antes visto, a verdade é que a grande, enorme, maioria da população não tem os mais rudimentares conhecimentos científicos. Por exemplo, não é capaz de perceber a tabela periódica, tem dificuldades em descrever a constituição do átomo – afinal, aquilo de que somos todos feitos; ou, até, não sabe que a luz visível são frequências eletromagnéticas exatamente iguais ao *wi-fi* do seu telemóvel. E a quantidade de pessoas, mesmo com 20 e poucos anos, que acredita em astrologia apenas é sinal de que o nosso verdadeiro lugar e minúscula dimensão no Universo é algo que o Sistema de Ensino nunca foi capaz de lhes transmitir.

Para mim, se há sinal da falência do sistema universal de Educação é precisamente o facto de continuarmos a "dourar a pílula" às nossas crianças relativamente aos factos científicos – e nem falemos das questões americanas de trazer a religião para as escolas, que com o crescimento em Portugal dos evangélicos, é um risco ao virar da esquina... Já bem basta a primazia das "ciências sociais" sobre *hard science* nos *curricula* e o inenarrável programa de Educação para a Cidadania que, claro, inclui absolutamente nada sobre literacia financeira –, porque o que é mesmo ideal é usar declarações automáticas de IRS sem saber se se está a deduzir tudo o que podia ou se o Governo está a cobrar a mais.

Também isto é um reflexo da sociedade que criámos. Usando um lugar comum: colhemos o que plantamos. Mas talvez haja sinais de esperança, vindos de fora.

Desde pelo menos Júlio Verne que a boa ficção científica popular consegue o duplo propósito de fazer sonhar – ser uma forma de escapismo dos problemas do dia a dia – e interessar as pessoas por ciência e engenharia. O maior exemplo disso mesmo é a americana Mae Jemison, a primeira mulher negra astronauta, que muitas vezes referia ter-se inspirado em Nichelle Nichols, a tenente Uhura em *Star Trek – O Caminho das Estrelas* original, para fazer a sua carreira.

A julgar pela quantidade de (pelo menos razoavelmente) boa ficção científica disponível hoje em dia nos diversos serviços de *streaming*, o interesse popular por assuntos ligados à Ciência nunca esteve tão alto no mundo desenvolvido. Há produções europeias continentais relevantes (ex. o alemão *The Signal*, da Netflix), britânicas (*The Black Mirror*), chinesas (*The Wandering Earth*, Netflix), além das muitas americanas, na qual destaco o *The Expanse* (Amazon).

A mais recente adição a esta série é *3 Body Problem*, da Netflix, baseado na trilogia de livros *Remembrance of Earth's Past* do escritor e engenheiro informático chinês Liu Cixin. A obra – que chegou a ser citada como dos livros preferidos do então presidente dos EUA Barack Obama – reflete sobre o lugar da Humanidade no Universo, a nossa capacidade de sobrevivência no planeta, questiona de que forma, realisticamente, uma civilização extraterrestre poderia (ou não) conviver connosco...

A adaptação da Netflix – feita por David Benioff e D. B. Weiss, que adaptaram *A Guerra dos Tronos* – está a ser criticada por ter "ocidentalizado" várias personagens (chinesas no original, que passaram a ser britânicas – num caso há uma que se "multiplica" em quatro) e simplificado demasiado algumas partes, tanto históricas quanto de ciência.

Quanto à primeira questão, apenas digo que os produtores sabem quem são o seu público-alvo principal. E lembro que estreou quase um ano antes *Three-Body*, a série chinesa que adapta o mesmo livro – disponível no YouTube com legendas em inglês. Há quem prefira, apesar da evidente pouca competência de alguns atores...

Já quanto à simplificação da ciência e da história que David Benioff e D. B. Weiss sentiram que tiveram de fazer, regressamos ao tema principal deste texto. A história de Liu Cixin inicia-se na *Revolução Cultural* chinesa (é a primeira cena do livro e da série) e retrata as suas atrocidades. Estas estão lá, mas um pouco *en passant*. Bem como todo o período histórico do livro, que é tão resumido que é risível – como se os argumentistas e produtores temessem que, se perdessem mais tempo nos Anos 50 e 60, fossem perder audiência. Algo que, provavelmente, aconteceria.

O mesmo relativamente à ciência. Praticamente tudo o que é retratado na série, tal como nos livros, é pelo menos teoricamente possível e está feito de forma realista. As explicações, no entanto, são na maioria das vezes tão pouco aprofundadas – ao contrário do que acontece no livro – que nunca se chega a perceber bem como as coisas funcionam. Quando o objetivo da obra é o inverso. Lá está! Deixar a ciência pela rama, não se vá perder audiências.

Seja como for, recomendo vivamente ver *3 Body Problem – O Problema dos 3 Corpos*. Porque apesar do que não explica, está suficientemente bem-feito para nos fazer pensar sobre as grandes questões – sobre nós, o planeta, o Universo. E se tiver filhos pequenos, sugiro que veja a série com eles: esta é daquelas que pode inspirá-los a fazer Ciência. E assim, um dia, a salvar-nos de nós próprios.

OS NÚMEROS DO DIA

10 261

MILHÕES DE EUROS
Foi o montante, revelado pelo Banco de Portugal que corresponde à diminuição da dívida pública em relação a fevereiro do ano passado. O total da dívida pública é agora de 268 512 milhões de euros.

2,5

TONELADAS
Foi a apreensão de carne que a Autoridade de Segurança Alimentar e Económica (ASAE) fez na *Operação Páscoa*, durante a qual foram emitidos 12 mandados de busca. Quatro indivíduos foram detidos e constituídos arguidos, com Termo de Identidade e Residência.

180

***DRONES* E MÍSSEIS**
Segundo a Administração Militar da cidade de Kiev, este foi o total de projéteis lançados pela Rússia contra a capital da Ucrânia desde o início do ano. Estão incluídos 16 foguetes hipersónicos Zircon e Kinzhal.

86

POR CENTO
Foi quanto a Liberty Media, detentora dos direitos comerciais da Fórmula 1, adquiriu do capital da Dorna, empresa promotora dos Campeonatos Mundiais de Velocidade de MotoGP, Moto2, Moto3, MotoE, *Superbikes* e Campeonato do Mundo Feminino.





2.4.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editor-chefe** Nuno Ramos de Almeida **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Alexandra Tavares-Teles, Amanda Lima, Ana Meireles, Bruno Horta, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, João Pedro Henriques, Manuel Catarino, Margarida Davim, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Sara Azevedo Santos, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida e António Mateus (coordenadores), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio, Sofia Fonseca e Valentina Marcelino **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.





PORTUGAL HÁ 50 ANOS

O que era a vida quotidiana dos portugueses há meio século, antes do 25 de Abril? O que faziam e como recordam hoje esse tempo em que eram jovens e o país era velho. E como esse mundo era retratado nas páginas do DN da época. Visado pela censura.

No DN


O AUMENTO DO PREÇO DO PETRÓLEO
INEVITÁVEL
A TRAVAGEM DO CRESCIMENTO
NA EUROPA OCIDENTAL
–advertem técnicos da E. C. E.

O "MAYOR" LONDRINO EM LISBOA
MEIA HORA EM S. BENTO
NUM ENCONTRO MUITO CORDIAL

TRADIÇÃO QUE SE MANTÉM
NAS MENTIRAS
DO DIA 1 DE ABRIL
NIXON E KISSINGER
FORAM OS ALVOS PRINCIPAIS

O PRESIDENTE AMERICANO TERIA SIDO DEMITIDO (...) E HAVIA «DESENTENDIMENTO TOTAL» ENTRE KISSINGER E NANCY (TV francesa)

EMPALIDECE A SUA ESTRELA

EUROPA O aumento do preço do petróleo fazia estremecer a Europa, com a ameaça de uma travagem na economia. O *mayor* de Londres esteve de visita a Lisboa e, nos Golã, os sírios prenderam dois oficiais da ONU. Eram desmontadas as mentiras do dia anterior.

Preço do petróleo trava Europa

TEXTO **ISABEL LARANJO**

Há 50 anos o preço do petróleo já era debatido. *O aumento do preço do petróleo – Inevitável a travagem do crescimento na Europa Ocidental*, titulava o DN. "Economistas da ONU avisaram hoje que nas estruturas monetárias e comerciais do Mundo Ocidental tal tornar-se-ia cada vez mais inevitável, a menos que se consiga uma cooperação internacional na questão do aumento do preço do petróleo", podia ler-se.

No canto superior esquerdo do jornal uma pequena notícia dava conta: *Afinal Mercúrio não tem Lua.*

Abaixo, uma fotografia de Marcello Caetano com o *mayor* de Londres, que estava de visita a Portugal. *O Mayor londrino em Lisboa – Meia hora em S. Bento num encontro muito cordial*, titulava o jornal. "*Sir* Hugh Wontner inscreveu-se no livro de cumprimentos ao chefe de Estado", noticiava o DN, dando ainda conta da visita do *mayor* londrino ao Batalhão de Sapadores Bombeiros.

No Médio Oriente continuavam os problemas. *No Golã: Os sírios prenderam dois oficiais da ONU e levaram-nos descalços para Damasco.*

Em risco estaria a CEE [Comunidade Económica Europeia, antecessora da atual União Europeia]. *A CEE em perigo: a França opõe-se à atitude do Governo britânico de renegociar a sua integração no mercado.* Em subtítulo, dava-se conta de que "os outros países apoiam a atitude da França".

O antigo primeiro-ministro britânico Winston Churchill, que ficou conhecido pelo seu papel durante a II Guerra Mundial, tinha falecido em janeiro de 1965, ou seja, há nove anos, mas a sua viúva continuava viva e de boa saúde. *A Viúva de Churchill celebrou ontem o 89.º aniversário*, era outra das notícias em destaque na primeira página do DN de há 50 anos.

Boa parte da primeira página era ainda ocupada a desfazer as tradicionais mentiras da véspera, dia 1 de abril. *Tradição que se mantém: nas mentiras de 1 de Abril, Nixon e Kissinger foram os alvos principais.* Na véspera, o jornal norte-americano *Los Angeles Post*, apostado nesta brincadeira, havia noticiado que Richard Nixon se tinha demitido da presidência americana. Na televisão francesa, o alvo foi o secretário de estado norte-americano, casado de fresco. Os franceses anunciavam um "desentendimento total" entre o casal.

Onde eu estava

António Sobrinho geógrafo, nascido em Lisboa, em 1954.



Em meados de 1973, era um jovem estudante universitário de 19 anos, que havia concluído o 1º ano do Curso de Geografia na Universidade de Lourenço Marques, assim como o Curso de Topografia nos Serviços Geográficos e Cadastrais (SGC). Nessa altura, ainda habitava na casa paterna, na cidade de Lourenço Marques. O pai, médico, e a mãe, professora do Ensino Secundário, asseguravam aos três filhos (duas raparigas e um rapaz) aquilo que achavam essencial (nomeadamente, uma boa educação), não dando relevo ao que classificavam como acessório (as extravagâncias, regra geral, não faziam parte do nosso quotidiano).

Em meados de 1973, recebi guia de marcha para me apresentar na Repartição Distrital dos SGC, no Xai-Xai (João Belo). Na ocasião, o meu pai deu-me uma caixa que continha ampolas de soro antiofídico, seringas e agulhas, que eu deveria conservar a baixas temperaturas. Se fosse picado por uma cobra, devia fazer o garrote e aplicar duas injeções, uma, superficial, na zona da mordedura, e outra intramuscular.

No mato, vivemos em tendas e palhotas. Dispúnhamos de algumas comodidades, como um autotanque, um chuveiro, uma geleira, candeeiros a gás. Um "cozinheiro" preparava as nossas refeições. Por vezes, abatíamos uma peça de caça, procurando melhorar a dieta dos auxiliares de campo africanos, homens rudes e dedicados. Quando tal sucedia, era dia de festa!

Adormecia frequentemente ao som do batuque, sobretudo quando estive acampado junto às margens do Rio Limpopo. A batucada, que se prolongava horas a fio pela madrugada, visava conservar os hipopótamos à distância dos campos de cultura da população indígena.



"No mato, vivemos em tendas e palhotas. Dispúnhamos de algumas comodidades, como um autotanque, um chuveiro, uma geleira, candeeiros a gás."

Com o aproximar do fim do ano regressei à casa paterna. No Natal de 1973, pressenti um ambiente pesado. Acabou por ser o último Natal em que todos estivemos juntos, já que o meu pai, gravemente doente, viria a falecer em março de 1974, uns dias após a intentona das Caldas da Rainha.

Entretanto, a situação militar em Moçambique ia-se degradando. Após a *Operação Nó Górdio*, que envolveu muitos efetivos e material de guerra, a guerrilha alastrava para as Regiões de Tete (onde estava a ser construída a Barragem de Cahora Bassa), Manica e Sofala (tendo a Serra da Gorongosa como santuário).

No capital, as notícias da guerra iam chegando, veiculadas através dos jornais, pela rádio, incluindo as emissões consideradas subversivas da Voz da Frelimo, ou mesmo por testemunhos de terceiros.

Nos meses que antecederam o 25 de Abril de 1974, a situação político-militar em Moçambique era crítica. O esforço de guerra gerava um descontentamento crescente e cansaço na sociedade.

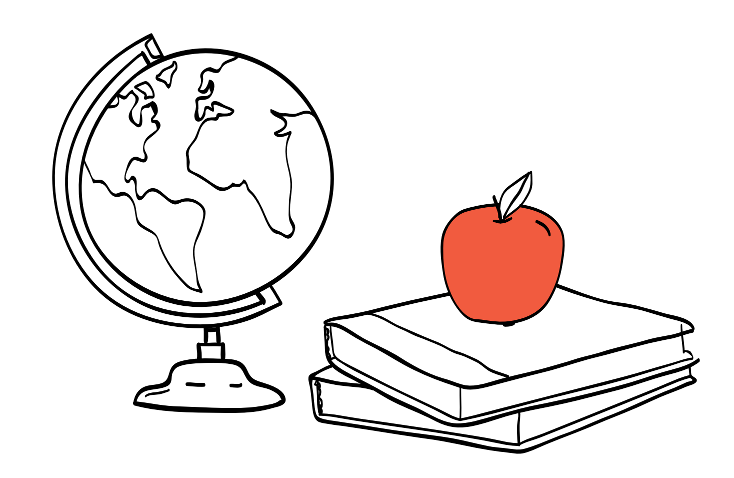
Embora com as devidas cautelas, tudo era discutido, a fim de se evitarem problemas com a PIDE. Esta, porém, mostrava-se mais "branda" no Ultramar do que na Metrópole, exceção feita quando se confrontava com elementos afetos aos nacionalistas, fossem eles militantes ou apenas simpatizantes dos movimentos de libertação, apodados de terroristas pelo regime.

Os estudantes universitários rondavam cerca de 3000 em Abril de 1974. A generalidade tinha consciência das desigualdades existentes. Paulatinamente foram influenciando comportamentos e modos de pensar, aproveitando-se simples encontros desportivos ou saraus culturais, onde se liam poemas ou se entoavam canções de protesto, para fazer passar a mensagem da necessidade da mudança de políticas e do fim à guerra.

Vastos setores da população europeia, muito embora não estivessem totalmente de acordo com a política vigente, desconheciam as intenções da Frelimo. Vivia-se um impasse que era urgente quebrar. Isso acabou por acontecer com a Revolução do 25 de Abril. Num primeiro momento, exultei de alegria, mas pouco depois percebi que Moçambique iria acabar para mim.

Depoimento recolhido por Alexandra Tavares-Teles

GOVERNO As 5 urgências de Luís Montenegro



Diretores escolares, professores e pais querem investimento

Mais recursos humanos (professores, técnicos especializados e assistentes operacionais), revisão da decisão da realização de exames e provas em formato digital e requalificação das escolas são alguns dos temas que a comunidade escolar quer ver na agenda do ministro da Educação, Fernando Alexandre. Ao DN, Filinto Lima, presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas (ANDAEP), conta que irá pedir uma reunião com caráter de urgência para reportar os problemas da escola pública, "pontuando, de imediato, o formato de realização das provas de aferição e finais, devolução dos 6 anos 6 meses e 23 dias e escassez de professores".

"Esperamos um forte investimento nos recursos humanos das escolas, edificado e materiais e que faça da auscultação à Associação Nacional de Diretores um modo de trabalho para tomar as melhores decisões", sublinha.

Já a Missão Escola Pública, um movimento apartidário de professores, apresenta nove reivindicações, de caráter urgente, pedindo resposta às mesmas em 60 dias. Os professores pretendem o "agendamento da recuperação de todo o tempo de serviço; a alteração ao atual modelo de Avaliação Docente; a eliminação das quotas de acesso aos 5.º e 7.º escalões; a alteração ao modelo de gestão, tornando-o democrático; a definição de ajudas de custo para os docentes deslocados; a anulação da possibilidade de recrutamento de professores por parte dos diretores, anulando esta ideia de reforço dos seus poderes autocráticos; o decretamento do fim das provas em formato digital; a implementação de medidas que visem combater o facilitismo e a indisciplina; a revisão do decreto que define a habilitação própria para a docência; a implementação de medidas que promovam uma verdadeira inclusão, quer de alunos com necessidades educativas especiais, quer de alunos estrangeiros; e o agendamento de reuniões de trabalho cujo objetivo seja a substituição das aprendizagens essenciais por programas mais exigentes, bem como a redefinição da carga horária das diferentes disciplinas".

Pedidos que, na ausência de resposta por parte do Ministério da Educação (ME), podem levar ao agendamento de "ações de protesto no início da nova legislatura". **C.V.**



Salários, condições e tempo de serviço: as exigências da Saúde

A Saúde será uma das áreas onde a capacidade negocial terá de ser grande. No anterior Governo, médicos e enfermeiros reivindicaram melhores condições salariais e de trabalho e, para os sindicatos dos médicos e enfermeiros, a prioridade é exatamente essa.

Ouvido pelo DN, o novo secretário-geral do Sindicato Independente dos Médicos (SIM), Nuno Rodrigues (que lidera o SIM desde 23 de março) estabelece um conjunto de desafios: "O acesso à profissão, a fixação de médicos no SNS, até pela melhoria de condições. Só assim se consegue alcançar o objetivo de dar médicos de família a todos."

Nuno Rodrigues espera ainda que o Governo de Luís Montenegro aproveite o acordo intercalar assinado entre o SIM e o anterior Executivo, com o objetivo de aumentar as remunerações mais baixas. "Era urgente dar um primeiro passo para melhorar. Agora, a concretização destas medidas intercalares é importante. Os médicos são pessoas ponderadas e estarão sempre do lado da solução", remata.

A Federação Nacional dos Médicos (Fnam) espera que o caminho seja o de "resolver os problemas", desde logo ao "iniciar uma negociação" com os médicos. Joana Bordalo e Sá – que diz ainda não ter falado com a nova ministra da Saúde, Ana Paula Martins – estabelece, em linhas gerais, as mesmas prioridades para o arranque do mandato: melhores salários e condições de trabalho. "Para a Fnam nunca foi apenas uma questão de salários", reitera a presidente da federação sindical.

Além disso, para Joana Bordalo e Sá há ainda uma outra questão premente: é necessário mais transparência, "para que se negoceie sem jogadas de bastidores" – algo que, diz a dirigente, não aconteceu com o anterior ministro, Manuel Pizarro.

Quanto a perspetivas para o mandato de Ana Paula Martins, ex-bastonária da Ordem dos Farmacêuticos e ex-presidente do Hospital de Santa Maria, a Fnam e o SIM convergem: "Esperamos capacidade de diálogo e de negociar."

O Sindicato dos Enfermeiros Portugueses (SEP) deixou também exigências à nova ministra. Em comunicado, o SEP anunciou a entrega de um caderno reivindicativo para o início das negociações. Em cima da mesa estarão problemas comuns aos dos médicos (valorização dos salários) e dos professores, como a contagem de todo o tempo de serviço para efeitos de progressão nas carreiras. **R.M.G.**



Habitação acessível sem penalizar o AL

A pasta da Habitação enfrenta uma série de desafios que exigem a atenção imediata do novo Governo liderado por Luís Montenegro. Dos elevados custos do imobiliário ao peso dos juros nos empréstimos da casa, passando ainda pelas rendas onerosas e o descontentamento do setor do Alojamento Local (AL), a ordem de trabalhos antecipa-se complexa.

Dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), ajudam a desenhar o cenário. Em 2023, o índice de preços da habitação aumentou 8,2%, tendo o preço mediano de alojamentos familiares ascendido aos 1641 euros por metro quadrado (m^2), no final do terceiro trimestre, traduzindo um acréscimo homólogo de 10%.

Sendo nos centros urbanos e metropolitanos onde as famílias mais lutam para encontrar um lar a preços aceitáveis, o novo Executivo terá à sua responsabilidade pôr em prática políticas que não só mitiguem o impacto da especulação imobiliária, como também promovam a construção de habitações acessíveis para garantir que o mercado seja mais inclusivo para grupos vulneráveis, como agregados de baixos rendimentos, jovens e idosos.

Do lado do arrendamento,

EXIGÊNCIAS São três as que atravessam os principais setores da Administração Pública: mais funcionários, melhores salários e condições de trabalho. Numa palavra: mais investimento no SNS, na Educação, na Segurança e na Defesa. A habitação, que deixou de ser ministério autónomo, é um dos principais problemas que o Governo tem em mãos. E depois há as "contas certas" sem que o investimento seja travado. São reivindicações de sindicatos e oposição à esquerda que a AD de Montenegro, cujo Governo toma posse hoje às 18.00 no Palácio da Ajuda, vai enfrentar nas próximas semanas. E vai haver acordos com PS? "Inevitavelmente", as "matérias de consenso" vão juntar socialistas e social-democratas num bloco central "institucional". TEXTO **ARTUR CASSIANO**

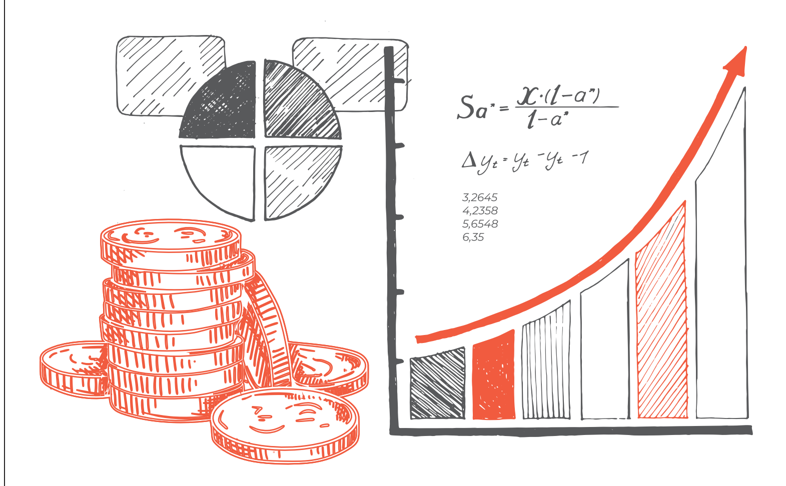


mostra o INE que a renda mediana dos novos contratos cresceu 11,6% no ano passado, para 7,21 euros por m^2 – numa casa com 80m^2, traduz-se isto em 576,8 euros por mês, sendo que em Lisboa o valor médio aumentou para 11,93 euros por m^2.

Perante esta subida acentuada, na lista dos desafios do novo Executivo consta ainda rever e ajustar as políticas de arrendamento, por forma a garantir uma maior estabilidade aos inquilinos e condições favoráveis para os proprietários.

No seu programa eleitoral, a Aliança Democrática defende que medidas como o arrendamento forçado e o congelamento de rendas, presentes no programa *Mais Habitação*, não são a solução, e a intenção é revogá-las.

Apontado pelo Governo socialista como um dos principais causadores da escassez de habitação disponível para arrendamento a longo prazo, o Alojamento Local foi alvo de deliberações polémicas, com a introdução de limites ao número de AL em determinadas áreas. O novo Governo já vincou que quer reverter as "medidas penalizadoras", que passam pelo fim da Contribuição Extraordinária sobre o setor e caducidade das licenças anteriores ao programa e outras limitações legais. **M.C.D.**



Manter as "contas certas" e impulsionar o investimento

Os maiores desafios económicos e financeiros do novo Governo passam por manter a tendência dos últimos anos em matéria orçamental (continuar a entregar excedentes orçamentais para reduzir a dívida e cumprir as exigências do novo Pacto de Estabilidade, que entra em vigor em 2025).

Ao mesmo tempo, o Executivo de maioria relativa liderado por Luís Montenegro (PSD) terá de resolver os constrangimentos e atritos que têm complicado e demorado o investimento público nos últimos anos, atrasando obras e projetos de grande calibre (o novo aeroporto, é um dos maiores) ou empatado o Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), isto apesar de Portugal até ser um dos países da Europa com maiores taxas de execução. É suposto que o PRR, juntamente com os outros fundos europeus, puxe pela produtividade da economia, tornando o país menos dependente de atividades de menor valor produtivo, como as relacionadas com o turismo, e mais dependente de indústrias e tecnologias inovadoras.

Paralelamente, assumindo que a prioridade do Governo de direita é mesmo, como prometeu, descer os impostos e aumentar gradualmente os salários dos professores, pessoal médico e forças de segurança, o Orçamento do Estado para 2025 (OE2025) vai ter de arranjar espaço de manobra (cortes noutras despesas) para poder cumprir o prometido na campanha.

Se a economia crescer mais, ajuda, mas as principais instituições (como Comissão Europeia, FMI, OCDE e agências de *rating*) estão todas às espera de mais "reformas estruturais" e poupanças, sobretudo do lado da despesa. A privatização da TAP é outro dos pesos pesados que tarda em se resolver, assim como o novo aeroporto.

Segundo alguns observadores da realidade económica portuguesa, o OE 2025 deverá ser o primeiro teste de fogo de Montenegro e do ministro das Finanças, Joaquim Miranda Sarmento. "Um Governo minoritário pode enfrentar obstáculos significativos para legislar ao longo do tempo e necessitar de apoio numa base casuística. A aprovação do Orçamento de 2025 constituirá, provavelmente, o primeiro grande teste para o Governo minoritário liderado pela AD, assumindo que não será apresentada qualquer alteração ao Orçamento de 2024", espera Javier Rouillet, o analista principal que acompanha Portugal, da agência de *rating* DBRS. **L.R.R.**



Segurança e Defesa: cativar polícias e militares

Duas áreas de Soberania, Segurança e Defesa, vão estar sob escrutínio especial nesta legislatura, particularmente no próprio Governo. Margarida Blasco, no Ministério da Administração Interna, e Nuno Melo, na Defesa Nacional, têm um grande problema em comum: motivar e valorizar os seus efetivos e conseguir mais candidatos. Nas polícias, a prioridade será iniciar as negociações com os sindicatos, prometidas por Luís Montenegro, para a equiparação do Suplemento de Missão atribuído à Polícia Judiciária (PJ), no valor de 1026 euros.

As propostas concretas do PSD para executar esta medida – que não será o pagamento integral deste valor a todos os polícias uma vez que PJ tem, por lei, definido um grau de complexidade de funções só comparável aos oficiais – não são conhecidas. Um cálculo feito pelo gabinete de José Luís Carneiro, antecessor de Blasco, apontava para cerca de 155 milhões de euros o custo de um aumento para 15% do Suplemento de Risco nos oficiais e 10% para os sargentos e guardas da GNR e chefes e agentes da PSP", tendo por base a remuneração do comandante-geral da GNR e do Diretor-Nacional da PSP".

Bruno Pereira, o porta-voz da plataforma que reúne 11 sindicatos da PSP e associações da GNR, considera ser urgente a atribuição do Suplemento de Missão idêntico ao da PJ, mas, em declarações à Lusa, sublinhou que, ainda assim, só este subsídio "será muito pouco para assegurar uma viragem de paradigma que volte a robustecer e a dar dignidade" às forças de segurança.

O centrista Nuno Melo também terá de procurar soluções para inverter a queda no número de militares ao serviço das Forças Armadas – em 2023 continuou a cair, atingindo o efetivo mais reduzido de sempre, com pouco mais de 21 mil para os três Ramos (apenas 68% dos 30 840 autorizados pelo Decreto-Lei n.º 6/2022). Numa altura em que a discussão sobre a eventual necessidade do regresso do Serviço Militar Obrigatório voltou a estar na agenda, o novo ministro precisa de medidas urgentes para que Portugal tenha capacidade de recursos humanos para continuar a participar nas missões de defesa coletiva inseridas nas organizações internacionais a que pertence, como a NATO. Conseguir também um orçamento para a Defesa que alcance os 2% do PIB, que PSD e o CDS há muito defendem (em 2023 foi 1,48%), é outra prioridade. **V.M.**

Um bloco central de "inevitáveis" acordos institucionais

GOVERNAÇÃO As "matérias de consenso" e as outras que vão "inevitavelmente" obrigar a entendimentos entre PS e PSD antes do momento decisivo: a aprovação do Orçamento do Estado 2025.

TEXTO **ARTUR CASSIANO**

De acordo em acordo por via "institucional" evitando as questões de ordem "programática"? "Avaliar medida a medida" ou chumbar mesmo o Orçamento do Estado? "Cofres cheios" ou cofres já meio esvaziados pelo OE2024? As dúvidas que no PS se diz não existirem, uma espécie de não é não socialista, evitando que se crie a ideia pública de um bloco central ou, como diz fonte parlamentar do PS, um "dar a mão" que segure a AD de Montenegro travando Ventura que "só beneficiará com outra crise e novas eleições antecipadas", podem não ser "certezas absolutas. Há que perceber a cada dia o que podem ser matérias de consenso".

E esta foi, de resto, a expressão usada por Pedro Nuno Santos ao admitir que "tendo em conta que pode ser necessário alterar limites de despesa, nós estamos disponíveis para viabilizar um orçamento retificativo que esteja limitado às matérias de consenso (...) Eu próprio farei o contacto como líder da coligação para disponibilizar, para demonstrar esta disponibilidade do PS, indicarmos mesmo dois nomes que possam, no prazo de 30 dias, construir um acordo que nos permita encontrar uma solução até ao verão para resolvermos a situação destes profissionais da administração pública (professores, forças de segurança, profissionais de saúde e oficiais de justiça) ainda antes do início das férias de verão".

"Ora, aqui está um exemplo", diz fonte social-democrata, "de uma proposta de um acordo programático pelo caminho institucional" que não se esgotará, admite, num orçamento retificativo por haver outras "matérias de consenso" que vão, "inevitavelmente", obrigar a "mais acordos e entendimentos".

E falta saber, acentua, se a AD vai mesmo queimar um "terceiro acordo institucional" [o primeiro foi a negociação que levou a eleição de Aguiar-Branco para presidente da Assembleia da República] ou se guardará essa possibilidade para outubro quando tiver que apresentar e negociar o OE2025 – ano de eleições autárquicas.

Terceiro acordo? "Sim, a discussão do Programa do Governo [a 11 e 12 de abril] é, na prática, o segundo acordo institucional. E há que ter em atenção o que fará o Chega. É que pode parecer que votam a favor e depois acontece o mesmo [o chumbo de Aguiar-Branco em três votações] porque PS e PSD acreditaram no que disseram. Ou seja, o PS tal como vai votar contra a moção de rejeição do PCP terá que votar em bloco, ao lado de nós, na aprovação do Programa do Governo", argumenta.

Mas há mais. Os próximos "acordos ou entendimentos" estão relacionados com garantias dadas a Bruxelas, pelo primeiro-ministro cessante, e que envolvem mais de 15 mil milhões de euros do PRR. Ainda que no PS a palavra de ordem seja "avaliar", o que parece "inevitável" é que a força do "institucional" prevalecerá dado que seria "incongruente", diz fonte social-democrata, que sejam os socialistas a "chumbar medidas" que "apresentaram" a Von der Leyen, presidente da Comissão Europa, comprometendo o que ainda falta receber – seis tranches.

Daí que Costa já tenha argumentado, na semana passada, que os atrasos, se deviam às questões de um Governo em gestão e que Luís Montenegro, que hoje toma posse, não tenha alterado muito a orgânica governamental anterior.

A fase decisiva do "avaliar medida a medida" tornar-se-á evidente depois das eleições Europeias [um medir de forças, ou como diz um deputado do PS: "um tira-teimas", entre PS, AD e Chega, a 9 de junho] e logo após o verão quando o Governo tiver que apresentar o OE2025.

Há duas datas que politicamente surgem neste caminho. A primeira é 10 de setembro: Marcelo Rebelo de Sousa retomava, a partir daqui, o poder de dissolver o Parlamento e fazer uso da, como lhe chamou, "bomba atómica"; a segunda, surge um mês depois. O prazo limite para o Governo apresentar o OE para o próximo ano termina no dia 10 de outubro.

Pelo meio há uma data que pode relançar a polémica questão Chega no PSD: as eleições regionais da Madeira, a 26 de maio. O arguido presidente da Mesa do Congresso social-democrata, Miguel Albuquerque, que é de novo candidato nestas eleições já admitiu, por duas vezes, nestas últimas semanas, que se precisar fará Governo com o partido de Ventura por não ter "linhas vermelhas".

E depois, lembra um deputado socialista, "é preciso não esquecer que por esta altura já anda tudo [nas concelhias e distritais] com a cabeça nas autárquicas" que devem ser a 28 de setembro ou 5 de outubro de 2025 e que podem mudar o mapa autárquico do país: 60% dos presidentes de câmara está de saída.

artur.cassiano@dn.pt

Os "cofres cheios" de 2023, 1,2% do PIB, esvaziaram no Orçamento do Estado de 2024. Contas do PS apontam para 0,2%.

OS MINISTROS DE MONTENEGRO

10 homens, sete mulheres, uma média de idades acima dos 55 anos e com escassez de experiência governativa. A mais velha (Maria da Graça Carvalho) tem 68 anos e é a única que já foi ministra. Há seis ministros que já foram secretários de Estado.



De Real Barraca a sede de cerimónias de Estado desde o II Governo Constitucional

TRADIÇÃO Como acontece desde 1978, é no Palácio Nacional da Ajuda que hoje é dada posse ao novo Governo. Um monumento com uma história acidentada, construído para residência da família real portuguesa.

TEXTO **MARIA JOÃO MARTINS**

"Quem quer rainhas, paga-as", exclamava a Rainha D. Maria Pia, quando um membro do Governo de Sua Majestade, mais preocupado com o equilíbrio da Fazenda, ousava questioná-la sobre o excesso de despesa com baixelas, pianos de cauda, lustres e canapés que ela encomendava em Paris ou na sua Itália natal para fazer do Palácio da Ajuda o lar com que tinha sonhado. Mais de século e meio depois, já não há Rainhas caprichosas a desfilar, em vestido de cauda, pelos corredores do Palácio, mas será ali que, hoje, mais uma vez, tomará posse o novo Governo, dando assim continuidade a uma tradição iniciada com o II Governo Constitucional, a 30 de Janeiro de 1978.

Na Iª República, apesar da sanha anti-monárquica e anticlerical que movia os dirigentes políticos da nação, já existia a consciência que a antiga morada de família do casal formado por D. Maria Pia e D. Luís e seus filhos era o melhor lugar de Lisboa para cerimónias de Estado importantes, sobretudo quando aqui aportavam visitas a quem convinha impressionar. O andar nobre, decorado pelo dispendioso gosto da rainha enviada para o exílio juntamente com a nora e o neto, passou a ser o preferido do novo regime para cerimónias oficiais. Para além das tomadas de posse de Governos, na Sala D. João VI ou na sala dos Embaixadores, é aqui que habitualmente se realiza a sessão de cumprimentos de Ano Novo ao corpo diplomático creditado em Lisboa e os banquetes oferecidos aos chefes de Estado estrangeiros.

E, no entanto, tudo começou com uma barraca - real, mas barraca. Aterrorizado pela destruição do Terreiro do Paço pelo terramoto de 1755, o rei D. José I ordenou a construção, na zona ocidental da cidade (menos atingida pela tragédia) de um novo palácio, sem cantarias nem mármores, mas todo em madeira. O interior até podia ser sumptuoso, mas o povo de Lisboa não resistiu a designá-lo pelo pouco lisonjeiro epíteto de Real Barraca. Ardeu numa noite fria de 1794, num incêndio que tudo reduziu a cinzas. Em desespero, a Casa Real prometeu recompensas generosas a um pequeno exército de reclusos caso encontrassem objetos de valor nas cinzas ainda fumegantes. E, assim, ressurgem algumas pedras preciosas, cujo engaste metálico fora derretido pelo fogo.


ARQUIVO DN


LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS


ORLANDO ALMEIDA / GLOBAL IMAGENS

Em cima, a primeira tomada de posse no Palácio da Ajuda, em 1978. Almeida Santos (*na foto*) era ministro-adjunto de Mário Soares. Em 2022, a última posse de António Costa como primeiro-ministro, também na Ajuda.

Coube ao príncipe regente, D. João (futuro D. João VI) encomendar a obra de reconstrução (desta feita, em cantaria). Para isso, recorreu ao arquiteto Manuel Caetano de Sousa. A primeira pedra foi lançada, com pompa e circunstância, em Novembro doe 1795, mas a obra foi lenta, interrompida várias vezes devido às vicissitudes financeiras e políticas do país, como as invasões francesas e as lutas liberais. De resto, como é sabido a ala poente só foi concluída recentemente, com a construção do Museu do Tesouro Real.

O Palácio da Ajuda só voltaria a servir de residência privada de monarcas portugueses com D. Luís e D. Maria Pia, que casaram em 1862. Ali nasceram e cresceram os dois filhos de ambos - o futuro rei D. Carlos e o infante D. Afonso. O objetivo da jovem princesa da casa de Sabóia (era filha de Vítor Emanuel, primeiro rei da Itália unificada) foi transformar o edifício numa morada acolhedora para a família real, mas, ao mesmo tempo, suficientemente majestoso para receber os mais ilustres convidados que chegassem a Lisboa.

Com um gosto refinado (a sala azul ou o seu quarto pessoal são disso exemplo), a Rainha mandou redimensionar e renovar salas, construir casas de banho com banheiras e águas correntes, e criar novos espaços como as Salas da Música (muito ao gosto do marido), a sala chinesa ou o jardim de Inverno. Da mesma época é o atelier de pintura do Rei D. Luís.

Tão afeiçoada se sentia ao Palácio que ali ficou a residir mesmo após a morte do marido, o que levou os novos reis, D. Carlos e D. Amélia, a fixarem-se no Palácio das Necessidades, já que o temperamento de D. Maria Pia nem sempre facilitava harmoniosa convivência.

Encerrado em 1910 (e só utilizado pela Iª República em cerimónias oficiais), o Palácio da Ajuda receberia, na década de 1920, uma inesperada visita: a de Nevada Hayes, a viúva norte-americana do Infante D. Afonso. O seu objetivo era saber aquilo que podia reclamar como parte da sua herança.

Nuno Palma

“É absurdo e factualmente falso dizer que a culpa do atraso do país em 1974 era do Estado Novo”

ANÁLISE No ano em que se celebram 50 anos do 25 de Abril, o historiador económico Nuno Palma, no seu recente livro *As Causas do Atraso Português,* propõe uma visão progressista do Estado Novo, criticando algumas “políticas económicas irresponsáveis” que o sucederam.

ENTREVISTA **VÍTOR MOITA CORDEIRO**



CARLOS PIMENTEL / GLOBAL IMAGENS

O livro *As Causas do Atraso Português* chegou aos escaparates este ano com uma proposta de análise para aquilo que o autor, o historiador económico Nuno Palma, considera ser um atraso a vários níveis imputável ao país. É toda uma análise muito própria do académico que defende que Portugal teria sobrevivido melhor ao longo das últimas quatro décadas sem os os fundos da União Europeia (UE).

O que o levou a vestir o papel de historiador economista para escrever este livro?

Eu sou historiador económico. Logo, fazer investigação nesta área é a minha profissão há muitos anos. Como tal, não vesti esse papel para escrever este livro. O meu livro *As Causas do Atraso Português* tem o objetivo de divulgar a investigação científica que tem sido feita neste área, sendo também um esforço de síntese destinado tanto ao grande público como a investigadores de áreas próximas, mas que possam não estar familiarizados com a literatura científica existente. No livro ofereço também uma análise sobre as causas do nosso atraso no presente, mas principalmente enfatizo o contexto e profundidade histórica desse atraso.

Antecipando uma das ideias do seu livro, Portugal teria sobrevivido e evoluído economicamente sem a adesão à Comunidade Económica Europeia (CEE)?

Eu sou um apoiante da União Europeia, apesar de considerar que precisa de reformas sérias e urgentes. O que eu critico no livro é uma política em particular da UE: os fundos europeus que são dados aos Estados-membros mais atrasados, como é o caso de Portugal. (Ou, de forma mais precisa, que são dados às regiões mais atrasadas da UE.) A adesão do país à CEE (agora UE) vários tem aspetos positivos relacionados com a integração europeia que vão muito para além dos fundos, e relativamente aos quais Portugal pode continuar a beneficiar mesmo que os fundos acabem – o que eu considero que seria benéfico, pelos motivos que explico detalhadamente no livro.

Relativamente à segunda parte da sua pergunta, mostro no livro que as nacionalizações e a reforma agrária foram políticas desastrosas para o país. Isto não é uma matéria de opinião: os dados mostram isso de forma inequívoca. Mas o desastre não foi apenas imediato: o ambiente cultural que se viveu nessa época contribuiu para o emergir de uma atmosfera cultural e intelectual no país, que ainda hoje sobrevive de forma indireta, que se caracteriza por ser excessivamente crente na benevolência das ações do Estado e contrária à livre concorrência e ao mérito individual. Esse contexto é muito prejudicial ao desenvolvimento do país.

Como é que se mede a riqueza de um país quando o ponto de partida são fatores sociodemográficos ulteriores à economia, como a escolaridade ou o bem-estar? Seria correto medir a economia de um país apenas com base no PIB?

O PIB por pessoa é uma medida limitada – por exemplo, não mede a desigualdade –, mas é o melhor indicador único que temos relativamente ao bem-estar comparado das sociedades. Inúmeros estudos internacionais mostram que este indicador está fortemente correlacionado com várias medidas de bem-estar, e até com a felicidade autorreportada. Em suma, o PIB por pessoa não é um indicador perfeito, quando utilizado como aproximação para o nível de desenvolvimento das sociedades, mas as alternativas existentes não são necessariamente melhores. No livro, explico numa nota porque é que, por exemplo, o Índice de Desenvolvimento Humano (que é um índice compósito) apresenta fortes limitações conceptuais e metodológicas.

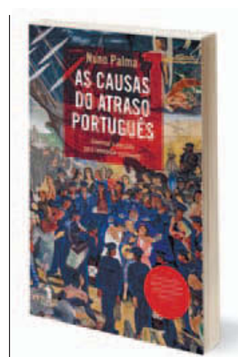
A evolução económica que atribui ao Estado Novo acontece em simultâneo com uma estagnação política?

Dizer que o Estado Novo foi uma ditadura, que censurava e oprimia, é o suficiente para condenarmos politicamente o regime. Não é preciso inventar que é um regime culpado pelo atraso do país, o que muitas vezes tem o óbvio intuito de desresponsabilizar as más escolhas que o país tem feito nas últimas décadas. Com o Estado Novo, deu-se o impulso inicial para a recuperação do atraso do país, que em termos do PIB se nota principalmente a partir dos anos 50, portanto ainda antes do impulso da EFTA [Associação Europeia do Comércio Livre] para a

abertura da economia, tendo-se intensificado na década seguinte, com essa abertura. No livro mostro que algumas das raízes dessa recuperação têm de resto origem em políticas das décadas anteriores. O problema do analfabetismo infantil, um travão ao desenvolvimento do país desde há séculos, foi decisivamente resolvido durante o regime, permitindo assim uma base de capital humano para a evolução futura. A expansão da escolaridade para níveis superiores não poderia ter acontecido de forma sistemática sem esse problema ser antes resolvido, e começou a acontecer ainda durante o regime. A falta de democracia, sendo evidentemente criticável, não deve ser confundida com estagnação política, já que as instituições e possíveis reformas políticas têm múltiplas dimensões. No livro, explico como o Estado Novo foi um regime inovador e reformista em várias dimensões institucionais: a convergência económica e aumento de bem estar (por exemplo, queda da mortalidade infantil) não aconteceram por acaso; foram resultado de políticas públicas concretas, de natureza jurídica e política.

Uma aposta nas exportações, consequência da industrialização, poderia ter dado outro tipo de sinal à Europa, talvez não implicando tantas restrições em troca de margem para produção nacional?
Portugal é uma economia pequena, sem peso relevante a nível internacional. Tem que ser uma economia aberta. No atual contexto, não é uma boa política pública o Estado tentar escolher vencedores: áreas ou setores onde investir. O Estado precisa antes de se concentrar em fazer bem as coisas que apenas o Estado pode fazer: melhorar a eficiência do funcionamento da justiça, da regulação, da saúde, e do ensino público, por exemplo. Se isso for feito de forma competente, o crescimento e a convergência virão naturalmente.

Portugal teria sobrevivido sem os 133 mil milhões de euros (excluído os fundos recentes do PRR) que recebeu de Bruxelas?
Não só teria sobrevivido, como isso teria sido saudável. Quando menos fundos europeus, melhor para o país. Especialmente a médio e longo prazo. Depois de quatro décadas a receber fundos europeus, somos dos países mais pobres da Europa. Parece-me extraordinário haver quem acha que sem esses fundos seríamos ainda mais pobres. A verdade é que seríamos mais ricos, até porque há vários mecanismos que podem ser apontados que sugerem que os fundos nos estão a fazer mal, como explico em detalhe no livro. Portugal não tem capital humano, ambiente intelectual e cultural, nem instituições suficientemente fortes para fazer uma boa utilização dos fundos. Por isso, eles estão a ter um efeito perverso para a economia.



AS CAUSAS DO ATRASO PORTUGUÊS
Nuno Palma
D. Quixote
405 páginas

Aproveito para acrescentar que um mito que existe entre a direita portuguesa é a ideia de que se estivesse (ou estiver) mais tempo no poder, os fundos europeus teriam sido (ou serão) melhor utilizados. É uma ideia sem fundamento, a meu ver. Não se pode ignorar a profundidade histórica do atraso, que vai bem para além do governo A ou B. Todos os partidos e governantes refletem o país que existe, pelo menos tanto como o moldam.

A adesão à CEE condicionou os setores em que Portugal poderia ter evoluído?
Certamente que sim, mas volto a dizer que a adesão em si foi algo positivo. O problema não é a adesão em si. Portugal iria continuar a beneficiar de outros aspetos da EU, como o livre movimento de pessoas e mercadorias, mesmo que os fundos acabassem, o que seria positivo.

Em relação à adesão à zona Euro, sente que teve impacto na nossa produtividade?
Teve um efeito transitório negativo, contribuindo também para a contração do setor transacionável da economia portuguesa. É discutível se esse foi um efeito apenas transitório ou se ainda se faz sentir. Também teve o efeito de contribuir para baixar decisivamente a inflação. Eu estou entre os que acreditam que efeitos monetários se podem fazer sentir no longo prazo, o que não é de todo consensual entre os macroeconomistas. Mas o que é preciso ter em conta, mais que tudo, é que a adoção do Euro, e os termos em que isso foi feito, foi uma decisão política. É por isso também uma decisão endógena ao contexto cultural, de capital humano, e institucional, do país: e esses, por sua vez, só podem ser compreendidos estudando a nossa História.

A política de condicionamento industrial do Estado Novo pode ter criado monopólios em determinados setores?
Sim, criaram poder de mercado, mas o condicionamento industrial e o corporativismo continuam, na verdade, vivos e de boa saúde nos nossos dias. O regime democrático manteve-os e acarinhou-os. Explico isso no livro. Na verdade, a memória do Estado Novo atrasa muito mais o país do que o Estado Novo atrasou. A mitificação que a esquerda e a extrema-esquerda, em particular, fazem desse regime, instrumentalizando a História do país, hipnotiza muitos crentes e empurra o país para políticas económicas irresponsáveis. Dizer que o Estado Novo era um regime que oprimia, por ser uma ditadura, não é o mesmo que dizer que era um regime que atrasou o país. Uma coisa não implica a outra. Podemos considerar cenários em que uma democracia mais precoce talvez tivesse desenvolvido ainda mais o país, e de resto considero alguns cenários desse tipo no meu livro. Mas isso é diferente de se dizer que a culpa do atraso do país em 1974 era do Estado Novo. Isso é absurdo e factualmente falso. Tem a mesma validade científica de se dizer que a terra é plana.

vitor.cordeiro@dn.pt



LÍBIA FLORENTINO / GLOBAL IMAGENS ANDRÉ DIAS NOBRE / AFP

Mariana Mortágua e André Ventura criticaram alguns dos ministros que hoje tomam possam.

Bloco e Chega criticam escolhas de Montenegro

CONSENSO Um dia antes da tomada de posse dos ministros, Mariana Mortágua e André Ventura argumentam contra opções políticas da AD.

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

André Ventura, assinalou ontem "um certo descontentamento das forças policiais sobre" a nomeação da ministra da Administração Interna, Margarida Blasco, motivo pelo qual o líder do Chega pediu ao primeiro-ministro indigitado, Luís Montenegro, que "reconsidere esta nomeação".

André Ventura, em declarações aos jornalistas durante uma visita ao Mercado da Ribeira, em Lisboa, insistiu numa mudança do titular da pasta da Administração Interna, defendendo que esse exercício seria "muito, muito positivo para baixar a tensão com as forças de segurança que neste momento está muito elevada".

O líder do Chega, a este propósito, lembrou que Margarida Blasco "criticou severamente o comportamento de vários polícias, nomeadamente quando foi o caso do bairro da Jamaica".

"Eu acho que num momento de tensão com as forças de segurança nós merecíamos uma ministra ou um ministro da Administração Interna mais próximo das preocupações das forças de segurança, dos guardas prisionais, das várias forças policiais", considerou André Ventura, lembrando, por fim, que o Chega deu entrada na Assembleia da República de um projeto de lei para que fosse estendido a todas as forças de segurança o suplemento de missão já atribuído à Polícia Judiciária.

Também a coordenadora do Bloco de Esquerda (BE), Mariana Mortágua, durante uma conferência de imprensa na sede do partido, deixou ontem críticas a Montenegro no que diz respeito ao elenco governativo que toma hoje posse, demonstrando uma "grande preocupação" para com os próximos tempos, vincando que a Aliança Democrática (AD), no seu programa, não apresenta "uma ideia sobre como resolver a crise na habitação, no SNS " nem "como subir salários e combater a precariedade". "Quando olhamos para os principais ministros e ministras das pastas centrais de problemas que temos de resolver, essas preocupações só se adensam", disse, elencando as críticas ao executivo, começando pela ministra da Saúde, Ana Paula Martins.

De acordo com a líder bloquista, a atual titular da pasta da Saúde durante o período em que foi presidente do conselho de administração do Hospital de Santa Maria foi "responsável pelo encerramento" do Serviço de Obstetrícia", evocando na altura "obras que nem iam acontecer naquele momento naquele edifício".

"É uma ministra da Saúde que defende a privatização do acesso à saúde, que não tem qualquer pudor em dizê-lo, que acha que o acesso à saúde deve ser privatizado, partilhado com os privados, e que está à frente da pasta do Serviço Nacional de Saúde (SNS)", acrescentou.

Continuando a apontar o dedo ao executivo escolhido por Montenegro, Mariana Mortágua, sobre o ministro da Educação e do Ensino Superior, Fernando Alexandre, disse que o governante "não tem, que se saiba, qualquer posição sobre Educação", para além de ter um percurso "aliás muito distante" deste setor.

Mariana Mortágua afirmou que a Educação e o Ensino Superior é uma "das pastas mais importantes", lembrando os "problemas tão graves na carreira dos professores", com destaque para os salários.

Neste sentido, a líder do BE recuperou ainda afirmações de Fernando Alexandre durante o período de intervenção da *troika* em Portugal, em que o atual ministro terá defendido "definitivamente o 14.º mês a todos os funcionários públicos, não-temporariamente, mas definitivamente, e defendeu cortar também definitivamente um mês nas reformas acima dos 1500 euros, porque na altura entendia que era uma boa forma de as pessoas assentarem os pés na terra e perceberem que no futuro as reformas são mais baixas".

vitor.cordeiro@dn.pt



Opinião
Pedro Cruz

O primeiro dia de um condenado

A ampulheta de Luís Montenegro como primeiro-ministro começa a contar mais logo, às seis da tarde. Este é um Governo que não vai chegar ao fim da legislatura. Aviso já que como o meu sapato se tal acontecer. É um Governo a prazo, cercado por todos os lados. Sabemos que um dia vai cair, só não sabemos quando, e porquê. Não hão de faltar oportunidades para derrubar o Executivo. Desde o Orçamento do Estado, passando por moções de censura que podem ser bem-sucedidas, até tropeções do próprio Governo que acabem por fragilizar ainda mais uma maioria tão poucochinha.

Se Pedro Nuno Santos anunciou na noite eleitoral que, no PS, "acabou a tática", ela há de voltar mais à frente, quando e se o PS sentir que tem condições para ganhar eleições. E há o Chega, essa fonte de surpresas e de instabilidade, cheio de si mesmo, que ainda não sabe bem o que fazer com 50 deputados e mais de um milhão de votos. O que falta perceber, e só o tempo o dirá, é se esta votação no Chega é estrutural, ou seja, se este passa a ser o eleitorado fixo do Chega ou se, pelo contrário, esta foi uma votação expressiva, mas conjuntural, e no futuro estes votos arrancados da esquerda à direita e à abstenção, voltam a acomodar-se nos partidos de origem, deixando o Chega com 9 ou 10%.

Ao PSD tem servido o exemplo de Cavaco Silva e do seu primeiro Governo, minoritário. Em 1985, o PRD fundado por Ramalho Eanes, também se intrometeu entre os grandes e teve um grupo parlamentar robusto e surpreendente. A história diz-nos que foi esse mesmo PRD a derrubar o Governo e a desaparecer a seguir. O Chega também sabe disto. Mas não estamos em 1985 e não é certo que a história se venha a repetir.

O caminho de Montenegro é sobre gelo fino. O Governo não vai ter tempo para um estado de graça, para os famosos 100 dias sem preocupações. Antes disso há eleições, europeias, e os partidos voltam à estrada para uma campanha quase colada à das legislativas.

Ter um Governo condenado, pode, por outro lado, não ser mau. A expectativa está muito baixa, não só pela instabilidade da composição parlamentar, como, precisamente, pela escassez da maioria. Nesse sentido, os eleitores podem vir a ser surpreendidos pelo desempenho de um Executivo que não tem nada a perder. Sabe que mais tarde ou mais cedo, acaba derrubado e, portanto, a margem de manobra é maior.

Os primeiros meses de governação são decisivos para criar no eleitorado a perceção do que aí vem. Pelas escolhas dos ministros, Montenegro foi inteligente. Tem um núcleo duro pequeno e com bastante experiência política e, ao mesmo tempo, independentes e técnicos em áreas fundamentais.

Talvez este Governo surpreenda. Ou não. Mas, ao mesmo tempo, nunca como agora a oposição estará a ser, também, avaliada. Cavaco Silva passou de um Governo minoritário para uma maioria absoluta, porque o eleitorado entendeu que o Governo frágil estava a governar bem. E convém não esquecer que, nos últimos quatro anos, houve, por três vezes, eleições legislativas. Nas últimas, o mandato foi claro – maioria absoluta. O PS recebeu um mandato que não foi capaz de cumprir para governar sozinho e por quatro anos.

Talvez, mais tarde ou mais cedo, os eleitores queiram fazer o mesmo – dar carta de alforria a um Governo, para que não haja eleições de dois em dois anos. Montenegro tem a cabeça a prémio. Mas, pela primeira vez em muitos anos, a oposição também. Estão todos sobre gelo fino. Com uma sociedade a ver o que vai acontecer e como vai acontecer.

Jornalista

Da Indonésia ao Reino Unido. Quem são alguns dos portugueses detidos lá fora?

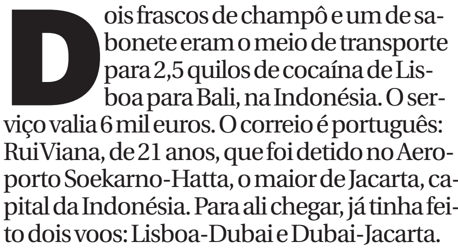
JUSTIÇA Em 2022, havia 1359 portugueses detidos no estrangeiro, segundo o *Relatório Anual de Segurança Interna* (RASI). Nos últimos dias, houve mais dois casos mediáticos a vir a público, em pontos diferentes do globo. O DN explica aqui o que está em causa, do que são acusados e que penas podem ser aplicadas a cada um dos arguidos nestes processos.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**



POLÍCIA INDONÉSIA

De Lisboa a Bali, 2,5 quilos de cocaína e 6 mil euros



Dois frascos de champô e um de sabonete eram o meio de transporte para 2,5 quilos de cocaína de Lisboa para Bali, na Indonésia. O serviço valia 6 mil euros. O correio é português: Rui Viana, de 21 anos, que foi detido no Aeroporto Soekarno-Hatta, o maior de Jacarta, capital da Indonésia. Para ali chegar, já tinha feito dois voos: Lisboa-Dubai e Dubai-Jacarta.

Indo para Bali, famoso destino turístico naquele país, a droga só foi detetada devido ao comportamento suspeito de Rui Viana. Citado pelo jornal *IDN Times*, o chefe de Execução e Investigação da Alfândega do aeroporto explicou: "Os agentes aduaneiros que faziam a vigilância na zona de chegada dos passageiros internacionais desconfiaram do comportamento de Rui, que parecia hesitante e que, por várias vezes, parou de andar enquanto fazia chamadas telefónicas ao entrar na zona de inspeção."

Segundo Zaky Firmansyah, o corpo do português tremia antes da entrada dos objetos na máquina de raios-X. Foi então que os dois frascos de champô – embrulhados em plástico – e o frasco de sabonete levantaram suspeitas, por terem um "odor químico". Nessa altura, a droga em estado líquido foi descoberta.

Foi também feito um exame corporal ao português. Em interrogatório, admitiu o esquema e disse que a droga lhe fora entregue ainda em Portugal, por uma pessoa que lhe fora apresentada por um amigo. No entanto, citado pelo jornal *Tempo*, o chefe alfandegário mencionou que, aquando da detenção, o português disse que nunca tinha estado no país, que não era o proprietário das drogas e que estas lhe tinham sido dadas três horas antes do voo "por alguém que não conhecia".

Zaky Firmansyah disse também que Rui Viana "recebeu uma passagem para voar para Bali, com partida às 17.05 do dia 17 de março. Tinha também alojamento pago na área de Pecatu".

As investigações levaram então a outro português: Fernando Sousa, cuja casa é alvo de uma rusga. Descobre-se então cocaína em pó, pronta a consumir, pesando menos de uma grama.

As informações iniciais apontavam para uma pena máxima de 20 anos de prisão, mas na Indonésia o crime é passível de dar pena de morte, esclareceu a polícia indonésia – que não disse, no entanto, o que o Estado pode fazer. Como é costume no país, os suspeitos já apareceram nas televisões (*ver foto*), durante uma conferência de imprensa. Na ocasião, Fernando Sousa aproveitou para mostrar aparentes marcas de violência.

O caso é complexo, a extradição é difícil. Mas não impossível e os tribunais portugueses podem ter um papel importante, emitindo um mandado de detenção. A Polícia Judiciária já disse estar a tentar identificar todos os envolvidos no caso e a tentar perceber se a droga saiu de Portugal. A diplomacia já está em ação e a família de Rui Viana já pediu apoio à embaixada. Além disso, se forem condenados a penas de prisão, Rui e Fernando podem pedir o seu cumprimento em Portugal.



D.R. / ARQUIVO DN

Hacker português arrisca 57 anos de prisão nos EUA

Diogo Santos Coelho tem 24 anos e arrisca passar mais 57 numa prisão americana. Detido no Reino Unido, a extradição para os EUA não está assegurada, mas é um cenário que parece cada vez mais provável.

A semana passada, o ministro de Estado para a Segurança do Reino Unido, Tom Tugendhat, não quis ouvir os argumentos apresentados pela defesa do *hacker* português e optou por dar seguimento ao pedido de extradição emitido pelos Estados Unidos. Em fevereiro, um juiz decretou a transferência do jovem para Portugal, após consulta do pedido feito pelos advogados de Diogo. Mas como havia o pedido dos Estados Unidos, o Ministério Público inglês decidiu que o caso devia ser enviado para o ministro, que tem autoridade para tomar a decisão final. Tom Tugendhat não quis ouvir os argumentos da defesa e decidiu pelo pedido dos Estados Unidos, onde o *hacker* está acusado de vários crimes de conspiração, fraude no acesso a dispositivos e roubo de identidade agravado. A defesa tem três meses para recorrer.

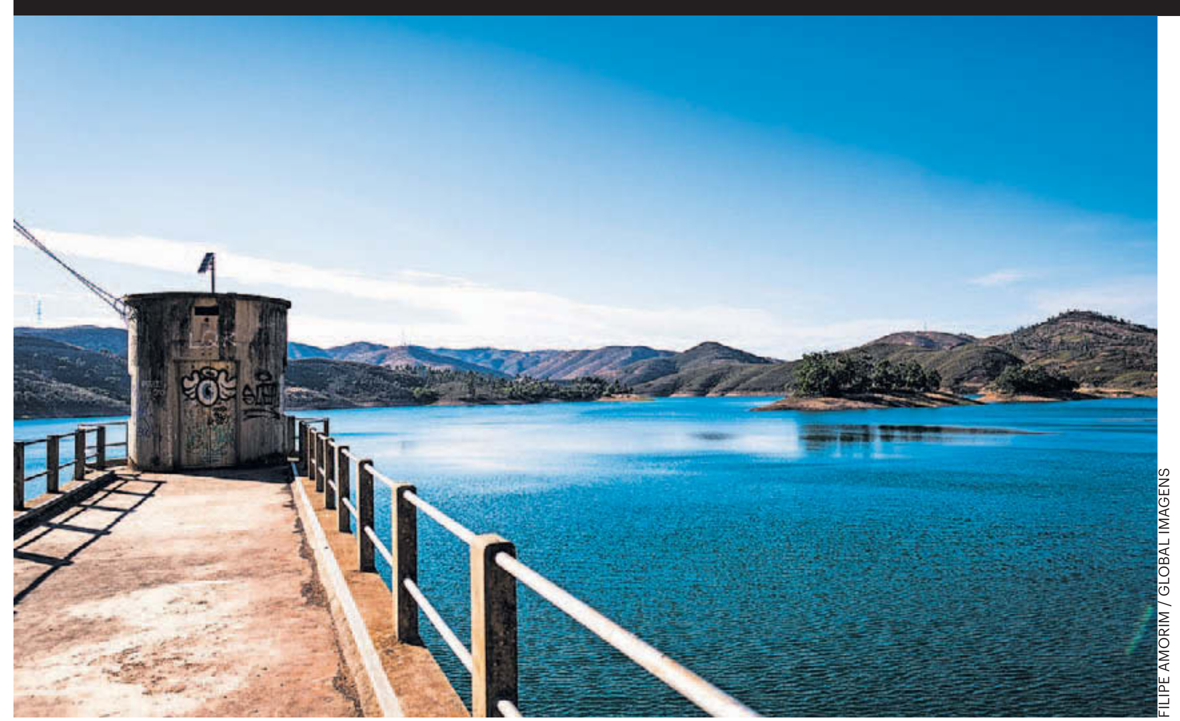
Diogo Santos Coelho foi preso no Reino Unido em 2022. É suspeito de ter criado uma plataforma chamada *RaidForums*, usada para fazer transações de grandes quantidades de dados roubados *online*, desde números de cartões de crédito até *passwords* de acesso a contas bancárias. Os pagamentos em troca destes dados eram feitos em criptomoedas. De acordo com o FBI, era o maior mercado e ponto de encontro virtual de vários piratas informáticos, tendo meio milhão de utilizadores.

Segundo a CNN Portugal, uma das vítimas de Diogo Santos Coelho foi a T-Mobile, gigante norte-americana do setor das telecomunicações. Foram roubados dados de 50 milhões de utilizadores e divulgados no *RaidForums*. Para tentar reverter o roubo, a empresa pagou 252 mil euros em *bitcoin*.

No passado, a Justiça britânica já tinha aceitado um pedido de extradição dos Estados Unidos, mas a defesa recorreu, alegando que, sendo autista, Diogo Santos Coelho podia correr risco de vida numa prisão americana.

Detido no Aeroporto de Gatwick, em Londres, a 31 de janeiro de 2022, Diogo Santos Coelho está em prisão domiciliária com pulseira eletrónica no seu apartamento, em Vauxhall, Reino Unido. Na altura, tentava entrar no país para visitar a mãe, que sofre de uma doença degenerativa que causa a morte de células cerebrais, estando internada num lar. Segundo a investigação, muitos dos crimes de que é suspeito terão ocorrido com recurso a servidores informáticos alojados em Portugal.

Filho de portugueses, Diogo Santos Coelho viveu alguns anos em Inglaterra, até os pais se separarem. Nessa altura, o jovem regressou com o pai a Portugal e a mãe ficou no Reino Unido. Com 14 anos, criou a *RaidForums*. Usava, entre outras, as alcunhas *Kevin Maradona* e *Shiza*, tendo, alegadamente, pelo menos dois cúmplices.


FILIPE AMORIM / GLOBAL IMAGENS

A bacia hidrográfica do Arade é uma das afetadas pelos baixos níveis de armazenamento.

Agricultores do Algarve defendem fim de restrições ao consumo de água

AMBIENTE A chuva deste fim de semana permitiu às represas desta zona do país começarem a encher. Agricultores entendem que o armazenamento de água é a melhor medida para melhorar situação.

TEXTO **SARA AZEVEDO SANTOS**

Em fevereiro o Governo que hoje cessa funções reconheceu a situação de alerta no Algarve devido à seca e, por isso, foram definidas medidas extraordinárias para promover a poupança e racionalização da água. Agora, depois da chuva que caiu nos últimos dias, os agricultores defendem que estas restrições devem ser retiradas.

"Estas medidas já não fazem sentido. Só com a chuva deste fim de semana, entre quinta-feira e domingo, as seis albufeiras do Algarve encheram 31 milhões de metros cúbicos. Neste momento temos nas albufeiras a mesma água que tínhamos em igual período do ano passado", afirma ao DN Macário Correia, presidente da Associação de Beneficiários do Plano de Rega do Sotavento do Algarve.

Segundo o boletim semanal de disponibilidades hídricas da Agência Portuguesa do Ambiente (APA) a 25 de março, todas as bacias hidrográficas apresentavam um armazenamento superior às médias do mês de março, exceto as de Mira, Arade, Ribeiras do Barlavento e Ribeiras do Sotavento.

Algumas das medidas impostas pelo Governo incluem a restrição imediata do uso de água nos consumos urbanos e nos setores do turismo e da agricultura, a suspensão da utilização de água pública ou potável na rega de espaços verdes, jardins públicos ou privados e outros espaços, a revisão das tarifas de abastecimento de água em baixa para utilizadores domésticos e não-domésticos, a suspensão da atribuição de novos títulos relativos a captação nas massas de águas subterrâneas, entre outras medidas.

Está marcada para a próxima semana uma reunião da Comissão de Acompanhamento da Seca e poderão ser reavaliadas algumas das restrições determinadas pelo Governo em fevereiro.

No entanto, Macário Correia considera que estas medidas não contribuíram para resolver a situação dos níveis de água no Algarve porque, no final não contribuíram para aumentar a quantidade de água armazenada nesta zona do país. "Não foram as medidas administrativas nem as políticas que resolveram o problema. O Estado tem duas obras anunciadas mas estão no papel e continuam no papel há muito tempo: a conduta do Pomarão e uma dessalinizadora. Essas são duas matérias que o Governo que agora cessa funções anuncia como sendo o grande êxito do seu mandato. Ou seja, não se aumentou um litro de água armazenada e ficam duas coisas no papel", afirma Macário Correia.

O presidente da Associação de Beneficiários do Plano de Rega do Sotavento do Algarve entende que o armazenamento de água é das melhores medidas para melhorar a situação no Algarve. Considera ainda que é essencial avançar com o projeto da barragem da Foupana. "Está a ser feito um projeto para esta barragem por impulso da nossa associação. É preciso também avançar com a barragem de Alportel que, pela primeira vez no mês passado, aparece numa referência clara na resolução do Conselho de Ministros para haver um estudo dessa bacia", diz. Defende ainda o estudo das bacias das ribeiras afluentes do Guadiana e Sul do Alqueva para se ver em que medida podem abastecer o Algarve e criar um perímetro de rega em Mértola para dar vida a esse concelho.

"A forma mais barata e mais lógica em termos de política regional de desenvolvimento é essa, armazenar água de superfície", termina Macário Correia.

Quanto ao resto do país, os níveis de armazenamento das barragens mantiveram-se altos em relação a fevereiro. De todas as albufeiras monitorizadas, 68% apresenta disponibilidades hídricas superiores a 80% do volume total.

sara.a.santos@dn.pt

Militares. Carreiras deviam ser valorizadas

FUTURO Associações defendem que a melhoria das condições nas Força Armadas será uma melhor solução do que voltar ao Serviço Militar Obrigatório.

As associações militares defenderam ontem a valorização das carreiras como forma de resolver a atual crise de efetivos nas Forças Armadas, ao invés de uma eventual reintrodução do Serviço Militar Obrigatório.

Em declarações à Agência Lusa, o coronel António Mota, presidente da Associação de Oficiais das Forças Armadas (AOFA), defendeu que, numa altura em que o serviço militar já é "praticamente todo profissional", a prioridade é "olhar para as condições remuneratórias, as carreiras, o apoio na doença e resolver esses problemas".

"Isso é que vai fazer com que a retenção e o recrutamento aumentem bastante", respondeu, questionado sobre a possibilidade de se estudar a reintrodução do Serviço Militar Obrigatório (SMO), hipótese defendida recentemente pelos chefes militares da Armada, almirante Gouveia e Melo, e do Exército, general Mendes Ferrão.

Salientando que a AOFA não tem uma posição fechada sobre o tema, e que teriam que ser analisados os moldes no qual esse eventual serviço iria decorrer, o coronel afirmou que a associação "à partida é contra" e alertou para as "despesas colossais" que estariam em causa com uma rotatividade de regular de recrutas.

"Em termos operacionais, as pessoas seriam aproveitadas dois meses ou três. (...) Era empolado o número de efetivos, mas numa falácia porque não é a mesma coisa termos uma pessoa operacional durante três meses ou seis meses, ou ter uma que é dos quadros", avisou.

Na mesma linha, o presidente da Associação Nacional de Sargentos (ANS), António Lima Coelho, pediu que este debate "não sirva para desviar o foco da atenção do que são os problemas reais, urgentes e que carecem de solução imediata. E que qualquer discussão sobre um qualquer hipotético SMO não vai resolver de concreto".

DN/LUSA

Escola. Ex-funcionária terá ficado com 220 mil euros

GONDOMAR Responsável pelos Serviços de Apoio Social terá "fabricado documentos" que lhe permitiram apropriar-se daquela verba. Já foi demitida

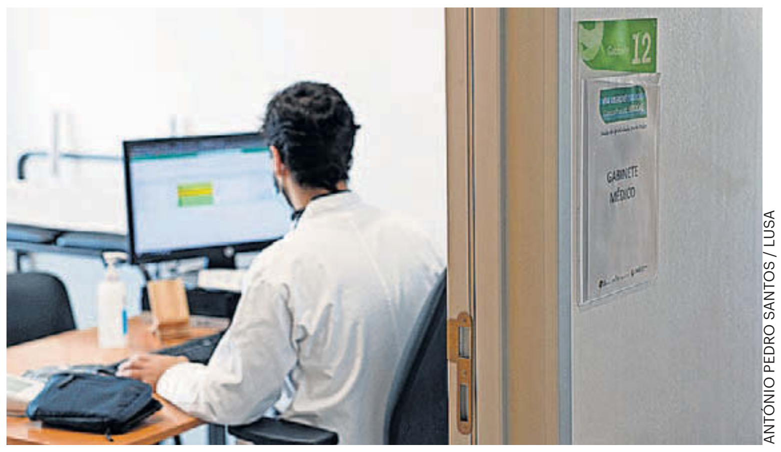
O Ministério Público acusou uma funcionária de um agrupamento de escolas de Gondomar (Porto), entretanto demitida, de se ter apropriado de 220 mil euros destinados ao pagamento de bolsas de mérito e seguros e manuais escolares.

A Procuradoria-Geral Regional do Porto adiantou ontem que a arguida, entre os anos de 2011 e 2019 e à data responsável pelo Serviço de Ação Social Escolar, "levou a cabo um plano que lhe permitiu apropriar-se da quantia global de 220.500,41 euros".

Tendo como funções a instrução e organização dos processos administrativos relativos à atribuição de verbas disponibilizadas pela Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares (DGEsTE) para bolsas de mérito, manuais escolares, seguro escolar e transporte de alunos com necessidades educativas especiais, a suspeita "fabricou documentos que visavam comprovar o direito dos beneficiários (alunos) aos apoios quando não o tinham", salientou.

Na sequência de um processo disciplinar, a mulher foi demitida em 2020, estando agora acusada dos crimes de peculato, falsificação de documentos e falsidade informática.

DN/LUSA


ANTÓNIO PEDRO SANTOS / LUSA

Verificação de incapacidades já não obriga a ir ao consultório.

A pedido do doente. Exame das juntas médicas já pode ser feito por videochamadas

SAÚDE Convocatórias passam a ser feitas por meios eletrónicos. Presidente da República pediu "cautela" no acesso aos processos.

As notificações e convocatórias relativas às juntas médicas passaram a poder ser feitas, desde ontem, por meio eletrónico e os beneficiários vão poder requerer a realização de exame médico por videochamada.

A medida faz parte do decreto-lei que altera o sistema de verificação de incapacidades no âmbito da Segurança Social que foi publicado em *Diário da República* em 5 de janeiro e que mereceu alertas por parte do Presidente da República, tendo Marcelo Rebelo de Sousa, aquando da sua promulgação a 29 de dezembro, salientado a importância de acautelar o acesso aos processos pelas juntas médicas de verificação.

"Os processos de verificação de incapacidade, deficiência e dependência são desmaterializados (...). A informação médica, os meios auxiliares de diagnóstico e relatórios de médicos especialistas apresentados pelo beneficiário, sempre que não se encontrem em suporte eletrónico, são digitalizados e constam em anexo ao processo desmaterializado, quando justificativos da fundamentação dos atos médicos", refere o diploma.

Segundo o decreto-lei, "o beneficiário pode requerer a realização de exame médico por videochamada" para verificação de incapacidade temporária ou permanente, sempre que se afigure adequado à avaliação a realizar, desde que complementada com informação clínica disponível ou a disponibilizar para o efeito.

Também as comissões de verificação, de reavaliação e recurso podem vir a ser realizadas por videochamada, nas situações a definir pelos serviços da Segurança Social.

O diploma esclarece que a verificação das situações de incapacidade permanente, deficiência ou dependência, consubstancia-se na análise dos dados relativos às condições físicas, motoras, orgânicas, sensoriais e intelectuais dos beneficiários.

A verificação técnica das condições de deficiência é feita por equipas multidisciplinares, ou por entidade certificadora, é assegurada por peritos médicos e técnicos da segurança social ou de outros organismos, nos termos e para os efeitos previstos em diplomas próprios.

O beneficiário é convocado, com antecedência mínima de dois dias úteis, para exame médico através do sistema de notificações eletrónicas da Segurança Social, por SMS, mensagem por correio eletrónico, registados na Segurança Social, presencialmente ou por qualquer outro meio previsto na lei e será informado dos efeitos decorrentes de não comparecer.

DN/LUSA

> O beneficiário é notificado dois dias antes, no mínimo, por SMS ou outro meio previsto na lei e informado dos efeitos a que está sujeito se não comparecer.

BREVES

Centros de Saúde fazem rastreios a gonorreia

Os Centros de Saúde vão poder fazer rastreio e diagnóstico de clamídia e gonorreia, duas das infeções sexualmente transmissíveis mais prevalentes na Europa, anunciou ontem o Ministério da Saúde, em nota enviada à Lusa. "A introdução de dois novos Meios Complementares de Diagnóstico e Terapêutica nos cuidados primários, operacionalizada nos últimos dias pela Administração Central do Sistema de Saúde, surge associada ao alargamento aos cuidados de saúde primários do acesso a Profilaxia Pré-Exposição, uma estratégia preventiva da infeção por VIH, que implica a necessidade de rastrear também outras infeções sexualmente transmissíveis", refere o documento. As análises para pesquisa de clamídia e gonorreia vão poder ser feitas na Unidade Local de Saúde respetiva ou no setor convencionado.

Portugal tem 632 USF-B a receber incentivos

Mais 62 Unidades de Saúde Familiar (USF) transitam para o modelo B, passando a receber incentivos pelo desempenho, indica uma portaria assinada pelo secretário da Estado da Saúde, Ricardo Mestre, publicada ontem em *Diário da República*. A informação consta de um comunicado divulgado pelo Ministério da Saúde do Governo ainda em exercício, segundo o qual o "Governo consolida (deste modo) a reforma dos cuidados de saúde primários ao prosseguir a generalização da transição para o modelo B de todas as USF". No início do ano, "as 222 USF que reuniam todos os critérios tinham já passado a ser remuneradas de acordo com o desempenho" das equipas, refere o ministério. Com estas, o SNS fica com um total de 632 USF-B, "um marco histórico na reforma dos Cuidados de Saúde Primários iniciada em 2006", adianta o comunicado.

BREVES

16 acusados por corrupção nos Açores

O Ministério Público deduziu acusação contra 16 arguidos, imputando-lhes 55 crimes, incluindo corrupção ativa e passiva e associação criminosa, envolvendo o Serviço Regional de Saúde dos Açores, revelou ontem a Procuradoria-Geral Regional de Lisboa. A investigação, conhecida como *Operação Asclépio*, incidiu sobre o período entre 2014 e 2017 e os arguidos são acusados de "corrupção ativa e passiva, recebimento indevido de vantagem, abuso de poder, acesso ilegítimo e associação criminosa". Em causa está um alegado esquema em que "os principais arguidos, sociedade e seu gerente, que atuavam na área de fornecimento de material médico e hospitalar aos hospitais e unidades de saúde de ilha da Secretaria Regional da Saúde" atribuiriam "vantagens de expressão económica a funcionários daqueles serviços de saúde, em ordem a serem favorecidos nas adjudicações (...), quer em concursos públicos, quer por ajustes diretos".

U. de Lisboa vai ter residência com 200 camas

A Universidade de Lisboa (UL) vai construir uma nova residência universitária com 200 camas, um investimento de mais de cinco milhões de euros e com abertura prevista para 2026. A construção foi aprovada em Resolução do Conselho de Ministros de 27 de março, o último liderado por António Costa e com a participação do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa. O reitor da UL, Luís Ferreira, disse à Lusa que a nova residência universitária deverá entrar em funcionamento "no 1.º semestre de 2026" e que a aprovação em Conselho de Ministros "não representa um financiamento por parte do Governo", mas apenas uma autorização para a obra, que será suportada por verbas próprias da universidade. Luís Ferreira deixou, no entanto, em aberto a possibilidade de ser obtido "financiamento parcial do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR)".



Opinião
Fernanda Câncio

Um tiro à queima-roupa no corporativismo policial?

"Agente da PSP mata homem que o tentou assaltar". "Agente da PSP mata homem que o sequestrou". "PSP mata assaltante durante rapto". A notícia é desta segunda-feira, e continua, naturalmente (ainda agora a investigação começou) em atualização à hora a que escrevo este texto.

É um caso bizarro (tão bizarro que ocorrendo a 1 de abril a pessoa hesita em acreditar): de acordo com a versão que terá sido, lê-se nas primeiras notícias publicadas, transmitida por "fonte do Comando Metropolitano de Lisboa" à Lusa, o agente da PSP em causa estaria "à civil" (desfardado, portanto, até porque não se encontrava em serviço), pelas 3H30 da madrugada de segunda-feira, parado nuns semáforos de Algés ao volante do seu automóvel quando "um homem armado" o teria obrigado, sob ameaça de arma de fogo, a passar para um outro carro, "conduzido por outro suspeito".

O outro suspeito seria uma mulher. De seguida os dois assaltantes teriam levado o agente a um multibanco (para levantar dinheiro, supõe-se) e daí para a casa do polícia, em Benfica. Ainda de acordo com o mesmo relato, foi aí, na sua habitação, que "terá conseguido chegar à sua arma de serviço, tendo usado a mesma, neutralizando o suspeito, que acabou por perder a vida no local".

A mulher, que aguardaria no exterior, foi detida pela PSP. De todas as que li, a notícia que apresenta mais pormenores, chegando inclusivamente a identificar o tipo de automóvel dos assaltantes ("um BMW de cor cinzenta"), e a certificar que o agente tem 50 anos, pertence ao corpo de segurança pessoal daquela polícia e vive com a mulher e filha, as quais "se encontravam fora de Lisboa nas celebrações pascais, na terra-natal", é a do Jornal de Notícias, e tem como título "PSP que matou assaltante atraiu raptores a prédio onde só vivem polícias".

Segundo essa notícia, o agente ter-se-á, antes de disparar, "identificado como polícia" e em seguida "pedido ajuda a um vizinho polícia". "As autoridades chegaram rapidamente e a mulher [que estaria no tal BMW] foi detida", lê-se no JN.

Fica-se na dúvida sobre se quem deteve a mulher foi o vizinho (ou vizinhos, já que segundo o jornal o prédio está cheio de polícias); um comunicado da PSP, que terá surgido após as primeiras notícias, informa que "o segundo suspeito foi intercetado e detido por polícias da Divisão de Investigação Criminal da PSP, que entretanto acorreram ao local". De onde "acorreram" não fica claro - dir-se-á que se um agente dispara sobre alguém na sua casa e pede ajuda aos vizinhos que são também agentes, estes não esperarão que chegue uma patrulha para irem deter uma pessoa que está num carro à porta do prédio.



Na semana em que sobe a ministra da Administração Interna uma ex-"polícia das polícias", a morte de um alegado assaltante de um agente da PSP revela uma nova atitude na comunicação desta instituição. Pela primeira vez, a versão do polícia não foi a versão da Polícia. A notícia é tão boa que parece mentira.

Quanto tempo levou toda a situação desde a abordagem em Algés também é dito, mas a Polícia Judiciária comunicou a jornalistas que o respetivo "serviço de prevenção de homicídios recebeu cerca das 05h00 uma chamada da PSP a dar conta de que um agente da autoridade atingiu mortalmente um presumí-vel suspeito de roubo na sua residência".

Anote-se que a versão transmitida pela PJ à Lusa difere um pouco da constante no comunicado da PSP: segundo a PJ o assaltante armado terá obrigado o agente "a conduzir até uma zona descampada onde se juntou a mulher detida e os dois obrigaram-no a conduzir a viatura até sua casa". No relato da PJ não há ida ao multibanco (o que não quer, obviamente, dizer que não tenha existido; como já escrevi, a investigação ainda agora começou).

E porque, pergunta quem me lê, me dedico a tal resumo num texto de opinião? Para anotar algo de muito positivo: ao contrário daquilo a que a PSP nos habituou durante décadas nos comunicados sobre casos que envolvem mortes causadas por agentes, todo o texto exarado pela corporação está escrito no condicional – "terá sido", "terá obrigado", "terá conseguido" –, como deve acontecer quando se relata algo sem saber realmente o que aconteceu. E tem uma frase fundamental: "Segundo informação do mesmo" – referindo o agente envolvido.

Admito que para a maioria das pessoas passasse despercebida, mas para quem como eu passou décadas a ler comunicados policiais sobre este tipo de situações, a dita frase, que atribui ao agente que disparou a autoria, e portanto a responsabilidade, da versão que a PSP transmite, é uma janela de esperança.

Esperança em relação à forma como a instituição se relaciona com o público e os jornalistas e como se posiciona em matéria deontológica e de direitos fundamentais. Num caso de morte de uma pessoa por utilização da arma de fogo distribuída a um agente, em vez de, como sempre acontecia, se assumir como sendo da PSP o relato do polícia, torna-se claro que se trata de isso mesmo, da versão do polícia e não da Polícia.

Desta forma, a PSP cumpre o dever de informar, transmitindo aquilo que é a narração do agente envolvido, sem se comprometer com ela nem assumir qualquer posição sobre o que é dito – até porque não poderia, com seriedade e honestidade, fazê-lo, por falta de tempo para averiguações e porque, para além do mais, a investigação está a cargo da PJ.

Esta atitude, que espero não se atenha apenas ao caso em apreço e corresponda a uma alteração definitiva na forma como a PSP comunica e portanto a uma rejeição do corporativismo que a tem caracterizado (como à GNR) em situações deste tipo, deve ser assinalada e louvada.

Num momento em que ascende à cúpula da Administração Interna uma ex-dirigente da IGAI – a Inspeção Geral da Administração Interna, geralmente denominada de "a polícia das polícias", sendo o órgão criado nos anos 1990 para fiscalizar, nomeadamente no que respeita ao uso de violência, as corporações policiais sob tutela daquele ministério –, a juíza conselheira jubilada Margarida Blasco, e quando na PSP há um novo diretor, José Barros Correia, aquela frase no comunicado desta segunda-feira parece um bom auspício.

Pode ser que nos cinquenta anos de Abril a PSP tenha decidido finalmente comportar-se como a polícia adulta de um Estado democrático. Pode ser. Mas para que isso possa acontecer se calhar era de não se fazer no jornalismo o que a própria PSP, por uma vez, não fez no seu comunicado: dar como certo aquilo que ainda agora começou a ser investigado. Era bom que também nas notícias se aprendesse a dizer "segundo informação do agente".

Jornalista



EDUARDO PINTO/GLOBAL IMAGENS

Barragens representaram quase metade da produção elétrica a partir de renováveis de janeiro a março.

Renováveis abastecem 89% do consumo de eletricidade

ENERGIA Barragens foram responsáveis por 47% da produção elétrica e a fonte eólica por 31%. Foi o melhor primeiro trimestre desde 1978, "quando o sistema nacional ainda não tinha uma componente térmica relevante", diz a REN.

Nos primeiros três meses deste ano as fontes de energia renovável foram responsáveis por 89% da eletricidade consumida em Portugal. Trata-se, de acordo com a REN – Redes Energéticas Nacionais, do valor mais elevado registado num primeiro trimestre desde o ano de 1978, "quando o sistema nacional ainda não tinha uma componente térmica relevante", sublinha a empresa. A fonte hídrica foi a que mais contribuiu para este número, com o índice de produtibilidade hidroelétrica a atingir 1,38, o da eólica a ficar nos 1,07 e o do solar em 0,87. "A energia hidroelétrica foi responsável por abastecer 47% do consumo, a eólica 31%, a fotovoltaica 6% e a biomassa 5%. A produção a gás natural abasteceu 11% do consumo, enquanto o saldo de trocas com estrangeiro foi ligeiramente exportador, equivalendo a cerca de 1% do consumo nacional", avança a REN em comunicado.

No ano passado, a produção de energia renovável em Portugal bateu o recorde, tendo sido responsável por 61% do consumo anual de energia elétrica, num total de 31,2 terawatt-hora (TWh), "o valor mais elevado de sempre no sistema nacional", sublinha a empresa que gere a rede elétrica nacional. Em 2023 , a energia eólica pesou 25%, a hidroelétrica 23%, a fotovoltaica 7% e a biomassa 6% . A produção das barragens aumentou 70% face a 2022 – recuperando de um ano marcado pela forte seca –, e a energia solar cresceu 43% por via do aumento da capacidade instalada.

Já o consumo de energia, nestes primeiros três meses do ano, subiu 1,1% "ou 2,6% com correção da temperatura e dias úteis", explica a REN. Mas o consumo de gás registou uma descida de 10% em comparação com o mesmo período do ano passado, "tratando-se do consumo mais baixo desde 2014", frisa a empresa liderada por Rodrigo Costa. Para esta descida contribuiu o segmento de produção de energia elétrica, que contraiu 43% face ao período homólogo, enquanto o segmento convencional, que abrange os restantes consumidores de gás natural, cresceu 5,9%.

Olhando apenas para o mês de março, a energia consumida proveniente de fontes de energia renovável atingiu os 91%, sendo o "terceiro mês consecutivo com valores acima dos 80%, depois dos 88% em fevereiro e 81% em janeiro", sublinha a empresa.

Em março, o consumo de energia elétrica cresceu 1,6%, ou 2,9% com correção dos efeitos de temperatura e número de dias úteis, em relação ao mesmo mês de 2023. A produção hidroelétrica registou um índice de produtibilidade de 1,78 atingindo "um novo máximo de potência entregue à rede de 7280 megawatts (MW) no dia 11". Já o índice de produtibilidade eólico situou-se nos 1,15 e do solar nos 0,86. "O saldo mensal de trocas com o estrangeiro foi exportador, o que acontece pela primeira vez este ano, equivalendo a cerca de 11% do consumo nacional", adianta a REN.

> No ano passado, a produção de energia renovável em Portugal foi responsável por 61% do consumo de energia elétrica, o valor mais elevado de sempre.

Quanto ao gás natural, no terceiro mês do ano houve uma descida do consumo de 5,8%, "motivada pelo comportamento do segmento de produção de energia elétrica, que teve uma quebra homóloga de 24%, devido à elevada disponibilidade de energia renovável", lê-se no comunicado. O abastecimento do sistema nacional de gás natural foi efetuado "quase integralmente a partir do terminal de GNL de Sines", diz a REN.

geral@dinheirovivo.pt

Barragem do Alqueva perto da cota máxima

A barragem de Alqueva estava ontem a menos de um metro de atingir a cota máxima, com 3904,42 hectómetros cúbicos de água armazenados, faltando 245,58 hectómetros cúbicos para chegar à capacidade total.

De acordo com os dados disponíveis no *site* da Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas do Alqueva (EDIA), relativos à monitorização efetuada ontem, a albufeira encontrava-se à cota 151,28 metros. Por isso, faltavam 72 centímetros para que a água armazenada nesta albufeira alentejana chegasse à cota máxima da barragem, que é de 152 metros.

Contactada pela agência Lusa, fonte da empresa explicou que "há 11 anos, precisamente neste dia, 1 de abril de 2013, estávamos a proceder a descargas, porque o Alqueva encheu à cota 152", acrescentando que, no ano seguinte, a albufeira "também esteve praticamente cheia, mas aí não houve necessidade de efetuar descargas".

Perante a situação atual, e questionada sobre se estão previstas descargas, fonte da empresa limitou-se a referir que a EDIA está "a monitorizar a situação". "Estamos a acompanhar as afluências e a controlar o volume da albufeira através do turbinamento da central hidroelétrica", disse a empresa que gere a barragem.

Em 2013, após atingir a cota de 151,98 metros, ou seja, muito próximo da 152, a barragem de Alqueva iniciou, às 23.00 de 31 de março, uma operação de descargas para controlar o volume de água armazenada.

A albufeira da barragem de Alqueva atingiu pela primeira vez a cota máxima de 152 metros a 12 de janeiro de 2010, quando se tornou o maior lago artificial da Europa e efetuou descargas controladas. Nessa operação de estreia, libertou cerca de 3500 milhões de metros cúbicos de água, até março desse ano.

DV/LUSA



RUI OLIVEIRA/GLOBAL IMAGENS

16% das novas matriculas de ligeiros de passageiros são de veículos 100% elétricos.

Elétricos e híbridos valem mais de 51% das vendas de ligeiros até março

MERCADO AUTOMÓVEL Dados da ACAP indicam que, no primeiro trimestre do ano, foram colocados em circulação 68 520 novos veículos, mais 13,1% face a igual período do ano passado.

TEXTO **JOSÉ VARELA RODRIGUES**

O mercado automóvel português registou 68 520 novos veículos em circulação, entre janeiro e março, o que representa uma aceleração de 13,1% nas vendas face ao primeiro trimestre do ano passado, de acordo com os dados que a Associação Automóvel de Portugal (ACAP) revelou ontem.

Das novas matrículas registadas, que correspondem a vendas, 59 044 unidades traduzem-se em veículos ligeiros de passageiros, mais 13,1% face ao período homólogo de 2023.

No primeiro trimestre, 51,5% dos veículos ligeiros de passageiros matriculados novos "eram movidos a outros tipos de energia, nomeadamente elétricos e híbridos", segundo a associação setorial liderada por Helder Pedro. E 16% dos ligeiros de passageiros novos eram 100% elétricos.

Entre os ligeiros de mercadorias, em termos acumulados, o mercado atingiu 7591 unidades vendidas, um aumento de 14,1% face ao mesmo período do ano de 2023.

Nos veículos pesados de passageiros e de mercadorias, os números apontam para a entrada em circulação 1885 novas unidades no primeiro trimestre deste ano, mais 9,5% face a igual período do ano passado.

Março acima da média

Os 68 520 novos veículos em circulação de janeiro a março correspondem a uma média de 22 840 novas matrículas por mês. Observando apenas o último mês do primeiro trimestre, o volume de novas matrículas registadas ficou acima da média. Só em março, "foram matriculados em Portugal 26 240 veículos automóveis, ou seja, mais 6,7% do que no mesmo mês de 2023".

As vendas de ligeiros de mercadorias registaram , no terceiro mês de 2024, uma evolução positiva de 17% face ao mês homólogo, atingindo 2843 unidades matriculadas. No entanto, nos veículos pesados, os números da ACAP indicam que, só em março, se verificou "uma queda de 12,8% em relação ao mês homólogo de 2023, tendo sido comercializados 601 veículos desta categoria".

> Peugeot, Renault e Citröen são as marcas mais conduzidas em Portugal. Mas Mitsubishi, Honda e Jeep registaram o maior crescimento no primeiro trimestre.

Peugeot e Renault lideram

De acordo com as estatísticas da ACAP, no final do primeiro trimestre a Peugeot tinha a circular mais 8109 veículos ligeiros (de passageiros e de mercadorias), em Portugal, uma subida de 8,1% face a igual período do ano passado. A Renault era segunda marca mais conduzida no país, no final de março, com mais 5628 veículos, um crescimento de 24% em termos homólogos. A Citröen fecha o *top 3*, registando mais 4628 veículos em circulação (mais 31,8%).

Não obstante, as marcas que registaram uma taxa de crescimento maior no país foram a Mitsubishi (+246,9%, para 1325 novos veículos), a Jeep (+84,3%, para 658 novas matrículas) e a Honda (+87,5%, para 195 novos veículos).

Observando apenas as marcas que produzem carros 100% elétricos, a Tesla tinha mais 2 888 carros em circulação no país (+37,7%) e a BYD passou de zero veículos, há um ano, para 430 carros em circulação no final de março.

jose.rodrigues@dinheirovivo.pt

Trabalho temporário cai 5,5% em 2023

O número de colocações em trabalho temporário caiu 5,5% em 2023 em comparação com o ano anterior, totalizando 393 598, segundo o barómetro da Associação Portuguesa das Empresas do Setor Privado de Emprego e Recursos Humanos (APESPE-RH) e o ISCTE. Só no último trimestre de 2023 houve um decréscimo em 11,7%, para 92 449 colocações. Verificou-se uma diminuição de 5061 pessoas colocadas em outubro (menos 13,4%); menos 3381 pessoas em novembro (-9,7%) e menos 3792 pessoas em dezembro (-11,9%).

Já o Índice do Trabalho Temporário, "que tinha estabilizado desde novembro de 2022, volta a demonstrar um decréscimo gradual desde o início do ano, fixando-se em 0,87 em outubro, 0,90 em novembro e 0,88 em dezembro. Estes valores são inferiores ao índice registado nos meses homólogos do ano anterior", dizem as duas entidades.

"A evolução global do número de contratações em 2023 é menos positiva em relação ao último ano. Isto justifica-se pelo facto de em 2022 termos assistido a uma forte recuperação do número de colocações, sobretudo, porque as atividades das empresas voltaram ao habitual após a pandemia", explica Afonso Carvalho, presidente da APESPE-RH.

No último trimestre de 2023, entre 26% a 27% dos colocados tinham idade média acima dos 40 anos. O ensino básico continuou a ser o nível de escolaridade predominante nas colocações efetuadas, com um peso de 55% a 60% entre outubro e dezembro. As colocações de pessoas com o ensino secundário oscilaram entre 34% a 37%. Os licenciados representam apenas 6%. Em outubro e novembro as empresas de componentes automóveis foram responsáveis por cerca de 12% das colocações. Em dezembro, com 20%, surgem as empresas de fornecimento de refeições. **DV**

BREVES

Dívida pública baixa para 268,5 mil milhões

A dívida pública na ótica de Maastricht, a que conta para Bruxelas, baixou 10 261 milhões de euros em fevereiro, em termos homólogos, para 268 512 milhões de euros, segundo o Banco de Portugal. Face a janeiro, os dados apontam que o valor da dívida recuou perto de 2179 milhões de euros. De acordo com o banco central, a evolução em cadeia "refletiu sobretudo a redução dos títulos de dívida (menos dois mil milhões de euros), principalmente de longo prazo, e das responsabilidades em depósitos (menos 200 milhões de euros)". Os depósitos das administrações públicas reduziram-se, face a janeiro, em cerca de 3600 milhões . Deduzida desses depósitos, a dívida pública aumentou, em cadeia, 1500 milhões deuros, para quase 253 942 milhões de euros, e baixou em 3966 milhões em termos homólogos.

Juntas de freguesia dão apoio no IRS

A entrega da declaração anual do IRS iniciou-se ontem e, apesar de ser uma obrigação declarativa que pode ser cumprida por via eletrónica, existem por todo o país vários locais que apoiam os contribuintes com dificuldade em usar ou sem acesso a computador e internet. Além dos Serviços de Finanças existentes nos vários concelhos do país, há cerca de uma centena de Espaços do Cidadão que disponibilizam esta ajuda, nomeadamente em concelhos dos distritos de Aveiro, Braga, Castelo Branco, Faro, Guarda, Lisboa, Portalegre, Santarém, Vila Real e Viseu. Existem também pontos de apoio de entrega em quase 900 juntas de freguesia em todo o país. Em comunicado, o Ministério das Finanças indica que os contribuintes podem recorrer também ao e-balcão ou o centro de atendimento telefónico da AT (217 206 707).



YASIN AKGUL / AFP

Ekrem Imamoglu conseguiu a reeleição como presidente da Câmara de Istambul, a maior cidade da Turquia.



Recep Tayyip Erdogan
Presidente da Turquia



Ekrem Imamoglu
Presidente da Câmara de Istambul

Imamoglu mais presidenciável face a possível último fôlego de Erdogan

TURQUIA O partido da oposição secular CHP conquistou, nas eleições locais de domingo, cidades como Istambul e Ancara. Presidente turco assumiu derrota e fala em "ponto de viragem".

TEXTO **ANA MEIRELES**

A vitória de Ekrem Imamoglu nas eleições locais turcas deste domingo, conseguindo um segundo mandato como autarca de Istambul, parece estar a dar-lhe um novo impulso para as presidenciais de 2028. Aos 52 anos, derrotou novamente o candidato escolhido pelo presidente Recep Tayyip Erdogan, apesar do esforço deste para o afastar da liderança da maior cidade do país.

"Amanhã é um novo dia de primavera para o nosso país", afirmou Imamoglu, candidato pelo Partido Popular Republicano (o secular CHP), no domingo à noite, perante dezenas de milhares de apoiantes que comemoravam a sua reeleição. Desconhecido para muitos em 2019, Imamoglu colocou um ponto final, nessa altura, a 25 anos de liderança do AKP de Erdogan e dos seus aliados em Istambul, tendo-se tornado, desde então, num dos políticos mais populares da Turquia e visto como o mais provável candidato potencial para derrotar quem quer que concorra pelo AKP às presidenciais dentro de quatro anos – Erdogan, reeleito em maio passado com mais de 52% dos votos (embora tenha ido pela primeira vez a uma segunda volta), disse há menos de um mês que as eleições locais deste domingo seriam a sua última ida às urnas. Uma possibilidade de que poderá tornar-se realidade, até porque a Constituição, neste momento, não lhe permite um novo mandato.

Erdogan "é capaz de surpreender e decidir encerrar a carreira. Seria uma forma de sair com estilo, permanecendo ao mesmo tempo fiel à sua visão do Islão e às suas crenças religiosas, segundo as quais nesta terra é permanente", vaticinou, em declarações à AFP, Bayram Balci, investigador na universidade francesa Sciences Po.

Quanto a Imamoglu e as suas reconhecidas ambições presidenciais, o autarca de Istambul disse recentemente que "ainda faltam quatro anos até 2028. Seria injustificado se eu falasse sobre isso hoje".

"Imamoglu é um operador político eficaz e, neste momento, representa um dos poucos vislumbres de esperança para os eleitores que se opõem a Erdogan e ao AKP", defendeu Anthony Skinner, diretor de Pesquisa da consultora política Marlow Global.

Quatro anos preciosos

Mas a vitória do CHP neste domingo não se ficou por Istambul, tendo-se estendido por cidades importantes como a capital Ancara, Adana, Bursa e Antália, com muitos analistas a considerarem esta a pior derrota eleitoral de Erdogan desde que o seu partido assumiu o poder em 2002, sendo a inflação de 67% e a desvalorização da lira durante o ano passado apontadas como motivos para este resultado.

O presidente turco garantiu que irá trabalhar com os autarcas eleitos, chamando à onda de vitória da oposição um "ponto de viragem" e apelando a uma "autocrítica" dentro do AKP e seus aliados.

Erdogan afastou ainda a possibilidade de convocar eleições antecipadas para se manter na presidência por mais tempo. "A Turquia tem mais de quatro anos preciosos pela frente. Não podemos desperdiçar este período com discussões que desperdiçarão o tempo do país."

Surpresa de antigo aliado

O partido islâmico Yeniden Refah obteve mais votos do que o esperado nas eleições locais de domingo – 6,2% a nível nacional, estabelecendo-se como a terceira força na política turca –, minando o AKP de Erdogan e contribuindo para as suas perdas nas principais cidades do país. O Yeniden Refah, que apoiou Erdogan na campanha presidencial em 2023, venceu no domingo em duas províncias anteriormente controladas pelo AKP, Sanliurfa (sudeste) e Yozgat (centro).

Fundado em 2018, o Yeniden Refah dá continuidade ao espírito de Necmettin Erbakan, um político influente que já foi mentor de Erdogan. No final da década de 1960, Erbakan criou o movimento islâmico Milli Gorus, que inspirou muitos partidos políticos na Turquia e tem muitos seguidores entre a diáspora turca na Alemanha e em França.

Aos 21 anos, Erdogan deu os primeiros passos políticos neste movimento e foi graças ao apoio de Erbakan que foi eleito autarca de Istambul em 1994. Mas as relações com o seu pai espiritual deterioraram-se quando Erdogan e aliados tentaram destituí-lo da liderança e depois criaram o AKP em 2002, excluindo-o.

Necmettin morreu em 2011, e um dos filhos, Fatih Erbakan, relançou o partido sete anos depois sob o nome de Yeniden Refah.

Aos olhos de muitos observadores, o jovem Erbakan vingou o pai ao contribuir para as derrotas eleitorais de Erdogan no domingo, ao drenar votos do AKP e ao permitir que a oposição secular vencesse não só em Istambul, mas também em Ancara, Izmir e Bursa.

ana.meireles@dn.pt

Netanyahu enfrenta novas dúvidas dos EUA e protestos em massa

ISRAEL Governo de Telavive anunciou a proibição das emissões da Al Jazeera no país, acusando o canal de ser porta-voz do Hamas. Centenas de milhares de israelitas pedem eleições antecipadas.

TEXTO **ANA MEIRELES**

O primeiro-ministro de Israel está a atravessar tempos cada vez mais difíceis e longe da quase unanimidade no apoio nacional e internacional que recebeu logo após o ataque do Hamas a 7 de Outubro. No espaço de pouco mais de 48 horas, Benjamin Netanyahu foi alvo dos protestos de milhares de israelitas a pedirem a dissolução do Parlamento e o seu afastamento do poder, mas viu também os Estados Unidos, o grande aliado de Telavive, a mostrarem preocupação e a pedirem explicações sobre acontecimentos como a proibição do canal Al Jazeera em Israel e os corpos encontrados no Hospital Al-Shifa, em Gaza, após duas semanas de ataques. Paralelamente, foi operado a uma hérnia no domingo e deverá ter alta hoje.

"Se for verdade, é profundamente preocupante. Vamos entrar em contacto com o Governo israelita para obter mais informações", garantiu ontem a porta-voz da Casa Branca, Karine Jean-Pierre, referindo-se às informações veiculadas pelo Ministério da Saúde de Gaza sobre o cenário encontrado no Hospital Al-Shifa. A Administração Biden mostrou-se também preocupada pela decisão de Israel de proibir as transmissões do canal de notícias qatari Al Jazeera no país, medida que Benjamin Netanyahu prometeu aplicar "imediatamente". "Se for verdade, uma medida como esta é preocupante", referiu Karine Jean-Pierre.

O Ministério da Saúde de Gaza, controlado pelo Hamas, informou ontem que "dezenas de corpos, alguns deles em decomposição", foram encontrados no Hospital Al-Shifa, enquanto médicos e civis no complexo danificado disseram à AFP que pelo menos 20 corpos foram encontrados, alguns dos quais pareciam ter sido atropelados por veículos militares. "A maioria dos corpos está a decompor-se e encontrámos corpos que são esqueletos queimados dentro do complexo médico", disse o porta-voz da Defesa Civil de Gaza, Mahmud Busal, que assinalou ser difícil contabilizar as vítimas, porque as tropas israelitas "levantaram o piso das ruas com retroescavadoras e enterraram os corpos".

O hospital ficou fora de serviço após duas semanas de operação militar do Exército israelita, dentro e nos arredores do centro médico, que terminou na madrugada de ontem. "A destruição do complexo torna impossível retomar o trabalho e o hospital ficou totalmente fora de serviço", explicou o diretor do Al-Shifa, Marwan Abu Saada. As forças israelitas insistem que as operações militares não visaram "pacientes, pessoal médico ou equipamento médico".

Ontem, o primeiro-ministro israelita anunciou que a Al Jazeera deixará de ser difundida em Israel, após o Parlamento ter aprovado uma lei que proíbe a difusão de qualquer órgão estrangeiro que "prejudique a segurança do Estado". "O canal terrorista Al Jazeera deixará de emitir em Israel. Tenciono agir imediatamente em conformidade com a nova lei para pôr termo à atividade do canal", declarou Benjamin Netanyahu na rede social X.

Na mesma publicação, o chefe do Governo israelita afirmou que o canal do Qatar "prejudicou a segurança de Israel, participou ativamente no massacre de 7 de Outubro e incitou à violência contra os soldados das FDI [Forças de Defesa de Israel]". "É altura de retirar o *xofar* (instrumento de sopro) do Hamas do nosso país", disse ainda Netanyahu.



MENAHEM KAHANA / AFP

Cerca de 100 mil pessoas juntaram-se em Jerusalém em protesto contra o Governo de Netanyahu.

"Vá-se embora"

Cerca de 100 mil pessoas protestaram este domingo em Jerusalém contra o Governo de Netanyahu e para exigir eleições antecipadas, tendo em conta a gestão da guerra em Gaza. Este protesto foi ainda marcado pela presença, pela primeira vez, de familiares dos reféns sequestrados pelo Hamas, que têm realizado protestos independentes em relação à contestação antigovernamental.

> A Casa Branca vai pedir informações a Israel sobre relatos "profundamente preocupantes" de corpos encontrados no Hospital Al-Shifa, após uma operação militar no local.

"Se não pode trazê-los de volta, afaste-se, vá-se embora. Precisamos de alguém no seu lugar que possa fazê-lo", afirmou a filha de uma das reféns libertada durante a trégua de sete dias acordada entre Israel e o Hamas em novembro.

Netanyahu, em declarações enquanto decorria o protesto, defendeu que convocar eleições antecipadas só serviria para parar as negociações para a libertação dos reféns. "O primeiro a agradecer seria o Hamas", afirmou, garantindo que está a fazer tudo para libertar os reféns, mas que as exigências da força terrorista nas negociações "são um perigo para a segurança nacional".

"Netanyahu não quer que os reféns voltem a casa, porque sabe que nesse caso teria que enfrentar julgamentos pendentes e pode ir para a prisão. Por isso, está a prolongar tanto está guerra", afirmou, por seu turno, uma das manifestantes deste domingo, Maya Gal, de 70 anos, em declarações à EFE. "As pessoas estão furiosas, estão cansadas, querem eleições. Culpam *Bibi* [Netanyahu] e o Governo, que diz não ser responsável por nada", disse, à AFP, Dana Rabfogel Shor, outra manifestante.

ana.meireles@dn.pt

BREVES

Mulher lidera Governo na RD Congo

A ministra do Planeamento da República Democrática do Congo (RDCongo), Judith Suminwa Tuluka, é a nova primeira-ministra do país, segundo anúncio oficial divulgado ontem na televisão nacional. Suminwa Tuluka é a primeira mulher a ser nomeada chefe de Governo na RDCongo, sucedendo a Jean-Michel Sama Lukonde, primeiro-ministro desde fevereiro de 2021 e que apresentou a sua demissão em 21 de fevereiro. Com cerca de 50 anos e um mestrado em Economia, Suminwa Tuluka terá de pôr em prática os compromissos do segundo mandato do presidente Félix Tshisekedi, reeleito em dezembro, num contexto que continua a ser de insegurança. Apesar dos imensos recursos naturais, a RDCongo continua a ser um dos países mais pobres do mundo, com dois terços da sua população a viver abaixo do limiar da pobreza.

Investigação liga Rússia a Síndrome de Havana

Uma misteriosa doença sofrida nos últimos anos pelo pessoal diplomático, político e de segurança dos EUA, batizada como *Síndrome de Havana* é alegadamente causada por atividades secretas promovidas pela Rússia, aponta uma investigação do Pentágono divulgada na *The Insider, Der Spiegel* e CBS. A causa agora avançada para a doença, assim chamada devido à sua incidência inicial em Cuba, contradiz a versão oficial de Washington. Dezenas de pessoas sofreram sintomas que os médicos atribuíram a ultrassons ou micro-ondas de origem desconhecida. Os relatos terão começado a criar suspeitas em 2016, quando diplomatas e funcionários de embaixadas americanas em vários países sofreram enxaquecas, náuseas e lesões cerebrais. Uma investigação publicada em 2023 concluíra ser "muito improvável" que os casos fossem obra de um Estado estrangeiro.


KENZO TRIBOUILLARD / AFP

Noutro caso relacionado pede-se à presidente da Comissão para divulgar SMS trocados com CEO da Pfizer.

Procuradoria europeia investiga Ursula von der Leyen

JUSTIÇA O negócio de aquisição de 1,8 mil milhões de vacinas e a sua falta de transparência estão na mira dos investigadores do Luxemburgo.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

O futuro político de Ursula von der Leyen pode ficar ensombrado caso a procuradoria europeia materialize a investigação relacionada com a compra de vacinas anticovid da Pfizer e avance com uma acusação nos próximos meses à presidente da Comissão Europeia. Para já, sabe-se que o dossiê passou das mãos dos procuradores belgas para o órgão europeu com sede no Luxemburgo no caso que é conhecido como SMSgate ou Pfizergate.

A dirigente alemã anunciou no dia 19 de fevereiro a intenção de ser a candidata do Partido Popular Europeu a novo mandato à frente da Comissão. No entanto, para lá do que resultar das escolhas dos europeus nas eleições de junho, von der Leyen está também dependente do poder judicial. Segundo o Politico, os investigadores da Procuradoria Europeia substituíram há meses os seus colegas belgas na investigação por "interferência em funções públicas, destruição de SMS, corrupção e conflito de interesses" à presidente da Comissão. A investigação teve origem em Liège, no início de 2023, tendo como base uma queixa criminal do lobista profissional Frédéric Baldan, com ligações à associação francesa BonSens (contra as medidas anticovid). Os governos da Hungria e da Polónia também avançaram com uma queixa-crime, mas com a mudança de executivo em Varsóvia este deverá deixar cair a ação.

O que está em causa são os meandros do acordo estabelecido entre Ursula von der Leyen e o administrador executivo da farmacêutica Pfizer, Albert Bourla, que envolveu troca de mensagens no telemóvel. Até hoje não se sabe os valores do negócio concluído entre ambos na primavera de 2021, depois de outras empresas farmacêuticas não terem assegurado as doses acordadas. Depois de um primeiro contrato de 600 milhões de doses de vacinas Pfizer-BioNtech, o negócio envolveu 1,8 mil milhões de imunizações, cerca de quatro para cada cidadão europeu. Este contrato, como os outros, encontra-se disponível mas rasurado. O secretismo da Comissão entra em choque com o artigo 42 da carta dos direitos fundamentais da União Europeia, segundo o qual os cidadãos têm direito de acesso aos documentos das instituições europeias, "qualquer que seja o seu meio". Em 2022, o Tribunal de Contas Europeu disse ter pedido à Comissão informação sobre as negociações "peritos científicos consultados e pareceres recebidos, calendário das conversações, registos das discussões e pormenores dos termos e condições acordados". No entanto, lamenta o relatório, "não foi apresentada qualquer informação". Nesse mesmo ano, a provedora de Justiça europeia, Emily O'Reilly, considerou que a recusa do acesso público das mensagens era um caso de "má gestão".

Segundo o *Financial Times*, Bruxelas comprou cada dose de vacina por 19,5 euros quando a primeira entrega havia custado 15,5 euros. Além disso, enquanto outros países tiveram dificuldades – ou não conseguiram obter – em adquirir vacinas, os países da UE deitaram para o lixo pelo menos 4 mil milhões de euros em vacinas, de acordo com estimativa do Politico.

Além da investigação da procuradoria europeia – um órgão independente previsto no Tratado de Lisboa, mas que só entrou em funções em 2021 –, a concluir antes do final do ano, há um outro processo em tribunal. Em janeiro de 2023, o *The New York Times* apresentou uma moção à justiça europeia, na qual exige a divulgação das mensagens de von der Leyen com Bourla. É esperada uma decisão a qualquer momento, a qual será passível de recurso.

cesar.avo@dn.pt

Alemanha junta-se a Malta e Luxemburgo na legalização da canábis

COSTUMES Comemoração entre os consumidores e preocupação entre os especialistas de saúde pública e a polícia. Clubes vão cultivar e vender a partir de julho.

Desde o primeiro minuto de abril que os alemães maiores de idade são livres para consumir, armazenar e cultivar canábis, embora com limitações. A nova lei foi contestada pela polícia e por especialistas de saúde pública.

"Finalmente podemos mostrar-nos, já não temos de nos esconder", disse Henry Plottke, membro da Associação Alemã de Cânhamo (DHV), em declarações à agência alemã dpa. Já à AFP, Niyazi, de 25 anos, destacou ter agora "um pouco mais de liberdade". Plottke e Niyazi estiveram entre os 1500 que se reuniram junto das Portas de Brandeburgo, em Berlim, para comemorar a legalização da droga, na noite de domingo. A partir de agora, qualquer adulto pode transportar até 25 gramas de canábis para consumo próprio; em casa, pode armazenar o dobro. Além disso pode cultivar três plantas para cultivo doméstico.

No que respeita às regras de consumo público, as únicas interdições estão relacionadas com os menores de idade e as instalações desportivas – longe de ambos. Mas também não é permitido fumar marijuana nas zonas pedonais entre as 7 e as 20 horas. A grande novidade da legalização na Alemanha é a entrada em vigor de clubes que vão cultivar e comercializar a erva. Este passo será dado a partir de julho, e tem como restrição o número de membros, 500.

A Alemanha junta-se a Malta e Luxemburgo, os únicos países europeus que legalizaram o cultivo e consumo de canábis para fins recreativos. O seu consumo está também descriminalizado em Portugal, Espanha, Bélgica, Países Baixos, Suíça e República Checa.

O social-democrata Karl Lauterbach, ministro da Saúde, defendeu a nova lei, ao afirmar que é "melhor para uma verdadeira luta contra a dependência, para a prevenção das crianças e dos jovens e para combater o mercado negro". O liberal Marco Buschmann, ministro da Justiça, defende a medida porque esta vai aliviar o sistema judicial e a polícia, que "poderão concentrar-se em crimes ainda mais relevantes", embora tenha previsto um "aumento pontual da carga de trabalho".

Do outro lado da barricada, profissionais de saúde e polícias mostram-se preocupados. Os primeiros, pelo efeito que poderá ter nos jovens, os agentes da autoridade porque perderam a dita. "Do nosso ponto de vista, a lei, tal como está redigida, é um desastre", disse à AFP a terapeuta Katja Seidel, que trabalha num centro de dependência de canábis para jovens em Berlim. Os especialistas alertam que o consumo de erva entre os jovens pode afetar o desenvolvimento do sistema nervoso central, aumentando do risco de psicose e de esquizofrenia. O Sindicato da Polícia Alemã (GdP), por seu lado, diz que vai "reinar a incerteza" na aplicação da lei. **C.A.**



JOHN MACDOUGALL / AFP

Mural de Eme Freethinker, em Berlim, retrata Scholz a fumar.

José Pedro Teixeira Fernandes "Há uma cultura estratégica no Kremlin impregnada de rivalidade com o Ocidente"

GUERRA O pós-título de *O Fim da Paz Perpétua,* livro de José Pedro Teixeira Fernandes agora publicado pela Zigurate, é "Geopolítica de um mundo em metamorfose" e é exatamente sobre essa grande mudança na cena internacional, acelerada pela invasão da Ucrânia pela Rússia, que o investigador do IPRI e IDN, e professor no ISCET, fala nesta entrevista.

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

A Rússia está a ganhar a guerra na Ucrânia?
Há várias guerras dentro do conflito militar iniciado a 24 de fevereiro de 2022. Nesta fase, estamos perante uma guerra de atrito onde a Rússia tem vantagens que não tinha no início. Tem posições defensivas sólidas, efetivos dimensionados para a área do território ocupado e uma produção de equipamentos militares e de artilharia que sustenta bem esse tipo de guerra. Internamente, Vladimir Putin não parece ter oposição de relevo. Externamente, as circunstâncias políticas são favoráveis à Rússia nesta altura – nos EUA está em curso um difícil ano eleitoral e a guerra Israel-Hamas desvia as atenções da opinião pública. Todavia, face ao objetivo inicial da Rússia, que era controlar toda a Ucrânia e ter um Governo pró-russo, não há uma vitória desta (ou se existe é limitada). A Ucrânia conseguiu até agora algo muito importante, que é manter a sua independência. Todavia, o discurso maximalista de Volodymyr Zelensky – que definiu a vitória como um recuperar de todo o território do Donbass e até da Crimeia –, algo muito difícil militarmente, contribuiu, paradoxalmente, para dar a ideia de que a Rússia está a ganhar a guerra.


ROMAN PILIPEY / AFP
Ucrânia resiste há mais de dois anos a ataque da Rússia.

O eventual regresso de Donald Trump à Casa Branca, depois das presidenciais de novembro nos EUA, pode ser um momento decisivo no confronto Ocidente-Rússia?
Uma eventual vitória de Donald Trump terá sempre consequências na política externa dos EUA – no estilo e na substância –, bem como na confrontação em curso entre a Rússia e o Ocidente. Lançará dúvidas sobre o comprometimento dos EUA com os seus Aliados da NATO e a continuidade das políticas multilaterais, como as prosseguidas no âmbito do G7 com as sanções à Rússia, e o apoio militar e financeiro em larga escala à Ucrânia. Para Donald Trump e para a sua base de apoio no Partido Republicano a invasão russa da Ucrânia não é prioridade. Não é percebida como uma ameaça maior à segurança dos EUA, antes sendo vista como um problema de segurança dos europeus. Na lógica do "*America first*" a rivalidade comercial-político-militar com a China e os problemas migratórios na fronteira Sul com o México são objetivos prioritários. A Ucrânia é uma mera questão lateral.

Há alternativas, na Rússia, a Vladimir Putin, ou mais do que a liderança de um homem o que existe no Kremlin é uma visão muito própria da História?
Nesta altura, Vladimir Putin e os políticos e militares que lhe são próximos parecem ter um controlo férreo do Estado. A sua substituição por outro governante conciliatório face aos interesses ocidentais e que decidisse uma retirada militar voluntária da Ucrânia é muito improvável. É também quase impossível esperar uma transformação de uma Rússia pós-Putin numa democracia liberal. A experiência de criar uma democracia liberal nos Anos 1990 deixou más memórias, de instabilidade política, pobreza e perda de prestígio e influência mundial. Há uma cultura política e estratégica não só no Kremlin, mas na sociedade, impregnada de um forte nacionalismo e rivalidade com o Ocidente. Acresce a Rússia ser um Estado-império onde a História mostra que os momentos revolucionários levaram à fraqueza do Estado e à sua fragmentação (aconteceu em 1917, com o império dos czares, e aconteceu em 1991 com a União Soviética). Tudo isto favorece a perpetuação de Vladimir Putin no poder ou de emergirem outras alternativas autoritárias a este.



"A guerra na Ucrânia e o conflito agudo que provocou entre a Rússia e o Ocidente contém riscos para a China"
José Pedro Teixeira Fernandes
Investigador do IPRI

A Europa tem mostrado convicção e unidade no apoio à Ucrânia?
Em geral, sim, e até teve uma reação mais determinada do que a Rússia esperaria. A União Europeia impôs sanções económicas em coordenação com os EUA e os restantes países do G7, assumindo custos energéticos elevados. Tem dado uma importante ajuda financeira e humanitária à Ucrânia. Aceitou a Ucrânia como país candidato à adesão à União Europeia. Tudo isto não é nada pouco. Claro que existem fragilidades no apoio. Uma fragilidade óbvia é que alguns Estados são reticentes ao mesmo – o caso mais evidente é o da Hungria –, o que dificulta a ação conjunta se esta requerer unanimidade. Outra fragilidade são os armamentos, onde a União Europeia não estava (nem está) preparada para a produção em massa de material militar numa guerra de atrito de envergadura. Acresce que os avanços das negociações de adesão da Ucrânia terão múltiplas implicações, que se arriscam a abrir brechas . É de admitir que o tempo crie uma erosão na opinião pública europeia – já há sinais disso –, o que acabará, mais tarde ou mais cedo, por ter consequências políticas no apoio permanente que esta necessita.

Como avalia o desempenho de Portugal no apoio aos ucranianos, sendo que temos das opiniões públicas mais antirrussas neste momento?
Portugal está numa área geográfica afastada do conflito, no outro extremo da Europa, e nunca teve um contencioso histórico com a Rússia. Ainda assim, há entre nós uma visão, em geral, muito negativa da Rússia. Na política externa, o que tivemos até agora obedece a um padrão expectável, habitual nesta. Esse padrão é um alinhar (ou um seguir de perto) da política dos Aliados Atlânticos mais próximos – as potências anglo-saxónicas, EUA e Reino Unido. Quanto ao apoio aos ucranianos, em geral tem-se feito o que se podia e devia fazer em termos de ajuda humanitária e de suporte político. Claro que, em termos militares, o apoio é largamente simbólico, mas só quem não tem ideia das limitações nessa área do nosso país, sobretudo face a um conflito militar desta envergadura, é que poderia esperar outra coisa.



O FIM DA PAZ PERPÉTUA
José Pedro Teixeira Fernandes
Zigurate
139 páginas

A China tira vantagem ou, pelo contrário, perde com o atual choque entre os ocidentais e os russos?
A guerra na Ucrânia e o conflito agudo que provocou entre a Rússia e o Ocidente contém riscos para a China. Tende a levar os europeus e outros Estados na Ásia a seguir os americanos no desligar da sua economia da China e a colocaram-se numa coligação oposta aos seus interesses. Mas, ao mesmo tempo, contém significativas oportunidades de ganhos para a China. Isto ocorre pelo desgaste que a guerra causa na ordem internacional liberal e pela frustração que cria no Sul Global. Ao mesmo tempo, retira pressão sobre a sua área envolvente no Indo-Pacífico. Provavelmente, a China acabará por ganhar mais do que perder com a conflitualidade desencadeada pela Rússia.

Imagina a China em condições de rivalizar de igual para igual com os EUA pela supremacia mundial?
Sim. Mas isso não significa que a China o vá conseguir de forma rápida e fácil. Vejo mais isso como um longo caminho. Pode até haver retrocessos da China durante algum tempo. Todavia, dada a dimensão que a sua economia já adquiriu, incluindo o *know-how* tecnológico de uso civil e militar, a imensa população, a ambição dos seus dirigentes (desde logo Xi Jinping, nesta altura), será esse o resultado mais provável numa fase avançada do século XXI.



Análise
Germano Almeida

Nunca teremos Moscovo

Defender a Democracia não é "ser parcial" ou "escolher um lado": perante a ameaça autocrática, é mesmo o único caminho possível para quem dá valor à Liberdade.

A Rússia de Putin anda há anos a minar as democracias ocidentais, pela via dos ciberataques, da desinformação e da estratégia de garantir o apoio político de elementos destacados dos respetivos Parlamentos. Os recentes avisos das secretas polaca e checa foram esclarecedores.

Através do seu poderoso aparelho de propaganda, Putin tenta espalhar para espaço europeu o que impõe pela força, coação e medo em território russo: a ideia difusa de que "tudo é possível e nada é verdade."

A aproximação das eleições europeias, em contexto de agravamento da agressão russa na Ucrânia e momento de grave impasse no apoio ocidental a Kiev, coloca os próximos dois meses como fase particularmente sensível.

A perspetiva de grande subida dos partidos radicais e/ou extremistas, e consequente perda de influência dos grandes partidos tradicionais, que sustentaram nas últimas décadas o aprofundamento do projeto europeu, reforça a complexidade do que pode acontecer.

Vejamos o que se passou a 13 de março passado em Paris, na Assembleia Nacional Francesa, aquando da votação do acordo de segurança celebrado em fevereiro entre Zelensky e Macron: a aprovação só foi possível pelos partidos moderados, mas contou com a rejeição da esquerda radical da França Insubmissa e o Partido Comunista (ambos pró-Rússia de Putin) e a abstenção da extrema-direita (financiada por Putin há vários anos).

Este quadro também se reforça na atual política alemã: a coligação tripartida no Governo (sociais-democratas, liberais e verdes) é pró-ucraniana, mas arrasta-se em divergências internas sobre enviar ou não os Taurus; já a AfD de extrema-direita (20% em algumas sondagens) é um dos partidos mais pró-putinistas do espetro europeu, enquanto o novo partido que agrega a extrema-esquerda alemã, liderado por Sahra Wagenknecht (formado há apenas três meses e já com 5% nas sondagens) é sonoramente contra o envio de ajuda militar à Ucrânia e *surfa* a narrativa de que o Ocidente incita a Ucrânia a fazer guerra à Rússia, num argumento de inversão que, em tudo, nos faz lembrar o que dizem Putin, Lavrov ou Peskov.

A apatia dos moderados contrasta com o entusiasmo dos radicais. Temos de encontrar soluções para essa contradição. Algo parecido com a ideia de Macron de ser "radicalmente moderado"? Talvez.

Como, de forma certeira, a Fernanda Câncio escreveu neste jornal no passado dia 26, "a democracia é a sua pior inimiga – a democracia". Cito, assinando por baixo: "Numa sociedade sem imprensa nem debate político livre não há crime, nem corrupção, nem serviços públicos deficientes, nem ineficácia da Justiça, nem emigração em massa, ou miséria sequer. Pelo contrário, em democracia, tende-se a só apontar o que corre mal – mesmo quando é consequência do que corre bem".

É exatamente isto.

Temo que venha a ser cada vez mais difícil de explicar isto às pessoas. Mas não teremos alternativa. A tentação autocrática é a de lançar soluções simples para problemas complexos.

Para Putin, que tem via aberta para se manter no Kremlin até 2036, ou Xi (que poderá manter-se no poder em Pequim até 2034), o reforço do poder ditatorial facilita a imposição de uma "verdade" ditada pela linguagem e pela ausência de Liberdade.

Já no nosso espaço demoliberal, Biden está longe de saber se renova o seu mandato presidencial em novembro, Macron estará de saída em 2027 – e há risco real de que Trump e Marine Le Pen, dois preferidos de Putin, sejam os sucessores em Washington e Paris.

6 de janeiro de 2021 e tudo o que aconteceu a seguir com a base de Trump mostrou-nos que já não chega derrotar os populistas autocratas em eleições. Passou a ser necessária uma segunda garantia: a de que as instituições democráticas estão suficientemente blindadas para resistirem às tentativas de golpe de quem não quer abdicar do poder.

Os desafios das europeias

Relatório recente do European Council on Foreign Relations desmonta a ideia de que a grande obsessão do eleitorado europeu é o receio da imigração. Questões como as alterações climáticas, a defesa da Ucrânia ou a crise económica global merecem maior atenção e preocupação dos europeus.

As democracias estão sob ataque e temos de saber reagir a isso. Sem diálogo e consenso não há sociedades democráticas. Isso implica cedência, compromisso e tolerância. No dia em que considerarmos que o nosso adversário não tem direito a existir, a Democracia acaba.

Como Bogart para Bergman, na cena final do *Casablanca*, "teremos sempre Paris". O que nunca poderemos ter é Moscovo, pelo menos na forma atual do regime de Putin funcionar.

Especialista em Política Internacional


PEDRO PARDO / AFP

MNE francês com o homólogo chinês, Wang Yi.

França espera que China envie "mensagem muito clara à Rússia" sobre a Ucrânia

GUERRA Ida de Stéphane Séjourné a Pequim coincidiu com morte de oficial russo em carro-bomba em zona ocupada.

O ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Stéphane Séjourné, defendeu ontem que "a China deve enviar mensagens muito claras à Rússia" sobre a guerra na Ucrânia, após reuniões com o seu homólogo em Pequim.

"Estamos convencidos de que não haverá uma paz duradoura se não for negociada com os ucranianos", afirmou Séjourné numa conferência de imprensa, acrescentando que "não haverá segurança para os europeus se não houver uma paz em conformidade com o Direito Internacional".

Para o ministro, o país asiático desempenha "um papel fundamental na independência e no respeito pelo Direito Internacional, incluindo a soberania da Ucrânia". "Esta guerra diz respeito a toda a comunidade internacional", afirmou o ministro ao seu homólogo chinês, que não fez qualquer referência específica ao conflito na Ucrânia no início da conferência.

Stéphane Séjourné declarou ainda que "a França está determinada a manter um diálogo estreito com a China". Nos últimos anos, Paris e Pequim têm procurado reforçar laços. O ministro francês disse também que "não é desejável" a dissociação com a China no comércio, reduzindo significativamente os laços económicos entre os países.

A visita de Séjourné a Pequim tem como pano de fundo o 60.º aniversário das relações diplomáticas entre a França e a China e o recomeço das visitas oficiais desde o fim da pandemia da covid-19.

É a segunda vez em menos de seis meses que um chefe da diplomacia francesa visita a China, após a antecessora de Séjourné, Catherine Colonnal, ter estado em Pequim em novembro passado.

Enquanto prosseguem os esforços diplomáticos, no terreno a guerra não dá sinais de abrandar. Nos primeiros três meses do ano, a Rússia lançou 180 *drones* e mísseis contra a capital ucraniana , incluindo 16 *rockets* hipersónicos Zircon e Kinzhal, difíceis de intercetar, anunciou a Administração Militar da cidade de Kiev. E ainda ontem as forças russas recorreram a bombas guiadas KAB para atacar a região de Kharkiv, no leste da Ucrânia, onde causaram estragos numa escola, numa residência universitária e num edifício residencial.

As bombas KAB, desenvolvidas pela Rússia, são lançadas a partir de aeronaves e guiadas até aos alvos com um alto grau de precisão, geralmente utilizando sistemas de orientação a *laser* ou por satélite.

Mas, segundo os serviços secretos britânicos, as sanções mais rigorosas contra a Rússia, na sequência da invasão da Ucrânia há mais de dois anos, limitaram, de certo modo, as possibilidades de Moscovo adquirir materiais para a sua indústria de Defesa. Num relatório divulgado ontem pelo Ministério da Defesa do Reino Unido, especialistas consideram "altamente provável" que esta reduzida margem de manobra tenha implicado atrasos e entregas mais caras.

Na região de Lugansk, uma das quatro ocupadas pela Rússia, juntamente com Donetsk, Zaporíjia e Kherson, um oficial russo identificado como Valéri Chaika, morreu ontem na explosão de um carro-bomba, em Starobilsk. Recentemente, carros-bomba que são atribuídos a forças ucranianas visaram repetidamente autoridades pró-Rússia nas regiões ocupadas da Ucrânia.

DN/LUSA

Benfica-Sporting, um dérbi com vista para o Jamor e para as decisões do título

TAÇA DE PORTUGAL Leões visitam esta noite o rival em vantagem (2-1) na procura por um lugar na final da prova que falta a Rúben Amorim. O treinador leonino já conta com Coates, mas não pode recorrer a Pedro Gonçalves (lesionado). Roger Schmidt tem equipa na máxima força e precisa de golos para anular desvantagem trazida de Alvalade, mas não revela quem será o avançado escolhido para a missão.


TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Benfica ou Sporting. Um deles sairá hoje (20.45, RTP1) do Estádio da Luz como finalista da Taça de Portugal. Este é o primeiro de dois dérbis em cinco dias – os rivais voltam a encontrar-se no sábado, em Alvalade, para a 28.º jornada da I Liga – e vale um lugar no Jamor e a oportunidade para lutar por um troféu.

O duelo da primeira mão da meia-final da Taça de Portugal resultou numa vantagem do Sporting por 2-1 (golos de Pedro Gonçalves e Gyökeres para os leões e de Aursnes para os encarnados), pelo que um empate basta para garantir um lugar na final do Estádio Nacional, a 26 de maio. Nas 12 deslocações ao Estádio da Luz, para a prova rainha, os sportinguistas conseguiram três vitórias, dois empates (que hoje chega para passar) e sete derrotas.

O Benfica seguirá para a final se repetir uma das três vitórias por dois ou mais golos, que alcançou em casa na história dos dérbis para a Taça, sendo que os quatro triunfos tangenciais dos encarnados levarão a discussão da eliminatória para prolongamento e, em última instância, para os penáltis.

Se o Sporting não levanta a Taça desde 2018 e procura a 30.ª presença na final e o 18.º troféu, o Benfica está em jejum de provas rainhas desde 2017 e quer a 39.ª final para alcançar a 27.ª taça. E se Roger Schmidt tem a equipa na máxima força, Rúben Amorim tem Coates de regresso, mas estará privado de Pedro Gonçalves, autor de um dos golos que ajudaram a equipa leonina a vencer a primeira mão, no dia 29 de fevereiro, mas que falhou os últimos dois jogos por lesão.

E será que recuperará para o dérbi de sábado? "Vamos jogar com a máxima força nos dois jogos. Acho que estará disponível, ele também acha que sim... até achava que podia jogar este, mas não faz sentido nenhum. Quer muito jogar, mas não vamos arriscar por um jogo, porque temos outros jogadores", esclareceu o treinador leonino, que pondera rodar o meio-campo na Luz.

Daniel Bragança fez de Hjulmand na Reboleira, diante do Estrela da Amadora (triunfo por 2-1) e foi dos melhores em campo. "O Dani teve um crescimento muito grande. Koba também é opção, mas o Dani elevou o seu jogo para um rendimento próximo do de Morita e Hjulmand toda a época. Tendo pé esquerdo, dá-nos mais opções. Não vou revelar nada sobre o que vamos apresentar, mas é uma opção. Posso dizer que dois dos três vão ser titulares."

Se a forma de jogar do Sporting "é clara, as ideias também", o que dificulta mais a preparação são as características dos jogadores a enfrentar: "O Benfica tem trocado as características dos avançados, se joga João Mário, Rafa, Neres, se depois joga Florentino ou um médio mais de criação. Isso dificulta a preparação, mas sabemos da importância do jogo e queremos muito estar na final." Por isso, Amorim apresenta um onze a pensar na forma como joga e no encaixe no adversário.

Nos últimos quatro jogos com o Benfica, o Sporting esteve sempre em vantagem, mas só ganhou um. Há algo que faça a equipa tremer nestes jogos? "Podemos ver que só ganhámos um, mas também só perdemos um, o que revela muita igualdade. O que queremos é passar a eliminatória, vencer e melhorar nesses aspetos. É impossível uma equipa estar a dominar e a controlar, e sofrer o 2-1. A equipa sente, demora tempo a ajustar e depois sofremos o segundo, que foi anulado. Não acusámos a pressão, porque jogámos sempre bem. Podíamos ter acusado pressão no jogo, que podia dar o título ao Benfica, aqui não. Estamos preparados para sermos melhores nesses pormenores", respondeu o técnico leonino, analisando os últimos dérbis.

O jogo será arbitrado por João Pinheiro, muito criticado pelo presidente Frederico Varandas em dezembro. "Os jogadores não fazem ideia de quem é o árbitro, tenho a certeza. É o árbitro que foi escolhido e é seguir em frente, não será por isso que o resultado vai ser diferente. Não somos equipa para dar a iniciativa ao adversário. Somos um clube grande, que tem de perceber o momento do jogo. Não sabemos jogar de outra forma", defendeu Amorim, sem querer analisar as polémicas arbitragens do fim de semana e defendendo que os árbitros erram, assim como os jogadores e treinadores.

Mudar comportamentos seria o ideal, mas isso não significa que seja uma solução: "Não vou estar a fingir que sou melhor do que os outros. Faz parte do jogo. Teríamos de ser melhores? Teríamos. Mas às vezes perdemos um bocado a noção. Se todos se zangam e andam à porrada fora dos estádios, imaginem nós que também vivemos as coisas de forma intensa. Quando se começam a desenrolar os campeonatos, sabemos como é. Queixamo-nos e refilamos. É assim. Fazemos todos o mesmo", admitiu.

Já Roger Schmidt precisa de golos, mas não revelou quem será o avançado escolhido para a missão. Se Arthur Cabral, Tengstedt, Marcos Leonardo ou até Rafa Silva como homem mais avançado. "Temos várias opções, mas claro que precisamos de velocidade e


Roger Schmidt
Treinador do Benfica



Dérbis são jogos de risco elevado

O Benfica conta com mais 25 vitórias do que o Sporting no histórico de 318 duelos entre ambos em todas as competições desde 1907. As águias contabilizam 138 vitórias, contra 113 dos leões, mais 67 empates.

A Polícia de Segurança Pública considerou de risco elevado os dérbis entre Benfica e Sporting, de hoje e de sábado, da 28.ª jornada da I Liga. As portas do Estádio da Luz vão abrir às 18:45. Os adeptos leoninos têm encontro marcado às 16.00 horas, junto ao Estádio José Alvalade, para iniciarem a marcha rumo à Luz.



João Neves e Morten Hjulmand são dois dos protagonistas do Benfica-Sporting de hoje.

GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS



Rúben Amorim
Treinador do Sporting

criatividade, com um poder físico importante. Todos os pontas-de-lança têm o seu perfil, mas esperamos que todos consigam ter desempenhos parecidos, do ponto de vista tático. Precisamos da qualidade individual dos jogadores e isto é algo que todos já demonstraram. Espero um jogo onde também precisaremos de depender dos suplentes. Temos de estar ao mais alto nível", disse o treinador do Benfica na curta conferência de imprensa de antevisão do dérbi da Taça de Portugal.

Segundo o técnico alemão, há diferenças entre o duelo de hoje e o de Alvalade, em que os benfiquistas estiveram a perder por 2-0, mas acabaram por reduzir e relançar a eliminatória. "A primeira diferença é que jogamos em casa, a segunda é que é um jogo absolutamente decisivo. Trata-se de uma competição a eliminar. Tudo está muito claro. Temos uma desvantagem de um golo e temos 90 minutos para mexer com o resultado. Estamos motivados e queremos chegar à final. Temos de fazer um jogo de grande nível contra uma grande equipa e mostrar que merecemos estar na final", explicou.

Schmidt foi depois questionado se, numa semana de dois dérbis, o de hoje, para a Taça de Portugal, poderá influenciar o desempenho das equipas no jogo de sábado e no resto da época.

"Quanto mais perto do final da época, mais decisivos se tornam os jogos. Estamos nas meias-finais e chegámos ao ponto em que nos podemos qualificar para a final. No campeonato temos sete jogos e isto torna-se cada vez mais decisivo. É extremamente importante mantermos o foco em cada jogo, caso contrário será impossível jogar neste calendário tão apertado", respondeu.

O outro finalista sairá do duelo entre o V. Guimarães e o FC Porto, cuja primeira mão está agendada para as 20.15 de amanhã, no Estádio D. Afonso Henriques, enquanto o segundo jogo se realiza no Dragão, a 17 de abril.

isaura.almeida@dn.pt

Nuno Borges vence a primeira a batalha luso-francesa. João Sousa entra hoje em cena

ESTORIL OPEN O melhor tenista português sofreu para bater o francês em três *sets*. Fokina desistiu devido a uma infeção dentária. Thiem passou à segunda ronda.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Foi preciso sofrer e encontrar o melhor ténis para Nuno Borges bater Lucas Pouille e continuar no Estoril Open. O tenista português entrou muito mal no jogo e acabou o primeiro *set* sem pontuar (0-6), mas equilibrou no segundo (7-6), depois de salvar um *match point* no *tie-break* e superiorizou-se no terceiro parcial (6-3). Nuno Borges irá agora defrontar Lorenzo Musetti, nos oitavos-de-final.

Este foi o primeiro de cinco duelos luso-franceses na primeira ronda. Hoje há mais três. Desde logo com João Sousa a iniciar o último torneio da carreira diante de Arthur Fils. Antes disso, Jaime Faria estreia-se no quadro principal de um Torneio *ATP* diante de Constant Lestienn , com o dia a fechar com o duelo entre Henrique Rocha e Gael Monfils. Ainda hoje, na variante de pares, Nuno Borges e Francisco Cabral iniciarem a caminhada no quadro de pares no Court Cascais, tendo pela frente os gauleses Sadio Doumbia e Fabien Reboul.

O dia de ontem ficou ainda marcado pela desistência de Alejandro Davidovich Fokina devido a uma infeção dentária. O lugar do espanhol Número 28 do *Ranking* Mundial será ocupado pelo francês Richard Gasquet. O vencedor do Estoril Open em 2015 foi repescado da qualificação e vai enfrentar o austríaco Dominic Thiem (91.º), que ontem eliminou o alemão Maximilian Marterer, 97.º da hierarquia mundial (6-1, 6-7 e 6-4).

Já o sérvio Miomir Kecmanovic, finalista vencido da edição de 2023, perdeu com Roberto Bautista Agut, por 6-1 e 7-5. Na próxima ronda, o espanhol vai defrontar o vencedor do encontro entre o alemão Daniel Altmaier (54.º) e o espanhol Pedro Martínez (77.º).

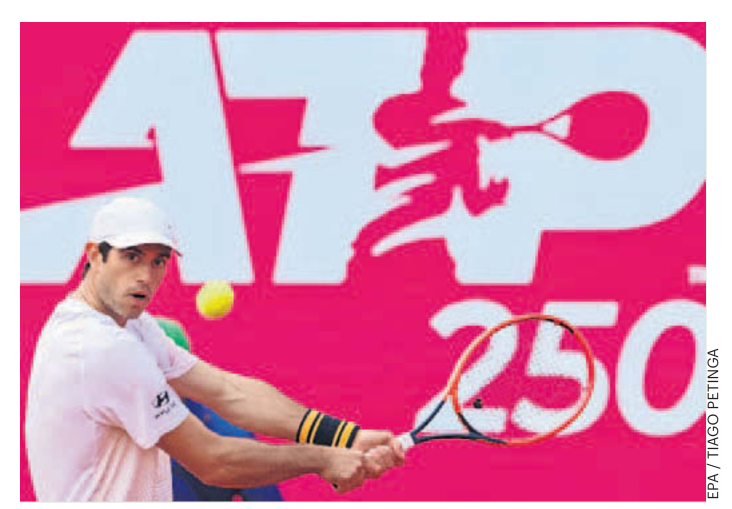
O italiano Jannik Sinner subiu ao segundo lugar do *Ranking* Mundial de ténis, divulgado ontem, que continua a ser liderado pelo sérvio Novak Djokovic, enquanto Nuno Borges continua a ser o melhor português, em 62.º lugar.

Um português no top 100

Henrique Rocha galgou 51 lugares no *ranking ATP* para o 197.º posto, classificação que o confirma como o N.º 2 Nacional, depois de Nuno Borges e à frente de Gonçalo Oliveira (238.º), Jaime Faria (262.º) e João Sousa (272.º). Sinner relegou o espanhol Carlos Alcaraz para a terceira posição, graças a um forte arranque de 2024, durante o qual conquistou o Open da Austrália, enquanto o búlgaro Grigor Dimitrov subiu três lugares e entrou no *top*-10, fechado pelo polaco Hubert Hurkacz, que hoje entra em cena no Estoril Open.

Novak Djokovic lidera o *ranking ATP* pela 419.ª semana, tornando-se no Número 1 mais velho de sempre. Com 36 anos e 321 dias, o sérvio vai ultrapassar o recorde que pertencia ao suíço Roger Federer, antes de ir defender o título de Roland Garros.

isaura.almeida@dn.pt



Nuno Borges sofreu para vencer o francês Lucas Pouille.

EPA / TIAGO PETINGA

Dona da Fórmula 1 compra MotoGP

A Liberty Media, detentora dos direitos comerciais da Fórmula 1, adquiriu 86% do capital da Dorna, empresa promotora dos Campeonatos do Mundo de vvelocidade, entres eles o MotoGP e as Superbikes.

Em comunicado, a empresa espanhola Dorna, detentora dos direitos comerciais e televisivos dos Campeonatos de MotoGP [onde está o português Miguel Oliveira], Moto2, Moto3 e MotoE, Superbikes e Campeonato do Mundo Feminino, explica que mantém cerca de 14% do capital da empresa, avaliada em 4,2 mil milhões de euros, que "continuará sediada em Madrid" e com Carmelo Ezpeleta como diretor executivo, como tem acontecido desde 1994.

"Estamos satisfeitos por expandir o nosso leque de desportos e entretenimento com a aquisição do MotoGP", disse Greg Maffei, presidente e diretor executivo da Liberty Media, citado pelo comunicado da Dorna.

O mesmo responsável frisou que "o MotoGP é um campeonato com uma base leal e entusiástica de adeptos, corridas cativantes e geradora de receitas". "O Carmelo e a sua direção construíram um grande espetáculo desportivo que poderemos expandir para uma audiência mais global. O negócio tem uma ampla margem de crescimento e tencionamos fazer crescer o MotoGP para os adeptos, equipas e parceiros comerciais", sublinhou Maffei.

A Dorna, que detém os direitos do Mundial de Velocidade em motociclismo desde 1991, passará a integrar o portefólio da Liberty Media, mas manter-se-á como uma empresa a operar de forma independente. "Este é o próximo passo perfeito para a evolução do MotoGP e estamos muito satisfeitos com o que isto traz para a Dorna, para o *paddock* de MotoGP e para os adeptos", frisou Ezpeleta. As empresas esperam que o negócio esteja concluído até final de 2024.

DN/LUSA

Eureka – O cinema liberta!

ESTREIA Nome maior do cinema argentino, Lisandro Alonso é um dos meninos bonitos do circuito dos grandes festivais. Em *Eureka*, em estreia esta semana, leva-nos para uma ideia da América e das colonizações. Tem Viggo Mortensen e Luísa Cruz no elenco. O realizador não explica tudo, mas deixa pistas...

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA**, EM CANNES

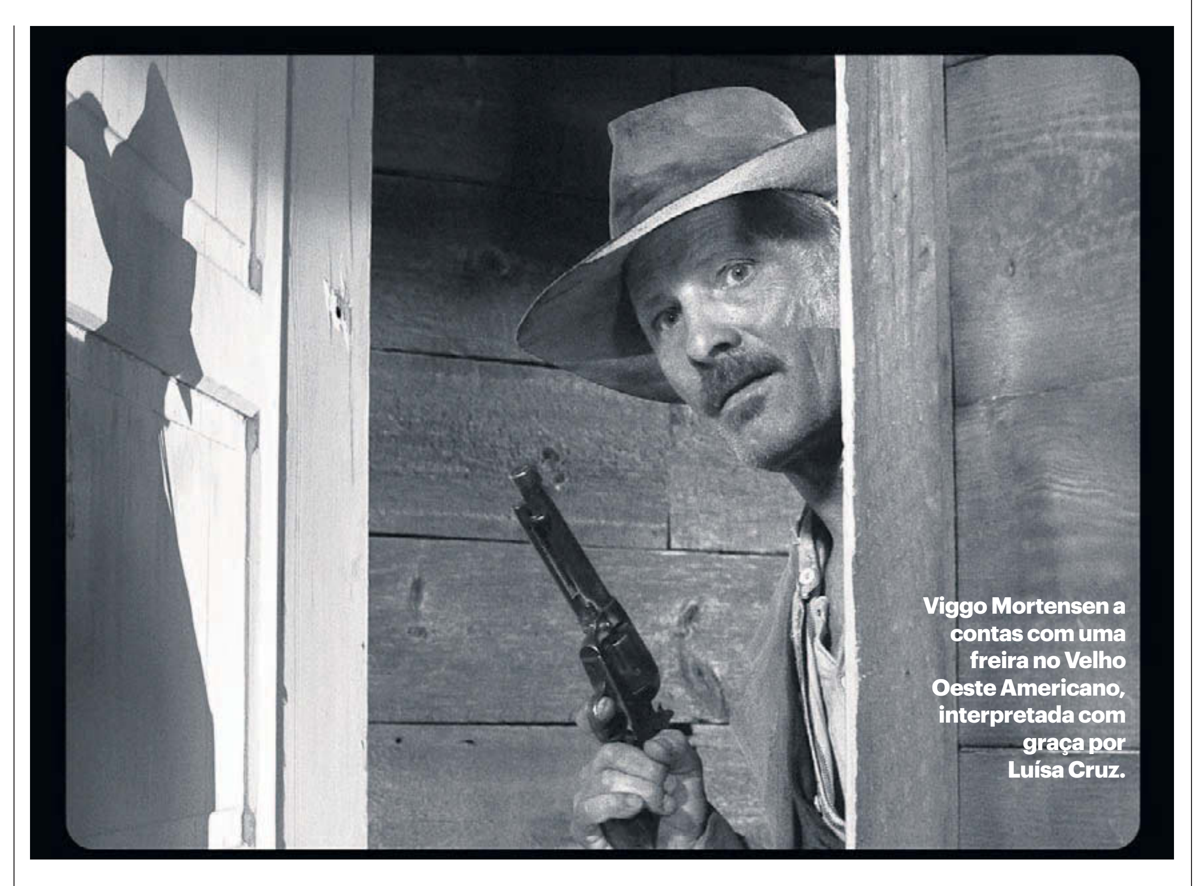
A bem dizer, nada do que se parece em *Eureka* é o que aparenta. A contradição faz parte do jogo. Um *western* que, afinal, não é *western*. Um conto de meditação sobre o lugar dos indígenas que acaba por ser um ensaio sobre os limites do tempo e espaço. Mas o argentino Lisandro Alonso talvez não queira fugir do mais importante: uma reflexão pesada sobre o peso do colonialismo em diversos quadros. Quadros esses que se tocam numa América com peso de fábula e com uma tolerância panorâmica subtil.

Em Cannes, onde apresentou o filme *Fora de Competição*, não escondeu alguma frustração por essa realidade, num encontro para a imprensa. Não é o mesmo Lisandro de outros anos e que, em Portugal, numa visita ao *Leffest*, de Paulo Branco, aparentava um comportamento bem mais excêntrico. Fala um castelhano pausado, quase terno e quer realmente sentir o que os jornalistas tiram deste *puzzle* metafísico.

"A questão de o filme estar dividido em três partes era algo que estava no argumento inicial, mas, a dada altura, quis ser mais fluído e ver o que isso poderia dar. Começámos a rodar a última parte, a da selva, no México, e só depois fomos rodar em Almería a parte do *western*. No fim, na montagem, é que comecei a organizar tudo. O processo teve tanto de fácil, como de complicado. Na realidade, não gosto de controlar o filme, não gosto de antever o seu resultado final... Se parece organizado, também quero dizer que está aberto a várias interpretações", começa por dizer sobre a estrutura de uma história que não obedece aos compêndios do cinema narrativo.

Há uma mulher indígena nos EUA que ouve o conselho do seu avô. "Lembra-te: espaço, não o tempo. O tempo é uma invenção dos homens." Esse é o ponto de partida que liga os tais três segmentos: uma visita ao velho Oeste Americano, uma trama policial numa América fria do Dakota do Sul, e uma passagem à selva da América Latina onde há quem queira dar o golpe...

Tudo isto sempre servindo as regras do *slow cinema* vigente.



Viggo Mortensen a contas com uma freira no Velho Oeste Americano, interpretada com graça por Luísa Cruz.



Eureka, experiência mística sempre livre...

O lugar do nativo-americano

Acerca do momento inaugural do *western*, a ideia de Alonso era criticar a forma como Hollywood representa a ideia do "índio": "Por alguma razão, depois, quando percebemos que aquilo está a dar na televisão, os índios verdadeiros nem estão a ligar. Aliás, o cinema *western* nunca ligou aos índios, não os representa. Não vi todos os *westerns*, mas desconheço algum que ponha os nativos como têm de estar representados."

Ripostamos que no mesmo festival estão *A Flor do Buriti*, de João Salaviza e Renée Messora, e *Assassinos da Lua das Flores*, de Martin Scorsese, dois projetos que põem a cultura indígena como protagonista...

"Sim, talvez, porque agora há quem queira ouvir outras histórias menos urbanas, mais ligadas à natureza."

Misturar Viggo e Luísa Cruz

Além de Viggo Mortensen, Chiara Mastroianni e atores não-profissionais nativo-americanos, o elenco do filme tem uma presença portuguesa graças à coprodução com a Rosa Filmes, de Joaquim Sapinho: Luísa Cruz.

"Cheguei até ela graças ao meu amigo português, o cineasta João Nicolau, que já a tinha dirigido, creio. Liguei-lhe para saber quem poderia ser aquela freira e ele recomendou-me a Luísa, que está fantástica", conta o realizador antes de se queixar face à fama de "cineasta raro".

"A verdade é que está cada vez mais difícil arranjar financiamento para os meus filmes... A maior parte do dinheiro tem de vir da Europa. Felizmente tenho tido muito apoio fora da Argentina, mas demora muito tempo. Este filme tem dinheiro de cinco países, mas foi preciso esperar muito. Demoram muito a decidirem financiar-me... Claro que na Argentina não há orçamento, sobretudo agora com isto da inflação! Só dá para sobreviver com coproduções. Cinema na Argentina não é a prioridade."



"A verdade é que está cada vez mais difícil arranjar financiamento para os meus filmes... A maior parte do dinheiro tem de vir da Europa. (...) Este filme tem dinheiro de cinco países, mas foi preciso esperar muito."

Lisandro Alonso
Realizador

Ainda assim, o nome de Lisandro Alonso chega para que Viggo Mortensen não tenha coragem para dizer não a mais um convite: "Ah, isso é porque o Viggo gostou de trabalhar comigo em *Jauja* e tem uma ligação forte com o meu país. Seja como for, nunca sei como dirigi-lo. O que se diz a um ator como Viggo Mortensen!? Não lhe vou pedir para fazer isto ou aquilo, limito-me a ficar quietinho e trato-o de forma igual. De vez em quando, ele lá me faz uma pergunta... Nós encontrámos a maneira certa para fazer este filme fazendo-o! Ainda assim, este filme foi muito mais fácil para ele do que *Jauja* – a parte dele é a do *western* e ele já tinha feito muitos *westerns*! Creio que estava numa zona de muito maior conforto. Ele é um tipo impecável e muito colaborativo, estando sempre interessado em extrair de mim o melhor. É bom tê-lo ao meu lado, sobretudo para chegar perto de produtores e agentes. Devo-lhe muitos favores, mas o problema é que estou a marimbar-me para o futebol e ele é fanático..."

Numa temporada com um número anormal de estreias, é um pequeno pecado ignorar esta obra, cujo laconismo é tão invulgar como exaltante e onde a perenidade de um plano-sequência contém uma verdade essencial a decifrar uma viagem para desafiar os nossos preconceitos com o sobrenatural de outras culturas. Seja transmutação de corpos ou outras veleidades espaçotemporais. *Eureka* é sobre todo esse conceito de América que não vemos nos filmes. Ou como o cinema pode ser (ainda) um refúgio para a nossa libertação enquanto espectadores.

dnot@dn.pt

Será Madonna a artista viva mais bem-sucedida da história?

ÍCONE *Madonna: 40 anos de vanguarda* é o título do livro da investigadora Thati Aquino que defende a longevidade da artista norte-americana e coloca-a ao lado de estrelas como a banda The Beatles, Elvis Presley ou Michael Jackson.

A cantora norte-americana Madonna é "a artista viva mais bem-sucedida da história", defende a investigadora brasileira Thati Aquino, radicada em Portugal e coautora do livro *Madonna: 40 anos de vanguarda*. O percurso da "diva da *pop*", que recentemente anunciou que a digressão *The Celebration Tour* terminará na Praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, Brasil, onde são esperadas mais de um milhão de pessoas no dia 4 de maio, é abordado na publicação na ótica do *marketing* e da longevidade, "numa cultura habituada ao descarte". "Madonna foi o nosso objeto de estudo e usámos essa artista, que está há 40 anos no *show business* e que certamente é a artista viva mais bem-sucedida da história", para "a analisarmos pela tendência do *marketing* de entretenimento", explicou Thati Aquino à agência Lusa.

A autora, radicada há cinco anos em Portugal, onde é investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, coloca Madonna a par de ícones como os Beatles, Elvis Presley ou Michael Jackson. Mas há diferenças: a par do sucesso global, Madonna está viva, no ativo – e é mulher. "Numa sociedade machista, sexista e patriarcal, ela é a primeira mulher a ocupar esse espaço", lê-se, na sinopse.

400 milhões de discos vendidos

Porque "os números não mentem", as conclusões são acompanhadas por dados: 400 milhões de discos vendidos, o equivalente a 1,2 mil milhões de euros arrecadados em venda de bilhetes para concertos e 99,2% de reconhecimento entre a população dos Estados Unidos.

"Os números dela são realmente impressionantes" e fazem de Madonna "a mulher mais bem-sucedida da história da indústria fonográfica", realça Thati Aquino, que, com José Fontes Netto, analisou esse percurso recorrendo ao "olhar de estudiosos e de jornalistas para entender esse fenómeno", numa abordagem que tanto vai "do *marketing* de entretenimento ao psicossocial da infância de Madonna, que se vai refletir nas escolhas dela".



A questão do etarismo é abordada em *Madonna: 40 anos de vanguarda*.

A investigadora recorda "a briga com a Igreja Católica, o comportamento sempre muito iconoclasta, muito contra o *statu quo*", típico de artistas *punk*, embora, por outro lado, a cantora se mantenha sempre "muito chancelada como a *Rainha da pop*, muito *mainstream* e altamente vendável". "É um paradoxo muito curioso", concluiu.

Para este sucesso que alimenta recordes contribuem vários fatores. "É muito para além da artista: é uma empresária com sangue nos olhos, é muito atenta a todos os processos de produção, todos os processos de negociação", que levaram, em 40 anos, a "escolhas acertadíssimas e escolhas não-acertadas – mas até as escolhas não-acertadas ela conseguiu reverter a seu favor".

A questão do etarismo – preconceito e discriminação com base na idade – é abordada em *Madonna: 40 anos de vanguarda*. "Estamos a falar de uma artista que vai fazer 66 anos e que está aí brigando e batendo o pé e continua a fazer coisas, *tournées* e a dizer: 'Estou fazendo 40 anos de carreira e vocês vão ter de me aceitar.'"

Atualizada até à fase atual da artista norte-americana, a investigação foi lançada em fevereiro deste ano, no Brasil, pela Editora Dialética. Em estudo está a edição em Portugal, onde Madonna viveu entre 2016 e 2020.

DN/LUSA

Três dias de intervenção no Cinema São Jorge

São 18 atividades no total com objetivo de convocar jovens artistas, criadores, académicos e ativistas para "desenvolverem propostas e reflexões focadas na necessidade de fomentar a participação dos cidadãos nos atos eleitorais e o envolvimento com as instituições e as suas comunidades", explica a organização do *Festival Política* em comunicado. O evento tem início amanhã e prolonga-se até sexta-feira, 5, no Cinema São Jorge, em Lisboa. Um dos destaques da organização vai para o último dia do festival com o humorista Hugo van der Ding a apresentar o espetáculo *O que importa é participar*, sobre vários episódios da História de Portugal.

Na música haverá os concertos das bandas Miss Universo (dia 3) e Luta Livre (dia 4) – projeto de Luís Varatojo.

A secção de cinema é composta por 11 produções, entre curtas e longas-metragens, filmes de animação, ficção e documentários, como *Sapadores da Humanidade* (realizado por The Gandaya Colletive) ; *A Cor da Liberdade* (de Júlio Pereira), que parte da história de José Pedro Soares, ex-preso político detido e torturado pela PIDE entre 71 e 74; e *Maghreb's Hope* (do realizador Bassem Ben Brahim), retrato das experiências *queer* no Magrebe. Os premiados *Monte Clérigo* (de Luís Campos) e *Mistida* (de Wilker Nhaga) também integram a seleção de 2024. No programa está ainda o filme *A sala de Professores* (de Ilker Çatak) com sessão dia 3.

A edição deste ano conta com quatro exposições: *História LGBT+ em Portugal*, um panorama histórico da comunidade LGBT+ em Portugal; *Afinal quantas pessoas se abstêm em Portugal?* análise aos números oficiais da abstenção; *Polarização afetiva: causas e implicações para o sistema democrático* baseia-se em *papers* científicos sobre o fenómeno; e *MulheresPPT* celebra as mulheres que desempenharam papéis cruciais na política portuguesa, indica a organização.

De Lisboa, o festival segue para Braga (2 a 4 de maio), Loulé outubro) e Coimbra (novembro). **F.G.**

Comissão de Administração Conjunta da AUGI Bairro dos Pedrógãos

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do Artigo 11.º da Lei 91/95, de 2 de setembro, republicada pela Lei 71/21, de 4 de novembro, convoca-se todos os proprietários e comproprietários da Área Urbana de Génese Ilegal denominada "**Administração Conjunta do Bairro dos Pedrógãos**", união das freguesias da Ramada e Caneças e concelho de Odivelas, para a assembleia que terá lugar, no dia **17 de abril de 2024,** pelas **19 horas**, **na "Casa da Cultura"**, sito no Largo Vieira Caldas, em Caneças, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º - Informações gerais – Ponto situação das Obras, situação financeira e Orçamentos;

2.º - Apresentação, discussão e aprovação do relatório e contas do ano de 2023;

3.º - Apresentação, discussão e aprovação do Orçamento para obra;

4.º - Fixação da quota comparticipação para o ano de 2024;

5.º - Eleição da Comissão de Fiscalização para o ano de 2024;

6º - Outros assuntos de interesse para o Bairro – contrato de empreitada e inicio de obra.

As listas destinadas a compor a Comissão de Fiscalização devem ser entregues à Mesa até ao início da Assembleia Geral.

Os relatórios, comprovativos originais e extratos de conta que serviram de base ao relatório e contas do ano de 2023 podem ser consultados na sede da comissão de administração, a requerimento de qualquer interessado.

*Aqueles que não possam estar presentes, **devem fazer-se representar por meio de procuração, que para os devidos efeitos se anexa à presente comunicação**.*

Se à hora marcada se não se encontrarem presentes ou representados o número de proprietários e comproprietários suficientes para validamente deliberar, desde já fica marcada segunda assembleia, para as **19.30 horas do mesmo dia e no mesmo local**, nos termos do artigo 1432.º, n.º 4, do C.C., deliberando assim com qualquer número de comproprietários presentes.

O Presidente da Administração Conjunta da AUGI
Custódio Gonçalves



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
Consulado-Geral do Brasil em Faro

LIVRO: 16
FOLHA(S): 75
TERMO: 3805

EDITAL DE CASAMENTO

Betania de Andrade Oliveira, Vice-Cônsul do Brasil em Faro, usando das atribuições que lhe confere o art.º 18 da Lei de Introdução ao Código Civil, faz saber que pretendem casar EDUARDO FIORAVANTE TEIXEIRA VIDAL natural de Contagem, Minas Gerais, Brasil nascido a 16/05/1980, residente e domiciliado na Rua Francisco Barros, n.º 4, 2F, Quarteira, Portugal, Código Postal: 8125-216, nesta jurisdição consular, filho de Sílvio Vidal Pereira e de Ângela Fioravante Teixeira Vidal, e ALESSANDRA ALVES DE CASTILHO PENA, natural de São Sebastião do Maranhão, Minas Gerais, Brasil nascida a 16/11/1981, residente e domiciliada na Rua Francisco Barros, n.º 4, 2F, Quarteira, Portugal, Código Postal: 8125-216, nesta jurisdição consular, filha de José Alves de Castilho e de Marlede Emerenciano de Campos Castilho. Os nubentes apresentaram os documentos exigidos pelo art.º 1.525 do Código Civil (Lei n.º 10.406, de 10 de janeiro de 2002). Se alguém souber de algum impedimento, oponha-o na forma da Lei. Eu, Elton Garcia Silveira, oficial de Registro Civil ad hoc, lavrei o presente para ser publicado na imprensa local e afixado em lugar visível da Chancelaria deste Consulado-Geral.

Consulado-Geral da República Federativa do Brasil – Faro
(Assinatura ilegível)



Opinião
Guilherme d'Oliveira Martins

A caminhar para o princípio...

A exposição que está na Biblioteca Nacional de Portugal alusiva ao centenário do nascimento de Eduardo Lourenço, comissariada por João Dionísio, é uma muito boa surpresa. Não se trata apenas de mais uma evocação do pensador e ensaísta, já que se baseia no seu espólio inesgotável, que agora começa a ser revelado. Nesse sentido, mostra-se uma faceta do escritor que só agora pode começar a ser estudada, enriquecendo o conhecimento do prolífero autor, cuja obra longa e multifacetada precisa de ser mais bem conhecida. E cabe elogiar o excelente trabalho desenvolvido por João Dionísio na conceção do percurso, apresentado numa sequência que vai do epílogo para o começo, em revelação apaixonante de uma vida cuja riqueza correspondeu a uma simbiose fecunda entre a existência e a reflexão, não podendo esquecer-se o contributo decisivo para a reunião destes preciosos elementos de João Nuno Alçada, conhecedor profundo deste extraordinário acervo.

O título *A caminhar para o princípio* diz tudo. Há um percurso cronológico concebido às avessas baseado num pequeno apontamento do ensaísta e numa fotografia. No primeiro lê-se: "*Pour moi il (est) trop clair que nous marchons dès le commencement vers notre commencement*" – Para mim é demasiado claro que caminhamos desde o começo até ao nosso começo. Na fotografia, de Sílvia Seova, já publicada num dos volumes das obras publicadas pela Gulbenkian, Lourenço, de costas, na companhia de um cão, caminha na direção de um túnel, sobre o qual os arbustos e as árvores deixam entrever a parte cimeira de uma casa. De forma natural, é como se Eduardo nos contasse a sua vida – começando por uma bela fotografia de Duarte Belo, que reproduz o gabinete, com luzes de estúdio, no qual captou centenas de imagens do espólio.

Em seguida, identificando o século XXI, surge a imagem de Eduardo Lourenço na Fundação Calouste Gulbenkian, quando administrador não-executivo, seguindo-se, para os Anos 90, o pensador com Annie Salomon na Muralha da China, na comitiva oficial do Presidente Jorge Sampaio. Para os Anos 80, temos a impressiva imagem da visita ao Carmelo de Santa Teresinha, onde estava Lurdes, irmã de Eduardo.

Nos anos 70, contamos com a paradoxal colagem da autoria de Mário Botas, em que a face recortada do pensador, com ar prazenteiro, ocupa a face do *Rei Desejado*, na pintura clássica de Cristóvão de Morais.

A década anterior apresenta-nos a imagem do casal Faria com o filho Gil, enquanto o prólogo colocado às avessas envolve imagens inéditas do casamento de Annie e Eduardo em Dinard (Bretanha) e a presença do herói de tenra idade com os olhos bem abertos para o mundo.

Estes são os marcos fundamentais deste fantástico caminho, também ilustrado pelo friso multicolorido das capas das obras vindas a lume em Portugal e no estrangeiro. E, ao seguir esse caminho, orientado para o começo, fica a lembrança do devorador de periódicos que Eduardo era, colecionando, dobradas em quatro, as páginas dignas de maior interesse: "Não posso passar um dia sem ler o jornal. Compro-o e vou para ele como se o mundo viesse ao meu encontro."

E o exemplo de Hegel vinha à baila, na oração matutina do homem civilizado. Sou testemunha disso, com o meu vizinho de gabinete. E, em lugar de imagens já conhecidas, surpreendem-nos referência inéditas que ilustram a passagem dos sinais dos tempos que tanto o interessavam. Não por acaso, na célebre *Heterodoxia*, surgiu como símbolo, como *ex libris* inconfundível, *Migdar*, a serpente de aspeto circular que morde a própria cauda. "Podemos ver (no velho mito germânico) uma imagem da vida como um todo que solicitou no seu seio a necessidade mesma da morte." É a paixão circular da vida por si mesma, demarcada de um só caminho ou de nenhum caminho.

Está de parabéns a Biblioteca e a sua diretora Inês Cordeiro, convidando o visitante a conhecer um pouco do fascinante espólio de um não menos fascinante autor.



A exposição que está na Biblioteca Nacional de Portugal alusiva ao centenário do nascimento de Eduardo Lourenço, comissariada por João Dionísio, é uma muito boa surpresa."

Administrador executivo da Fundação Calouste Gulbenkian



Opinião
Luís Castro Mendes

No rescaldo dos dias

O novo mundo político em que, com relativo (e feliz) atraso em relação ao resto do mundo, acabámos de entrar representa uma forte tendência e uma perigosa tentação de cairmos num modelo político de bipolarização entre um centro democrático débil e com porosidade à sua direita em relação às exigências extremistas e uma extrema-direita autoritária, xenófoba e racista a levantar-se como única oposição e a cavalgar os previsíveis descontentamentos e dificuldades sociais. É o modelo que nos mostra a França de Macron e que se vai espalhando pela Europa.

O socialismo democrático tem, assim, de se definir claramente como oposição tanto à direita democrática como à extrema-direita radical, sob pena de cairmos no caldeirão francês, que não é o de Obélix, mas é o do apagamento do socialismo e da esquerda do mapa político. É o que se vê já na Polónia, onde a única oposição aos conservadores clericais veio da direita liberal, porque deixou de existir esquerda.

A política em Portugal vai tornar-se, assim, interessante no sentido chinês do termo ("livre-nos o destino de enfrentarmos tempos interessantes"), porque uma bipolarização é sempre mais previsível do que este triângulo em que são possíveis só duas coligações e em que terá sempre de ponderar-se o mal menor.

Isolar a extrema-direita como inimigo principal, em lugar de a aliciar e acariciar, é o dever da direita democrática. Manter, como oposição responsável, a necessária alternativa às políticas da direita é o dever do socialismo democrático.

Resolver esta triangulação vai ser mais difícil do que fazer omeletes sem ovos. Que todos atuem com a máxima responsabilidade, entre os Cila e Caribdis de duas coligações indesejáveis, mas com o sentido de responsabilidade e de negociação que se tornam, neste momento, mais necessários do que nunca.

O cronista não é, nem quer ser, comentador político ou treinador de bancada, pelo que, conhecidas que são as suas opções, irá falar-vos de outras coisas durante as próximas semanas.

Com pena de não estar em Portugal na festa dos 50 anos do 25 de Abril, confesso que aceitei convites da *Feira do Livro de Bruxelas*, da comunidade portuguesa e dos nossos diplomatas em Estrasburgo, do Instituto Camões do Luxemburgo e da Gulbenkian em Paris, que vão preencher o meu mês de abril, numa volta à Europa, que farei de automóvel, seguindo sempre na internet as peripécias portuguesas.

Não me sinto um desertor, porque não estou em nenhuma frente de combate. Passar o 25 de Abril junto das nossas comunidades oferece-me uma continuidade sentimental a algum trabalho que, já na disponibilidade, realizei nos últimos anos, em torno das comunidades portuguesas no estrangeiro. E a Europa é a nossa casa comum.

Os ventos de guerra que sopram do Leste têm encontrado da nossa parte aquela alegre inconsciência que precede todas as catástrofes. Tusk, na Polónia, lembrava a animação de uma praia no Báltico em 1939, poucos dias antes da invasão alemã. Eu não esqueço o dia, no *Verão Quente* de 1975, em que todos estávamos convencidos de que ia estalar a guerra civil. Antes de passar à clandestinidade (o que nunca aconteceu), decidi ir ver os meus pais à Praia da Rocha, onde passavam férias. Quando vi a normalidade feliz e quotidiana de todos aqueles veraneantes na Praia da Rocha, pareceu-me impossível que surgisse uma guerra civil. E ela não veio, mas o perigo existiu.

O papel de Portugal tem sido de fidelidade às nossas alianças e de solidariedade com a Ucrânia cruelmente invadida. Mas tem sido sempre característica da nossa política externa e da nossa diplomacia estar do lado do realismo, do bom senso e da moderação.

Que eles prevaleçam!



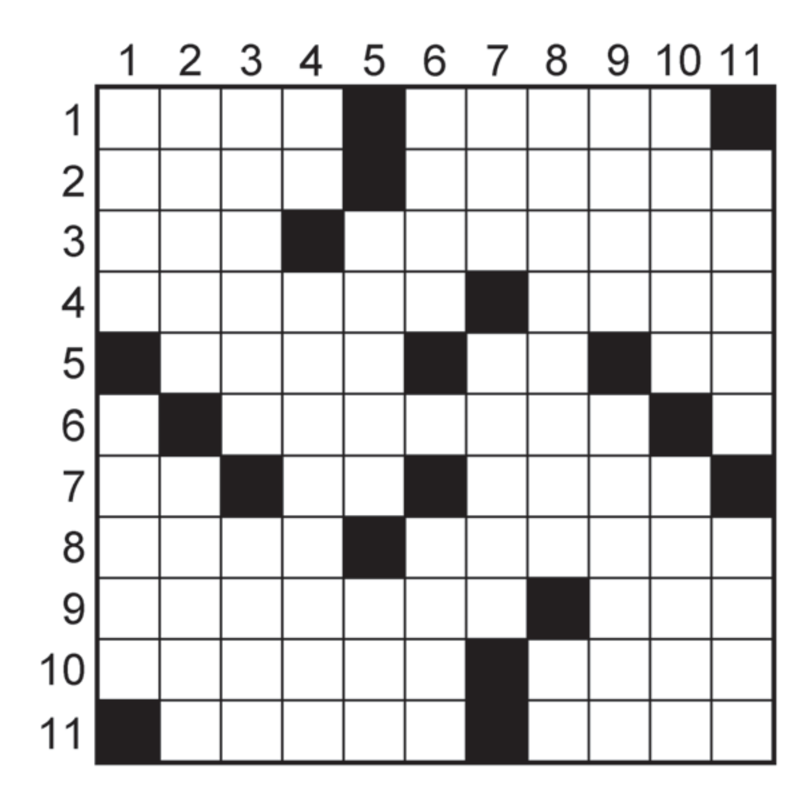
Isolar a extrema-direita como inimigo principal, em lugar de a aliciar e acariciar, é o dever da direita democrática. Manter, como oposição responsável, a necessária alternativa às políticas da direita é o dever do socialismo democrático."

Diplomata e escritor



JÁ NAS BANCAS
NESTA EDIÇÃO
SINGLE TRAVEL
O prazer de viajar sozinho
IRLANDA
Roteiro para os amantes dos pubs
ESPANHA
Corunha, onde mar e cultura se fundem
IRLANDA ROTEIRO PARA OS AMANTES DOS PUBS
Volta ao Mundo
25 DE ABRIL SER TURISTA EM PAÍSES COM POUCA LIBERDADE
Single travel
O PRAZER DE VIAJAR SOZINHO
ASSINE AQUI
Volta ao Mundo

PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais: **1.** Levantar. Agasalho. **2.** Resumo. Fruto do carvalho, sobreiro, azinheira, que é um aquénio provido de cúpula. **3.** Imposto sobre o Valor Acrescentado. Pequeno quarto de vestir. **4.** Ressentimento. Guarda-pó. **5.** Lugar de paragem (palavra inglesa). Cálcio (símbolo químico). Érbio (símbolo químico). **6.** Prepara gradualmente. **7.** Antes do meio-dia. Abreviatura de manuscrito. Modalidade de desporto automobilístico. **8.** Fita elástica para cingir a meia à perna. Falta de progresso. **9.** Casca de sobreiro e de outras plantas lenhosas. Preposição designativa de substituição. **10.** Pano tornado impermeável por meio de óleo, verniz ou de outra substância análoga. Abertura num fruto para ver se está maduro. **11.** Enfeitar com oiro. Irritar.

Verticais: **1.** Agarrar. Proscénio. **2.** Importância recebida pela assinatura de um contrato. Parte interna e macia do pão. **3.** Que ama. Congregação (figurado). **4.** Rádio (símbolo químico). Suprir uma falta (figurado). **5.** Um dos quatro naipes das cartas de jogar. Viagem. **6.** Guarnecer com abas. Ave de rapina. **7.** Benéfico. Elimina. **8.** Denegrir com fogo. Numeração romana (101). **9.** Na parte exterior. Esconder. **10.** Inflamação do ouvido. Deixa só. **11.** Gostara muito. Discursar.

SUDOKU

	6			5				4
9	5			2				1
		1				3	9	
	3	6			4			
		4				1		
			6		7	4	3	
1		9		6		7		
6			7		9	5		
	7					9		6

SOLUÇÕES

3	6	7	9	5	1	8	2	4
9	5	8	4	2	3	6	7	1
4	2	1	8	7	6	3	9	5
7	3	6	1	8	4	2	5	9
8	9	4	2	3	5	1	6	7
5	1	2	6	9	7	4	3	8
1	4	9	5	6	2	7	8	3
6	8	3	7	4	9	5	1	2
2	7	5	3	1	8	9	4	6

Palavras Cruzadas

Horizontais:
1. Alar. Abafo. 2. Suma. Bolota. 3. IVA. Camarim. 4. Rancor. Bata. 5. STOP. Ca. Er. 6. Elabora. 7. AM. Ms. Rali. 8. Liga. Atraso. 9. Cortiça. Por. 10. Oleado. Cala. 11. Oirar. Irar.

Verticais:
1. Asir. Palco. 2. Luvas. Miolo. 3. Amante. Grei. 4. Ra. Colmatar. 5. Copas. Ida. 6. Abar. Açor. 7. Bom. Corta. 8. Alabarar. Cl. 9. Fora. Alapar. 10. Otite. Isola. 11. Amara. Orar.

Covões, miradouros, cascatas e outras maravilhas da serra

ROTEIRO Por estes dias, a Serra da Estrela está branca, cheia de neve, como não se via há muito tempo. Mas no verão transforma-se, enche-se de novas cores e ganha outra beleza. Vale muito a pena partir à descoberta desta outra serra.



MIGUEL PEREIRA DA SILVA / GLOBAL IMAGENS

TEXTO **SOFIA FONSECA**

Se é daqueles que só vai à Serra da Estrela para ver a neve fique a saber que está a perder toda uma outra realidade não indo até lá no verão. A paisagem muda radicalmente, enche-se de cor e há locais que vale a pena descobrir.

OS MIRADOUROS

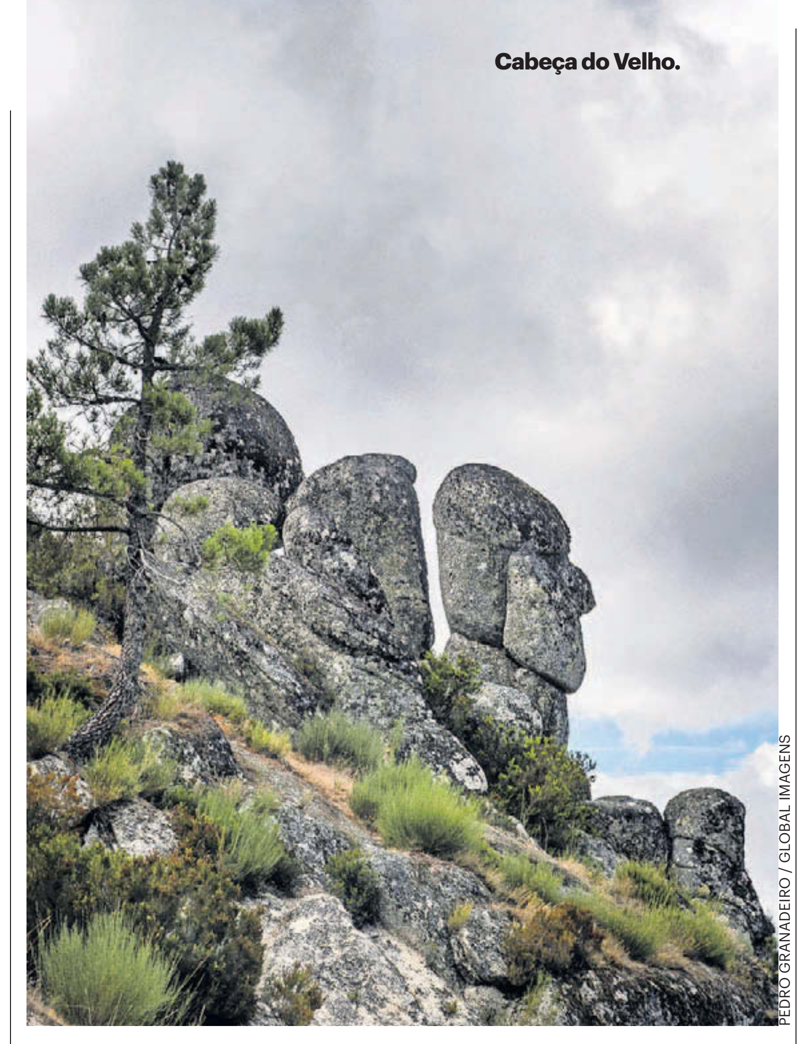
Há miradouros com vistas incríveis espalhados por toda a serra. Partindo da Covilhã em direção ao topo, pode começar por parar, ainda antes das Penhas da Saúde, na Varanda dos Carqueijais. Deste miradouro pode ver a superfície plana da Cova da Beira e, no fundo da encosta, toda a cidade.

Mais acima, nova paragem, desta vez no Miradouro de Piornos, situado a aproximadamente 1630 metros de altitude, de onde se tem uma visão para uma paisagem moldada por antigos glaciares.

Dois quilómetros adiante e terá uma vista privilegiada sobre o vale glaciar, um dos maiores da Europa, local onde nasce o Rio Zêzere, no Miradouro do Vale Glaciário. Mil metros mais à frente, sempre a subir, e uma plataforma suspensa, projetando-se sobre o vale, inaugurada há um ano, dá-lhe outra perspetiva da paisagem. É o Miradouro do Covão.

Recomenda-se uma ida à Torre, onde se tem uma panorâmica geral do cume da serra. Mas se o objetivo é passar pelos melhores *spots* em termos de paisagem, então, a seguir, é melhor prosseguir pela N338, como se fosse para Seia, e parar no Miradouro da Rocha, na cabeceira de um vale longo e encaixado, onde corre a Ribeira de São Bento.

Finalmente, na zona das Penhas Douradas, no alto da montanha, no Miradouro do Fragão do Corvo, consegue-se alcançar a vila de Manteigas, a magnitude do Vale Glaciar do Zêzere e a imponência da Fraga da Cruz.



Cabeça do Velho.

PEDRO GRANADEIRO / GLOBAL IMAGENS

OS COVÕES

A Serra da Estrela está cheia de covas de grandes dimensões. São os covões, dos quais o mais simbólico e poético será possivelmente o Covão da Ametade. É aqui, a cerca de 1500 metros de altitude, uma depressão mal drenada, que o Zêzere começa a ganhar corpo. Com uma vegetação envolvente maioritariamente composta por bétulas, é um cenário paradisíaco.

O Covão da Ponte, por onde corre o Rrio Mondego ainda numa fase inicial do seu percurso, é outra maravilha da serra.

Outro covão a não perder é o dos Conchos, que parece ser um buraco que suga a água da lagoa. Trata-se de um túnel com 48 metros de coroamento e 1519 metros de comprimento construído na década de 1950 e que leva as águas recolhidas da Ribeira das Naves para a Lagoa Comprida, bem mais abaixo. O acesso faz-se a pé por uma estrada de cerca de 5 quilómetros que parte da Lagoa Comprida e que pode apresentar algumas dificuldades no caminho.

AS ROCHAS SINGULARES

Há que ter destreza e resistência física para visitar a Nave da Mestra (também conhecida por Nave da Barca). Trata-se por isso de um local ainda desconhecido para muitos dos que visitam a Serra da Estrela, situado a 1700 metros de altitude e que parece uma nave gigantesca.

Diz a lenda que foi mandada construir pela família Matos Preto como casa de férias em 1910 e que ali terão acontecido muitas reuniões clandestinas dos republicanos. Hoje ainda se desconhece como foi ali colocada a gigantesca pedra que faz de telhado à casa, a qual serve de abrigo a pastores e montanheiros.

Em homenagem à santa protetora dos pastores está esculpida numa rocha a imagem de Nossa Senhora da Boa Estrela. Trata-se de uma obra com mais de sete metros de altura da autoria de António Duarte e que está situada no Lugar de Covão do Boi.

Finalmente, mais populares, tente ver a Cabeça da Velha e a Cabeça do Velho, blocos graníticos que, como os nomes indicam, fazem lembrar cabeças, ou as pedras do Cão e do Urso.

LAGOS E CASCATAS

Não é segredo para ninguém: a escadaria até à Cascata do Poço do Inferno é íngreme e perigosa. O que não impede, contudo, que milhares de visitantes façam esse percurso para ver a beleza desta queda de água de 10 metros, situada a 1080 metros de altitude, que atravessa a Ribeira de Leandres, acabando por desaguar no Zêzere.

Na Ribeira de Alvôco, mais precisamente na Aldeia de Barriosa, em Vide, encontra-se o Poço da Broca. Já o Poço do Lagar, localizado em Vasco Esteves de Baixo, foi transformado em zona balnear.

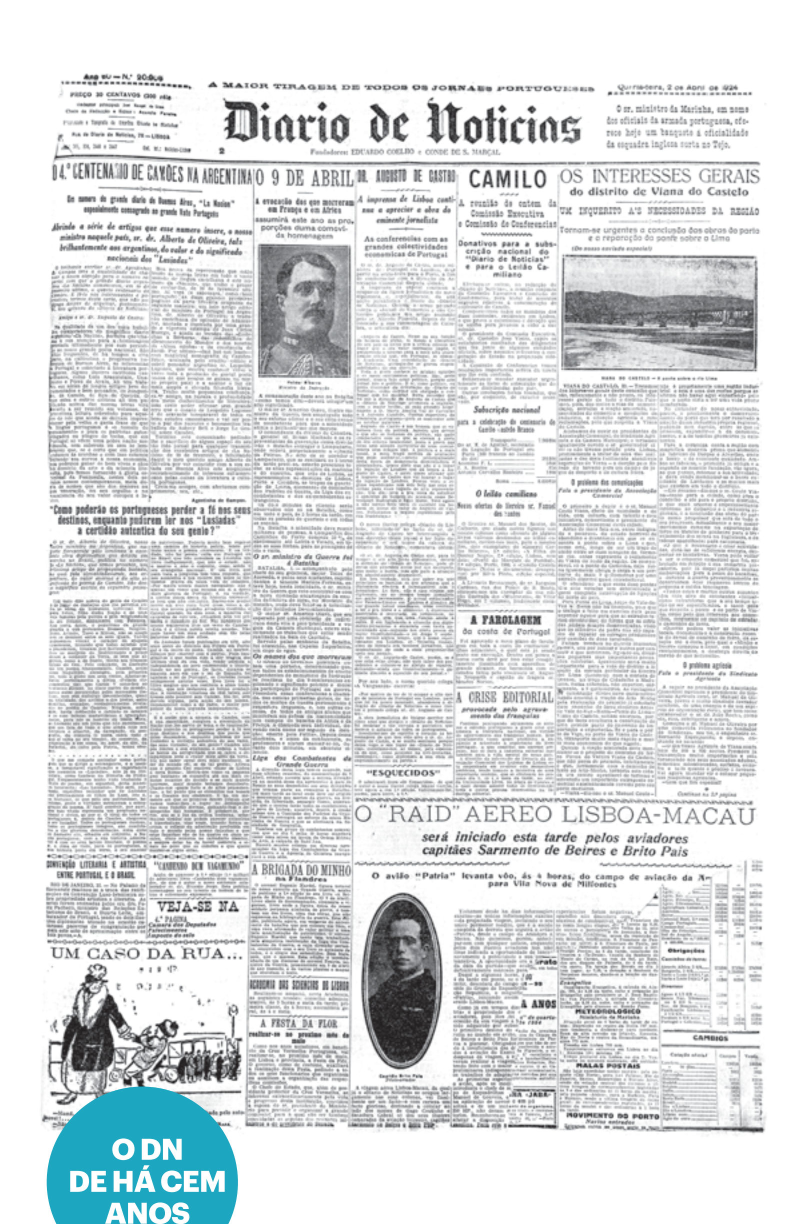
Situada a cerca de 800 metros de altitude, no curso da Ribeira de Loriga, a Praia Fluvial de Loriga distingue-se por ser a única praia portuguesa situada num vale glaciário e pelas suas águas puras e cristalinas.

Já em Cortes do Meio vale a pena explorar as várias cascatas e piscinas naturais que por ali há, entre as quais o Poço da Ponte Velha, o Poço da Montaria e o Poço das Azenhas.



Cascata do Poço do Inferno.

ARTUR MACHADO / GLOBAL IMAGENS


A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS JORNAES PORTUGUEZES

Diario de Noticias

O 4.º CENTENARIO DE CAMÕES NA ARGENTINA

O 9 DE ABRIL

CAMILO

OS INTERESSES GERAIS do distrito de Viana do Castelo

O "RAID" AEREO LISBOA-MACAU

será iniciado esta tarde pelos aviadores capitães Sarmento de Beires e Brito Pais

UM CASO DA RUA...

A BRIGADA DO MINHO

VEJA-SE NA 4.ª PAGINA

A FESTA DA FLOR

A FAROLAGEM

A CRISE EDITORIAL

"ESQUECIDOS"

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 2 DE ABRIL DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

UM CASO DA RUA...

—Mamã, mamã, quero vêr o homem que ficou esborrachado pelo automovel!...
—Não, não, vamo-nos embora! Deixa lá que amanhã vemos outro...

OS INTERESSES GERAIS
do distrito de Viana do Castelo

UM INQUERITO A'S NECESSIDADES DA REGIÃO

Tornam-se urgentes a conclusão das obras do porto e a reparação da ponte sobre o Lima

(Do nosso enviado especial)

VIANA DO CASTELO — A ponte sobre o rio Lima

VIANA DO CASTELO, 20. — Tratemos dos interesses gerais deste concelho que são, reflexamente e não pouco, os interesses gerais de todo o distrito. Falemos, pois, dos meios e vias de comunicação, estradas e viação acelerada, necessidades do comercio e condições da industria, e situação agricola e suas reclamações, pelo que respeita a Viana do Castelo.

Acabamos de ouvir os presidentes da Associação Comercial, do Sindicato Agricola e da Camara Municipal; e teriamos igualmente ouvido o sr. governador civil se não tivesse partido para Lisboa, precisamente a tratar de uma das mais justas e das mais facilmente atendiveis aspirações de Viana — a doação pelo Estado do terreno para um campo de jogos de desporto e de cultura fisica.

O problema das comunicações

Fala o presidente da Associação Comercial

O primeiro a depôr é o sr. Manuel Couto Viana, cheio de mocidade e de vida, com cultura, com talento e com iniciativa, comerciante e presidente da Associação Comercial desta cidade.

Antes de mais fala-nos, entre indignado e pesaroso, do estado horrivel de abandono e desarranjo em que se encontra a ponte sobre o Lima e que, como está, longe de ser um traço de união entre as duas margens do formoso rio: antes representa o isolamento de Viana do resto da região. De comparavel, só a ponte de Caminha, cuja ruina igualmente obriga a carga a um percurso de mais 9 quilometros por uma estrada distrital quasi intransitavel.

O abandono a que essas duas pontes têm sido votadas tem determinado a quasi completa interrupção de ligações no norte do pais.

Para Ponte do Lima, Arcos de Vale-de-Vez e Barca não há comboio, pelo que o trafego é feito em camiões dum pezo superior áquele para que as estradas foram construidas; de fórma que as estradas andam sempre desarranjadas, visto que os cilindros de pedra não são capazes de reparar os estragos produzidos por camiões de doze toneladas.

Faltam tambem no distrito inumeros ramais, uns por iniciar e outros por concluir e que serviriam, ligando-as, diversas pequenas mas importantes povoações minhotas. Igualmente seria muito importante para a vida do distrito a ligação da estrada particular da Electra del Lima (Lindoso) com a estrada de Orense, no troço de Cidadelhe a Madalena, numa extensão, não superior, certamente, a 9 quilometros. As vantagens da construção dêstes nove quilometros ligada ámanhã á viação do Alto Minho pela realização do projecto já estudado dum caminho de ferro electrico Arcos de Vale-de-Vez—Barca—Ponte do Lima—Viana do Castelo, seriam enormes, porque do facto resultaria a canalização de uma grande parte do comercio de importação e exportação, de e para o porto de Vigo, ao porto de Viana do Castelo, transporte muito mais rapido e muito mais economico do que aquele.

Quanto á viação acelerada deve mencionar-se o projecto do caminho de ferro Povoa do Varzim Viana do Castelo, que não passa de projecto, infelizmente e que, juntamente com o caminho de ferro ao Alto-Minho, tornaria esta cidade um centro apreciavel de turismo e sobretudo um importante entreposto comercial excelentemente servido pelo seu porto maritimo.

—Viana—diz-nos o sr. Manuel Couto—não é propriamente uma região industrial e esta é uma das razões porque se afirma não haver aqui «interland» pelo que o porto viria a ter uma vida pouco desafogada.

No entender do nosso entrevistado, porem, é precisamente o desenvolvimento do porto que terá por resultado a criação duma industria propria regional, podendo sem duvida, entre ás que se criassem, expandir-se a da ceramica, barros, e a de tecidos grosseiros já existentes.

Para a ceramica conta a região com magnifica materia prima que alimenta as fabricas de Darque e Alvarães, onde o barro é de excelente qualidade. Ambas as fabricas, a primeira já antiga e a segunda de recente fundação, vão agora, ao que parece, retomar a sua actividade; e deve ainda mencionar-se o barro excelente de Lanhezes e os muitos mais que existem em todo o districto.

—Em resumo—diz-nos o sr. Couto Viana—tanto para a cidade, como para o concelho e até para o proprio districto, o que mais urgente e imperiosamente interessa ao comercio e á industria regionais, é a conclusão das obras do porto como propulsor que será de todo o seu progresso. Actualmente o seu maior movimento consiste na exportação de toros ou trancas de pinheiro para o travejamento das minas na Inglaterra, e de taboas aparelhadas para caixotaria.

«O que é necessario é criar actividades, dotá-las de suficiente energia, despertar as iniciativas. Viana póde voltar a ser o emporio comercial que foi, sobretudo em relação á sua industria piscatoria, pois já daqui partiram muitas embarcações para a pesca do bacalhau, e durante a guerra proveitosamente se construiram aqui inumeros barcos de pequena e média tonelagem.

«Todos estes e muitos outros assuntos têm sido alvo de constantes «démarches» infrutiferas que a seu tempo terão de ser especificados, o tanto pelo que respeita á ponte e ao porto de Viana, como pelo que interessa aos concelhos, mormente no capitulo de estradas e caminhos de ferro.

«Quanto podem valer as iniciativas locais, documenta-o a construção recente do ramal de caminho de ferro, da estação até á doca, pelo qual o «Minho e Douro» começou a fazer, em condições vantajosissimas, a descarga directa do carvão de que necessita».

O problema agricola

Fala o presidente do Sindicato Agricola

A seguir ao presidente da Associação Comercial ouvimos o presidente do Sindicato Agricola local, sr. Manuel de Oliveira, jovem e muito abastado lavrador minhoto, de uma energia e de um espirito de organização raros, que tem como colaborador o sr. dr. João Rocha, como ele, rico, inteligente e activo.

Começou o sr. Manuel de Oliveira por uma comovida referencia ao fundador do Sindicato, seu tio, o engenheiro sr. Bernardo Espregueira; e depois, entrando no assunto:

—O Sindicato Agricola de Viana conta hoje de 800 a 900 socios. Promove já transacções muito importantes e está fornecendo aos seus associados adubos, sementes seleccionadas, sulfatos, enxofre e tudo quanto é preciso á lavoura. Vai agora mandar vir e colocar pequenas maquinas agricolas.

—Com que fim especial?

*

Continua na 2.ª pagina

O 9 DE ABRIL

A evocação dos que morreram em França e em Africa

assumirá este ano as proporções duma comovida homenagem



Helder Ribeiro
Ministro da Instrução

A comemoração deste ano na Batalha —como temos dito—deverá atingir um alto significado.

O maior sr. Americo Olavo, ilustre ministro da Guerra, tem empregado todo o seu esforço oficial e o seu entusiasmo de combatente para que a solenidade atinja o brilhantismo que merece.

O comandante da divisão de Coimbra, o general sr. Simas Machado e os representantes da guarnição dessa divisão irão á Batalha entregar o Lampadario, onde arderá perpetuamente a «Chama da Patria». No acto de se acender o Lampadario, que se realizará ás 5 horas da tarde precisas, estarão presentes todas as altas representações da marinha e do exercito, que irão de Lisboa, as representações academicas de Lisboa, Porto e Coimbra, as tropas da guarnição de Leiria, elementos de comissões dos Padrões de Guerra, da Liga dos ex combatentes e dos ex-combatentes estrangeiros.

Os dois minutos de silencio serão observados não só na Batalha, como em todo o país, ás 5 horas da tarde, em todas as paradas de quarteis e em todas as escolas.

Na Batalha a solenidade deve reunir milhares de pessoas. A Companhia dos Caminhos de Ferro concede 50 % de abatimento até Leiria e Valado, em todas as suas linhas, para as passagens de ida e volta.

O sr. ministro da Guerra foi á Batalha

BATALHA, 1. — Acompanhado pelo chefe do seu gabinete, major Teles de Azevedo, e pelos seus ajudantes, capitão Santos e tenente Martins Ferreira, esteve hoje, nesta localidade, o sr. ministro da Guerra que veio encontrar-se com a nova comissão encarregada da escolha definitiva do local, no Mosteiro da Batalha, onde deve fazer-se a tumulização dos Soldados Desconhecidos.

O major sr. Americo Olavo, que era esperado por uma comissão de individuos desta vila e pelo presidente e vogais da Camara Municipal, esteve examinando os trabalhos que estão sendo realizados na Sala do Capitulo.

Servido pelas senhoras da Batalha, foi oferecido, nas Capelas Imperfeitas, um copo de agua.

Os nomes dos que morreram

O «Diario do Governo», publicava ontem uma portaria, determinando que, em todos os estabelecimentos de ensino dependentes do ministerio da Instrução se realizem no dia 9 conferencias explicando o significado politico e moral da participação de Portugal na guerra. Precedera essas conferencias a chamada, nas escolas primarias gerais, de todos os mortos da Guerra pertencentes á respectiva freguesia, e, nas outras escolas, de todos os antigos alunos que morreram em defesa da nacionalidade nos campos de batalha da Africa e da França. A chamada será individual, devendo cada nome ser seguido da menção: «morto pela Patria». Depois dessa chamada, e antes da conferencia, os professores e alunos manter-se-ão, durante dois minutos, em absoluto silencio.

Liga dos Combatentes da Grande Guerra

A direcção desta Liga tem-se ocupado, nas suas ultimas reuniões, da comemoração do 9 Abril, estando assente que a mesma direcção vá na manhã desse dia apresentar á gare do Rossio as suas despedidas aos seus delegados que tomam parte na romagem á Batalha; irá mais tarde ao local onde deve ser erigido o monumento aos mortos da guerra, na Avenida da Liberdade, espargir flores, esperando que o mesmo farão todos os combatentes e o povo de Lisboa; assistirá, depois, á sessão solene que a Comissão dos Padrões da Grande Guerra consagra ao esforço da nossa Marinha de Guerra e que se efectuará na Sociedade de Geografia.

Tambem um grupo de combatentes comunicou que no dia 9, pelas 10 horas mandará rezar uma missa na igreja da Ordem Militar de Avís, á calçada de Sant'Ana.

Haverá sessões solenes em diversas agremiações da Liga dos Combatentes da Grande Guerra e a Agencia de Coimbra inaugurará a sua séde.




LOUAI BESHARA / AFP

Faisal Mekdad (*ao centro*), ministro dos Negócios Estrangeiros da Síria, indignado com o ataque israelita.

Irão promete resposta dura a ataques de Israel na Síria

GUERRA Pelo menos oito pessoas morreram no ataque com F-35 à embaixada iraniana em Damasco, capital síria. Embaixador lança aviso ao "regime sionista".

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

Hossein Akbari, embaixador do Irão na Síria, garantiu ontem que Teerão responderá "duramente" a Israel pelo ataque ao consulado iraniano em Damasco, capital síria, que provocou pelo menos oito mortos, incluindo um general da Guarda Revolucionária. "O regime sionista age contra as leis internacionais, por isso receberá uma resposta dura da nossa parte", disse Akbari à televisão estatal iraniana em Damasco.

Este diplomata presenciou da janela da embaixada iraniana o ataque ao consulado, que disse ter sido realizado com caças F-35. O consulado iraniano foi atingido por vários ataques israelitas, com o Observatório Sírio dos Direitos Humanos (OSDH) a confirmar que oito pessoas morreram nos bombardeamentos. "Os ataques israelitas atingiram um edifício no Bairro de Mazzeh, em Damasco", uma área que inclui os edifícios da embaixada iraniana e o edifício das Nações Unidas, informou a agência noticiosa oficial síria Sana, acrescentando que "os sistemas de defesa aérea atacaram alvos inimigos nas imediações" da capital.

Admite-se, no entanto, a possibilidade de existirem mais vítimas mortais. Em Teerão, a imprensa estatal iraniana confirmou que o ataque israelita tinha destruído um anexo da embaixada iraniana. Já a agência noticiosa iraniana Nour anunciou que "Hossein Akbari, embaixador da República Islâmica do Irão em Damasco, e respetiva família não ficaram feridos".

A televisão estatal iraniana e uma organização síria garantiram mais tarde que os ataques israelitas provocaram a morte de um comandante e de cinco outros elementos do Corpo da Guarda Revolucionária. "O brigadeiro General Mohammad Reza Zahedi, um dos principais comandantes da Força Quds do Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica, foi martirizado", informou a televisão estatal iraniana Irib.

O ministro dos Negócios Estrangeiros da Síria, Faisal Mekdad, condenou "veementemente o hediondo ataque terrorista" que matou "várias pessoas inocentes". "A entidade de ocupação israelita não será capaz de afetar os laços entre o Irão e a Síria", disse ainda Mekdad. **Com Agências**

BREVES

Nova Lei da Nacionalidade ainda sem aplicabilidade

Diminui o tempo que dá direito a solicitar a nacionalidade portuguesa, mas, na prática, os imigrantes ainda não podem ser beneficiados por essa flexibilização. O Governo não definiu a regulamentação das alterações na legislação, que entrou em vigor oficialmente ontem. Para que possa ser aplicada, é necessário que a regulamentação seja publicada em *Diário da República* (DR). Até lá, fica sem efeito o pedido antecipado da cidadania portuguesa a quem possui esse direito. Por norma, o Governo tem 60 dias para a publicação dos pormenores. No caso das alterações à Lei dos Estrangeiros, a entrada em vigor foi no final de setembro, mas a regulamentação apenas foi publicada depois e passou a valer a 30 de outubro. Ou seja, as mudanças que beneficiaram os imigrantes foram postas em prática mais de um mês depois da entrada em vigor. O período também coincide com a saída do PS do Governo e a entrada do PSD, partido com visão distinta sobre a imigração. O DN tentou saber, junto ao Ministério da Justiça e à Agência para as Migrações, Integração e Asilo se já houve algum diálogo sobre o tema, mas ainda não obteve resposta. O detalhe mais importante que a regulamentação vai revelar é a partir de quando será contabilizado o tempo de residência em Portugal para ter direito à nacionalidade. As alterações têm o objetivo de passar a contabilizar o tempo de espera pelo título de residência por Manifestação de Interesse (MI), o que pode beneficiar milhares de imigrantes. Contudo, é na regulamentação que ficará definido se a contagem começa quando a MI é aprovada ou quando solicitada. O documento, a ser publicado nos próximos 60 dias, terá ainda de deixar claro como será a aplicabilidade das alterações nos casos dos títulos da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). O título apresenta uma série de limitações, como o impedimento de viajar, de reagrupar familiares e de renovação.
AMANDA LIMA

Um morto e uma detida em assalto a agente da PSP

Uma pessoa morreu na madrugada de ontem na sequência de uma tentativa de assalto a um agente da PSP, em Algés, no Concelho de Oeiras. O agente foi abordado por um homem às 3.30 e, sob ameaça de arma de fogo, foi obrigado a conduzir até a um descampada, onde o suspeito se juntou a uma mulher, tendo ambos obrigado o agente a ir à sua residência em Benfica, onde o polícia acabou por chegar à sua arma de serviço, atingindo mortalmente o suspeito no tórax, enquanto a mulher que estava no exterior da casa acabou por fugir, tendo sido mais tarde detida pela PSP. O caso está agora entregue à Polícia Judiciária.



Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Secretário-geral** Afonso Camões **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt


5 605290 023002


56593